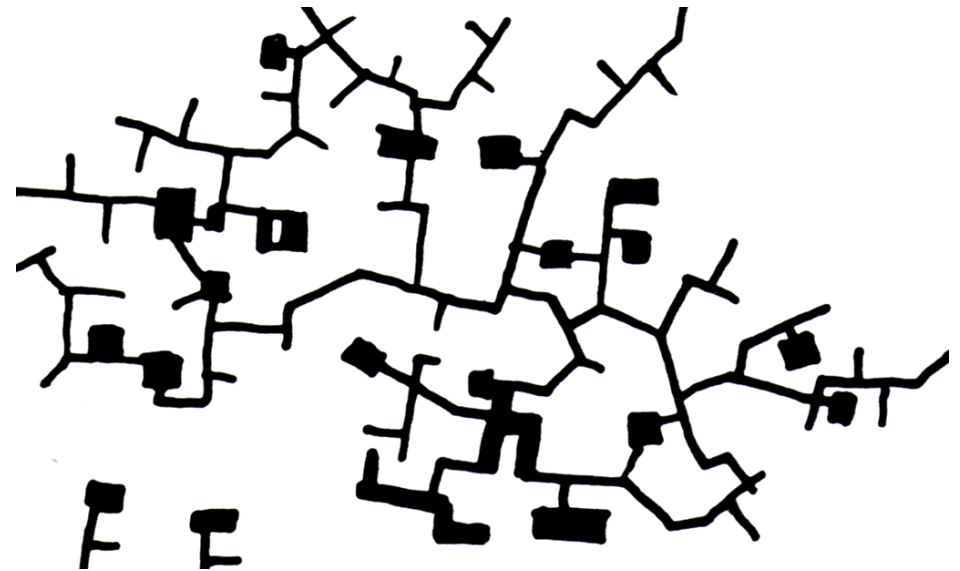


UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Faculdade de Arquitetura
Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura

**ALISON E PETER
SMITHSON:**

UMA ARQUITETURA DA REALIDADE



DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Laura Mardini Davi

Orientadora: Cláudia Piantá Costa Cabral

Porto Alegre - 2009

RESUMO

A pesquisa consiste no estudo dos projetos de habitação coletiva de Alison e Peter Smithson, compreendido entre os anos 1950 e 1972. São dois os projetos analisados, o projeto para Golden Lane, desenvolvido para um concurso, em 1951, e o conjunto Robin Hood Gardens, cuja construção foi finalizada no ano de 1972. Os procedimentos adotados para elaborar esta investigação foram o estudo da produção escrita dos arquitetos, bastante ampla e significativa para o entendimento global dos seus projetos, o redesenho das obras, incluindo a produção de desenhos e maquetes eletrônicas dos edifícios, o que possibilitou uma análise sistemática de cada um destes dois projetos, permitindo o entendimento da obra dos Smithsons e sua relação com o contexto do pós-guerra.

Palavras-chave: *Alison e Peter Smithson, habitação coletiva, Movimento Moderno.*

ABSTRACT

This research consists of the study of council housing projects made by Alison and Peter Smithson, from 1950 to 1972. Two projects were analysed: the project for Golden Lane, developed for a competition in 1951, and Robin Hood Gardens, whose construction was finished in 1972. The procedures adopted to elaborate this investigation were: the study of the architects' written production, extensive and significant to the overall understanding of their projects and the re-design of the projects, including the building of computer-generated scale models of the buildings, which allowed a systematic analysis of each of these two projects, thus bringing a good perception of the Smithson's work and their relation to the post-war context.

Key-words: *Alison and Peter Smithson, Council housing, Modern Movement.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4	3.4. MULTILEVEL CITY, A CIDADE POR TRÁS DO EDIFÍCIO: Golden Lane como protótipo	82
1.1. O TEMA DA HABITAÇÃO	6	3.5. O PROJETO VENCEDOR	91
1.2. O PÓS-GUERRA E A SITUAÇÃO BRITÂNICA.....	10	3.6. ANTECEDENTES	95
1.3. OBJETIVOS DA PESQUISA	12	A CIDADE CONTEMPORÂNEA	97
1.4. ESTADO DA QUESTÃO	13	UNIDADE DE HABITAÇÃO DE MARSELHA.....	101
1.5. METODOLOGIA.....	15	A EXPERIÊNCIA BRASILEIRA: Conjunto pedregulho	105
ALISON E PETER SMITHSON: um panorama da multiplicidade	17	ROBIN HOOD GARDENS – a experiência construída	109
2.1. OS ANOS INDEPENDENT GROUP	19	4.1. O início dos trabalhos, o programa e as alterações	112
2.2. O CIAM e o Team 10.....	24	4.2. SÍTIO – o distrito de tower hamlets	116
2.3. PRODUÇÃO ARQUITETÔNICA: edifícios construídos.....	37	4.3. ROBIN HOOD GARDENS: Edifícios como muros	118
2.4. PRODUÇÃO ESCRITA: livros, artigos, idéias, docência.....	44	4.4. A CONEXÃO QUE PERMITE A DISPERSÃO	138
GOLDEN LANE – uma proposta, um protótipo	48	4.5. PARK HILL ESTATE	143
3.1. O CONCURSO, O SÍTIO E O PROGRAMA.....	51	CONCLUSÃO	146
3.2. O EDIFÍCIO COMO RUA: a proposta dos Smithsons	53	REFERÊNCIAS	152
3.3.IDENTIDADE, CLUSTER E OS ELEMENTOS DA CIDADE: a casa, a rua, o bairro.....	76	6.1. FONTES DAS FIGURAS	153
		6.2. BIBLIOGRAFIA	158

1

INTRODUÇÃO



“É preciso criar uma arquitetura da realidade. Uma arquitetura que tenha como ponto de partida o período de 1910 – de De stijl, do Dadá e do Cubismo – e que ignore o dano ocorrido por consequência das quatro funções (habitar, trabalhar, recrear e circular). Uma arte preocupada com a ordem natural, pela relação poética entre os seres vivos e o entorno.”¹



Figura 1 - Diagrama de Peter Smithson mostrando a relação do habitat com a paisagem

¹ SMITHSON, Alison e Peter. *The New Brutalism*. **Architectural Review**. Abril de 1954. p.274- 275.

1.1. O TEMA DA HABITAÇÃO

*“O tema da residência (a casa do homem e a sua relação com os demais temas do espaço habitável) se converte no tema central de discussão entre os arquitetos europeus no início do século XX. Há inúmeros textos, propostas, esquemas e debates que tratam da reflexão sobre a forma residencial entre 1910 e 1945. É, portanto, de certa forma lícita e natural a identificação entre a cidade moderna e as propostas residenciais da arquitetura moderna, uma vez que estas constituem a “trama de fundo” sobre a qual se assenta a idéia de cidade elaborada pela cultura arquitetônica na primeira metade do século XX.”*²

Ao contrário do ocorrido com a cidade oitocentista em que o traçado viário, a ordenação das edificações ou a composição urbana prevaleciam como leis de construção da cidade, nas propostas modernas a habitação recobra sua importância, e é concebida como o elemento que condiciona a cidade em seu

² MARTÍ ARÍS, Carlos (ed.) **Las Formas de la Residencia en la Ciudad: Vivienda y Ciudad em la Europa de Entreguerras**. Barcelona: Upc, 2000.

conjunto. Dessa maneira, Martí Arís afirma que, quando Le Corbusier concebe suas primeiras formulações urbanísticas, seu ponto de partida não é uma normativa abstrata ou parâmetros quantitativos e sim uma idéia muito precisa sobre a casa do homem na cidade moderna. A casa é, assim, uma metonímia de uma cidade inteira.³

A inauguração da Unidade de Habitação de Marselha coincidiu com a reunião de 1953 do Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM IX). Segundo Curtis, em seu livro *Arquitetura Moderna desde 1900*, ao se reunirem para a festa de inauguração no terraço jardim, os arquitetos presentes talvez tenham se dado conta de que aquela enorme nave era a corporificação das doutrinas que eles haviam apresentado em outra ocasião como a Carta de Atenas.⁴ Alison e Peter Smithson participaram desta visita à Unidade de Habitação, e juntamente com a geração mais jovem que estava presente organizaram o

³ MARTÍ ARÍS, Carlos (ed.) **Las Formas de la Residencia en la Ciudad: Vivienda y Ciudad em la Europa de Entreguerras**. Barcelona: Upc, 2000.

⁴ CURTIS, William J.R. **Arquitetura Moderna Desde 1900**. Tradução: Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2008.

congresso seguinte, em Dubrovnik. O CIAM 10 foi organizado pelo Team 10, um grupo de arquitetos que buscava resgatar a força moral heróica do modernismo do passado, e ao mesmo tempo torná-lo relevante a um mundo profundamente transformado após duas guerras. Mas era impossível ignorar a Unidade de Habitação como protótipo, como afirma Curtis.

*“Uma tradição é formada por outras características além de uma seqüência de estilos pessoais dentro de temas amplamente compartilhados. Algumas dessas linhas de continuidade talvez também possam ser definidas em termos da ‘evolução’ das tipologias de edificação. Estas podem ser mais do que uma variedade de vocabulários individuais, e mesmo assim responder a certos problemas-chave. Pode até acontecer que uma edificação individual inicie uma seqüência e assuma o papel de um protótipo. A Unidade de Habitação (1947-53) teve uma função desse tipo no campo da habitação coletiva.”*⁵

Em *Ordinariness and Light* (1970), Alison e Peter Smithsons afirmam que dezesseis anos depois, em 1970, quando reeditaram

⁵ CURTIS, William J.R. **Arquitetura Moderna Desde 1900**. Tradução: Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2008.

seus artigos do início dos anos 50, eles próprios dão-se conta que àqueles jovens arquitetos de então não foi permitido que colocassem em prática, na Grã-Bretanha, todos os seus estudos dedicados ao que consideravam o grande experimento habitacional de Le Corbusier, a Unidade de Habitação de Marselha. E que pudessem lidar, à sua maneira, com o que consideram seu grande tema de interesse: a habitação.⁶

As propostas para a habitação do homem representaram, dentro do movimento moderno, um tema central para o desenvolvimento da idéia de cidade moderna e, mais do que isso, há uma idéia de constituição de cidade em algumas dessas propostas. As propostas habitacionais de Alison e Peter Smithson se alinham com esse pressuposto moderno, seus conjuntos habitacionais propostos e construídos traziam junto consigo uma reflexão sobre a cidade.

Carlos Martí Arís afirma que a cidade com que se confronta o movimento moderno é a cidade deixada como herança pelo

⁶ SMITHSON, Alison e Peter. **Ordinariness and Light** Urban Theories 1952-1960 and Their Application in a Building Project 1963-1970. The MIT Press: Cambridge, Massachusetts, 1970.

desenvolvimento industrial da cidade oitocentista, e não a idílica cidade tradicional. São dois os aspectos principais nos quais se experimenta a modificação na estrutura da cidade industrial em relação a cidade tradicional, a transformação dos tipos residenciais e o papel da infra-estrutura no desenho da cidade. Na cidade tradicional, o tecido urbano estava composto basicamente por casas unifamiliares. Com o surgimento da indústria se consuma a separação entre casa e trabalho, e o negócio imobiliário de converte em uma atividade econômica de primeira ordem. O elemento constitutivo na formação das cidades passa a ser a quadra urbana, ou bloco, composto por edifícios residenciais coletivos.⁷

O urbanismo moderno foi primordialmente influenciado pela Carta de Atenas, finalizada no IV congresso do CIAM (Congresso Internacional de Arquitetura Moderna) em 1933. A Carta foi elaborada após uma série de congressos onde foram discutidos temas relativos aos problemas causados pelo rápido crescimento das cidades, provocado pela mecanização da produção e pelas

⁷ MARTÍ ARÍS, Carlos (ed.) *Las Formas de la Residência en la Ciudad: Vivienda y Ciudad em la Europa de Entreguerras*. Barcelona: Upc, 2000.

mudanças nos meios de transporte, e as maneiras como a arquitetura Moderna poderia responder à estas questões. A Carta de Atenas propunha um zoneamento monofuncional das ditas funções-chave do urbanismo: habitar, trabalhar, recrear e circular, ordenando o território de maneira que a circulação estabelecesse a comunicação entre as diferentes funções. Segundo Reyner Baham, é justamente a generalização, que confere à carta de Atenas o ar de aplicabilidade universal, que também a torna limitada, e acaba por comprometer o CIAM com o zoneamento funcional rígido e com uma única tipologia possível para a moradia urbana, ‘blocos de apartamentos altos e com bom espaço entre si’. Para Banham, não se reconhece nisto nada além de uma preferência estética, mas que teve, na época da elaboração da Carta, a força de um mandamento.⁸

A Carta de Atenas havia dividido as funções básicas em apenas moradia, trabalho, lazer e circulação. A nova sensibilidade em que Alison e Peter Smithson estavam envolvidos exigia algo menos simplista. Os Smithsons estavam em busca de um padrão

⁸ BANHAM, Reyner. *El brutalismo en Arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1967.

novo, que expressasse uma imagem mais complexa da cidade e do comportamento social. Em meados dos anos 50, palavras como associação, bairro, e agrupamento começavam a substituir a terminologia anterior, mais abstrata, enquanto as analogias orgânicas de crescimento e mudança passavam a substituir as rígidas geometrias da cidade radiante. Esta nova geração, da qual os Smithsons fazem parte, procurava um relacionamento mais complexo e solidário entre as velhas tramas urbanas e as novas funções. Deve-se enfatizar, no entanto, que os esquemas herdados da arquitetura moderna anterior não estavam sendo completamente rejeitados; muito pelo contrário, eles eram aceitos como valiosos e então modificados.

1.2. O PÓS-GUERRA E A SITUAÇÃO BRITÂNICA

O pós-guerra britânico foi marcado pela perda de hegemonia mundial e pela reconstrução do país com a forte presença do Estado em variados segmentos sociais. Nos anos 50, o modernismo se tornou a arquitetura oficial do Estado do Bem-Estar na Inglaterra. A necessidade de construção de novas moradias e o sucesso do *Festival of Britain*, de 1951, deram ao Movimento Moderno um papel central na política pública britânica no pós-guerra. Os Smithson têm grande importância dentro deste contexto, propondo uma arquitetura nova, em certos aspectos, e que tentava dar novas respostas a aspectos deixados de lado pelo Movimento Moderno.

No início, na Grã-Bretanha, a nova arquitetura não teve o mesmo apoio amplo dado, por exemplo, na Escandinávia, mas nos anos após 1945 esta situação mudou conforme o movimento se tornava menos marginal em relação a cultura em geral e, na verdade, bastante central para a reconstrução de cidades bombardeadas e disponibilização de habitação popular em grande

escala. O *British Welfare State* (Estado do Bem-estar Social Britânico) forneceu mais do que uma oportunidade para construção de escolas, hospitais e apartamentos; ele também sugeriu um *etos*, um ideal social, ao qual os arquitetos não eram cegos. Contudo, as limitações daqueles paradigmas logo começaram a aparecer, e surgiram novas idéias que eram supostamente mais bem ajustadas às condições e aos hábitos de espíritos britânicos. Não é surpreendente que as vanguardas que procuravam consolidar os significados profundos da existência da classe operária buscassem inspiração na vida densa das ruas dos antigos cortiços que tanto as bombas como as escavadeiras das novas construções haviam destruído bastante. Uma geração mais nova nada queria com o movimento do *Royal Festival Hall*, e dentre eles estavam Alison e Peter Smithson. Os Smithsons rejeitavam qualquer insinuação de uma estética fechada em favor de uma estética de mudança. Isso estava evidente em seu projeto para o conjunto habitacional Golden Lane (1951).⁹

⁹ CURTIS, William J.R. *Arquitetura Moderna Desde 1900*. Tradução: Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2008.

O *Festival of Britain*, ocorrido na Grã-Bretanha em 1951, teve origens majoritariamente suecas, num estilo catalogado por Kenneth Frampton como Contemporâneo. O Novo Brutalismo surgiu, como movimento, principalmente como uma reação a este 'estilo', que aparecia, na Inglaterra, como uma síndrome normativa. Os Smithson foram contra as tendências Contemporâneas e Suecas do *Festival of Britain* com seu projeto para Hunstanton. Segundo Frampton, deve-se olhar para a Hunstanton School como uma antítese consciente ao programa britânico para a construção de novas escolas que vigorava na época.¹⁰

Dentro do contexto dos anos 50 e 60, considera-se a obra de Alison e Peter Smithson, como um todo, importante, especialmente no que diz respeito aos aspectos relacionados com as ligações que os arquitetos tentavam estabelecer entre o indivíduo e o ambiente. Diferentemente das respostas dadas pelo Movimento Moderno dos CIAM, ao qual são geralmente colocados como opositores, os Smithson buscaram distanciar-se das soluções universais, fazendo um novo caminho e procurando novas

respostas às questões de como lidar com a crescente sociedade de consumo na época e em como reutilizar cidades antigas, algumas devastadas pela guerra, em uma idade moderna, sem que para isso fosse necessária a simples substituição de uma cidade por outra.

¹⁰ FRAMPTON, Kenneth. *The English Crucible*. In: VAN DEN HEUVEL, Dirk e RISSELADA, Max. **Team 10 1953-1981**, In Search of a Utopia of the Present. Rotterdam: Nai Publishers, 2005. Disponível em: <www.team10online.org>

1.3. OBJETIVOS DA PESQUISA

Esta dissertação tem como objetivo analisar e discutir os projetos de habitação coletiva de Alison e Peter Smithson. O contexto onde a obra dos arquitetos se inseriu abarca o período pós Segunda Guerra Mundial, até o início dos anos 70, quando da finalização das obras do Conjunto Robin Hood Gardens. A investigação se detém no âmbito da análise do projeto arquitetônico e sua inserção no contexto urbano.

O contexto britânico, os CIAM e o pós-guerra foram estudados por serem considerados de fundamental importância para o entendimento global do objeto de estudo, embora não constituam o interesse principal desta dissertação. São dois os projetos analisados: o projeto para Golden Lane, que foi elaborado pelos Smithsons em ocasião de um concurso, em 1951, e do qual não saíram vencedores, mas a proposta apresentada é emblemática por trazer consigo o desdobramento teórico para a habitação que os Smithsons estavam desenvolvendo; e o projeto que foi construído, o conjunto habitacional Robin Hood Gardens, projeto iniciado em 1964 e cujas obras finalizaram em 1972.

As opiniões de autores influentes foram consideradas, a fim de colaborar para a formação do posicionamento crítico sobre o projeto, assim, foi realizada a revisão destas bibliografias para que fosse desenvolvida uma análise própria, não havendo uma adoção da linha de pensamento de um autor determinado. O estudo está focado, portanto, na elaboração de uma análise crítica sobre os projetos habitacionais mais relevantes dos Smithsons neste período, o projeto para o Golden Lane, e o conjunto construído Robin Hood Gardens.

Para elaborar esta análise foram estudados os textos e materiais escritos e publicados por Alison e Peter Smithson, além de análises críticas de outros autores sobre os temas estudados. Alison e Peter Smithson que se diferenciam pelo fato de eles próprios haverem organizado diversas compilações de suas obras, projetos e artigos em livros e também em periódicos.

Consta, também, entre os objetivos da pesquisa, a incorporação de uma qualidade didática ao conteúdo estudado, possibilitando através desta dissertação uma contribuição ao estudo da obra destes arquitetos. Parece haver ainda oportunidade para o desenvolvimento de uma pesquisa que contribua não só no sentido de compilar temas já propostos e discuti-los, mas também elaborar uma análise sistemática dos projetos de Alison e Peter Smithson.

1.4. ESTADO DA QUESTÃO

Alison e Peter Smithson têm uma produção escrita extensa, entre artigos e livros, e é a análise desta fonte, e a relação da mesma com os projetos e a obra construída destes arquitetos que esta dissertação se propõe. Apesar da obra construída pouco extensa, são arquitetos sempre citados, especialmente no que se refere ao seu principal tema de estudo, a relação entre as escalas, entre a habitação, a rua e a malha urbana, temas que são pontos-chave do Movimento Moderno.

O casal de arquitetos publicou um número significativo de artigos em periódicos durante as décadas de 50 e 60, especialmente na revista *Architectural Design*. Esta publicação foi, durante estes anos, o principal meio de divulgação das idéias e obras de Alison e Peter Smithson. Os seus artigos mais significativos, e a maioria do seu trabalho no desenvolvimento dos projetos, como croquis e esquemas, foram, mais tarde, compilados em livros, como as publicações *Ordinariness and Light* (1970), *Urban Structuring* (1967) e *Without Rhetoric* (1973), organizadas por Alison Smithson e consideradas extremamente relevantes para a pesquisa. A publicação final dos Smithsons, *The Charged Void:*

Architecture (2001) e *The Charged Void: Urbanism* (2005), é uma obra que traz a produção dos arquitetos de forma bastante completa, especialmente dos projetos, apresentando imagens com uma qualidade superior em relação às publicações anteriores, e apresentando plantas baixas, cortes e croquis esquemáticos das propostas em maior número. Os textos dos artigos aparecem nestes volumes de forma resumida, mas as idéias centrais desenvolvidas pelos Smithsons ao longo dos anos de trabalho são condensadas e apresentadas juntamente com as imagens correspondentes.

O livro de Marco Vidotto, *Alison e Peter Smithson: work and projects*, traz uma apresentação do trabalho do casal e uma introdução às suas idéias e ao surgimento do termo Novo Brutalismo na Inglaterra. Vidotto faz também neste livro um catálogo das obras dos arquitetos, de maneira resumida, com pequenas explicações e algumas imagens, tratando-se de um panorama geral dos projetos e edifícios construídos por eles. Há também dois livros publicados recentemente que discutem criticamente a obra de Alison e Peter Smithson. Em *Modernism Without Rhetoric: Essays on the work of Alison and Peter Smithson*, Helena Webster traz uma compilação de artigos sobre a obra do casal, assim como Pamela Johnston também o faz, trazendo uma

compilação de diversos artigos de críticos sobre o trabalho dos arquitetos em *Architecture is Not Made with the Brain, the Labor of Alison e Peter Smithson*. Como o próprio livro apresenta em seu prefácio, Johnston oferece uma visão em close do legado dos Smithson, em artigos escritos por pessoas que os conheciam diretamente, como empregados, clientes, críticos e amigos. Estas publicações são bastante relevantes para a pesquisa, pois apresentam uma análise crítica direta sobre a obra de Alison e Peter Smithson, de críticos que estudam o tema.

Existem diversificadas portas de entrada para a sua produção, pois são arquitetos significativos quando se trata de assuntos diversos como o Novo Brutalismo Inglês, as atividades do Independent Group, movimento artístico ocorrido em Londres nos anos 50, sua atividade no CIAM e posteriormente como membros ativos do Team 10. Não construíram tanto como pode-se imaginar em função da sua importância como teorizadores da arquitetura e do espaço construído. O que enfatiza a pertinência do tema como objeto ainda inesgotado para estudo.

Foram utilizadas como objeto de estudo obras que se aproximam do tema da dissertação a partir do enfoque do Team 10. Em 2001 houve um congresso sobre o Team 10, e os artigos apresentados nesta ocasião por diversos críticos foram mais tarde

compilados e organizados no site da web <www.team10online.org>. Há neste endereço eletrônico artigos de críticos como Iréné Scalbert, Kenneth Frampton, Max Risselada e Dirk Van der Veuel, que contribuem também nas compilações de Pamela Johnston e Helena Webster.

No Brasil, a publicação baseada na dissertação de mestrado de Ana Cláudia Barone apresenta uma visão geral sobre os arquitetos do Team 10, do qual os Smithson eram membros atuantes, e um panorama geral de onde se insere sua obra. Barone coloca o casal, assim como parte da crítica, como cabeças de um outro movimento, um que se opunha ao que vinha sendo aceito como verdade absoluta no Movimento Moderno. Em *Team 10 Arquitetura como Crítica*, Ana Cláudia Barone afirma que o problema da arquitetura, como era colocado nos CIAM, refletia a idéia de que a organização do espaço moderno partia da resolução do problema da célula de habitação para chegar ao arranjo mais correto das unidades em termos de cidade. Ainda segundo Barone, a formulação teórica proposta pelos Smithson foi importante base, em relação ao tema do habitat, para a consolidação do mesmo pelo Team 10.

Há ainda no Brasil estudos realizados sobre temas que tangem os Smithsons a partir de outros enfoques. Sobre o tema do

Brutalismo foi utilizado como objeto de estudo o artigo de Fernando Freitas Fuão, *Brutalismo, a última trincheira do Movimento Moderno* (2000), publicado no portal de arquitetura Vitruvius, Arquitectos número 007, onde o autor discute o surgimento do termo e o ideário do Movimento. Outro aspecto estudado é sobre o Independent Group, do qual os Smithsons fizeram parte e com o grupo realizaram importantes exposições. Sobre este tema foi observada a tese de doutorado de Cláudia Piantá Costa Cabral, intitulada *Archigram, 1967-1974: Uma Fábula da Técnica* (2001).

A revisão bibliográfica engloba a análise específica dos discursos dos autores importantes para o entendimento global e do referencial teórico existente por trás da prática arquitetônica estudada. Para tanto, organizou-se o material identificado de maneira a facilitar seu manuseio, que vai desde a crítica geral que insere o trabalho de Alison e Peter dentro do contexto global do século XX, anos 50 e 60 e da história da arquitetura, até obras que analisam diretamente a produção do casal de arquitetos.

1.5. METODOLOGIA

Inicialmente, fez-se a busca a bibliografias que tratassem sobre os Smithsons e, principalmente, buscou-se pela produção dos próprios arquitetos. Periódicos e publicações onde constem os projetos também foram importantes, visto que a intenção era preparar uma análise focada nos projetos habitacionais de Alison e Peter Smithson, relacionando-os com as idéias e conceitos da sua obra escrita. O cruzamento das análises bibliográficas, históricas, críticas e comparativas permitiu a elaboração de um panorama da obra destes arquitetos como um todo, compreendendo-a em seu contexto histórico e arquitetônico.

A pesquisa tornou-se possível baseando-se nas publicações dos principais projetos de habitação coletiva dos Smithson. Devido à existência destas publicações, onde pode-se encontrar material como plantas baixas, cortes, elevações, fotomontagens e perspectivas axonométricas, desenvolveu-se a dissertação. Os procedimentos de estudo contemplaram a reunião e classificação deste material, assim como o redesenho e montagens de maquetes eletrônicas em 3D, configurando um esforço para remontar estes projetos, no sentido de que isto possa converter-se em material de pesquisa sobre o tema em um único volume. Este aspecto foi

fundamental no estudo de Golden Lane, pois este projeto dos Smithsons, apresentado em um concurso, foi desenvolvido como um estudo, e o material disponível sobre ele não é completo.

A pesquisa se desenvolve de maneira a apresentar a obra destes arquitetos, no sentido de orientar a percepção do objeto de estudo do âmbito geral para o particular. A dissertação de organiza, assim, de maneira cronológica. A primeira parte procura introduzir o leitor ao universo da obra de Alison e Peter Smithson, apresentando um panorama geral de entradas possíveis para o tema Smithsons, além de trazer outros projetos significativos dos arquitetos.

Em virtude de que os Smithsons são arquitetos que trazem como grande tema de interesse também sua produção escrita, não apenas seus projetos, a dissertação foi organizada de forma a trazer esta produção teórica sobre a obra juntamente com o projeto que lhe é contemporâneo. Desta maneira, se apresenta para discussão, juntamente com o projeto para Golden Lane, toda a formulação teórica desenvolvida por Alison e Peter Smithson para explicar o projeto, o mesmo acontecendo com o capítulo dedicado ao estudo do conjunto Robin Hood Gardens. Os dois projetos estudados têm entre si uma diferença de quinze anos, e esta distância temporal permitiu que também a análise de textos e

anteriores fosse diferenciada entre um projeto e outro. Quando do projeto e construção de Robin Hood Gardens, os Smithsons já estavam reeditando os textos produzidos no início dos anos 50, e revisando a própria obra.

As duas partes seguintes compõem-se, então, destes dois projetos, com um capítulo dedicado a cada um deles. No capítulo sobre o Golden Lane, são explicados também os textos do início dos anos 50, e no capítulo sobre o Robin Hood Gardens aparecem os textos dos anos 60. Esta organização possibilita um entendimento mais global da obra dos Smithsons, que de uma maneira geral é encontrada fragmentada.

2

ALISON E PETER SMITHSON: um panorama da multiplicidade



Alison Margaret Gill nasceu em Sheffield, em 22 de junho de 1928, e Peter Denham Smithson nasceu em Stockton-on-Tees em 18 de setembro de 1923. Conheceram-se na escola de arquitetura da University of Durham, em Newcastle-upon-Tyne, e se casaram em 1949. Trabalharam por um curto período no London County Council, e em 1949 venceram o concurso para a escola secundária Hunstanton Secondary Modern School (1949-54). Concursos de projetos como para a Catedral de Coventry (1951), Golden Lane (1952) e para a Universidade de Sheffield (1953) não resultaram em contratações, mas estabeleceram sua reputação como os mais polêmicos entre os arquitetos britânicos de então.¹¹

Os Smithsons, por sua atuação em diversas áreas da arquitetura, têm uma obra final bastante rica. Existem diversificadas portas de entrada para a sua produção, pois são arquitetos significativos quando se trata de assuntos diversos como o Novo Brutalismo Inglês, as atividades do Independent Group, movimento artístico

ocorrido em Londres nos anos 50, sua atividade no CIAM e posteriormente como membros ativos do Team 10.

Entretanto, não construíram tanto como se pode imaginar em função da sua importância como teorizadores da arquitetura e do espaço construído. Alison e Peter Smithson se diferenciavam por ter uma publicação ampla dos seus projetos e aspectos teóricos da arquitetura que desenvolviam, publicados tanto por periódicos, como a *Architectural Design* como por eles próprios, que editaram vários livros com compilações dos seus principais artigos, alguns deles reescritos. Apresento a seguir um breve panorama dos pontos de identificação dos Smithsons com outras áreas e assuntos, que ilustra consideravelmente como transcorreu sua carreira como arquitetos e dimensiona sua relativa significância no âmbito da arquitetura do pós-guerra.

¹¹ VAN DEN HEUVEL, Dirk e RISSELADA, Max. *Team 10 1953-1981*, In Search of a Utopia of the Present. Rotterdam: Nai Publishers, 2005. Disponível em: <www.team10online.org>

2.1. OS ANOS INDEPENDENT GROUP

No período de 1952 a 1956, os Smithsons participaram das atividades do *Independent Group* (IG), criado no London Institute of Contemporary Arts, e tratava-se de um projeto intelectual centrado sobre um núcleo de jovens arquitetos, artistas, designers e escritores.¹²

O fotógrafo Nigel Henderson e o escultor Eduardo Paolozzi também eram membros do *Independent Group*, assim como os críticos Reyner Banham e Lawrence Alloway e o pintor Richard Hamilton.

Entre os principais interesses do Independent Group estava o estudo das relações entre as artes e os elementos da cultura de massas. Foi essa aproximação precursora do Independent Group aos conteúdos icônicos da sociedade consumo, que a seguir se

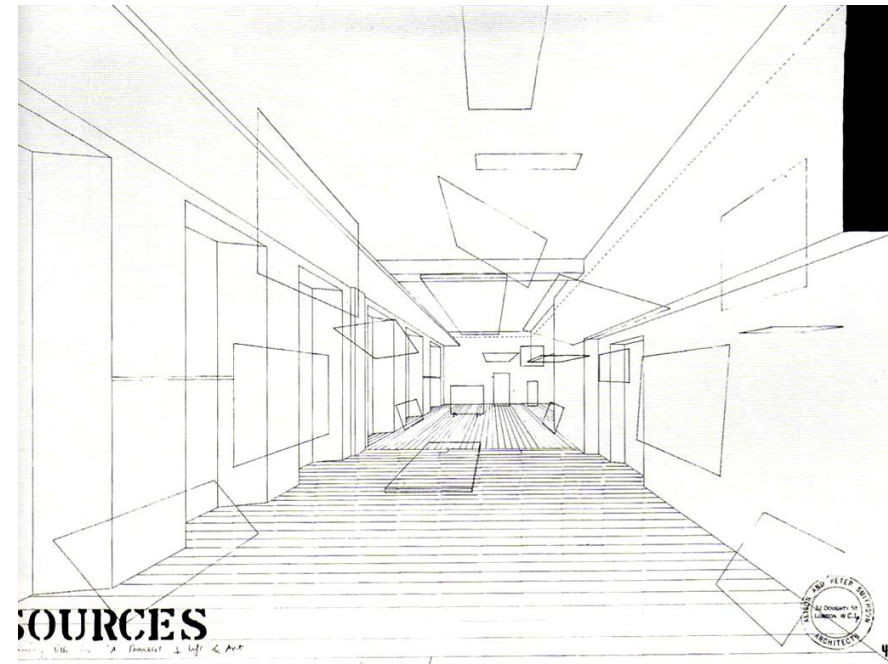


Figura 2 - Desenho dos Smithsons para a Exposição *Parallel of Life and Art*

¹² MASSEY, ANNE. *The London Scene*. In: VAN DEN HEUVEL, Dirk e RISSELADA, Max. *Team 10 1953-1981*, In Search of a Utopia of the Present. Rotterdam: Nai Publishers, 2005. Disponível em: <www.team10online.org>

convertem em tema da Arte Pop, que provocou a recuperação historiográfica do grupo.¹³

O Pop, para o Independent Group, significou uma interface entre a cultura popular e a produção de arte. A palavra 'pop', no sentido utilizado pelo IG, não se referia a uma 'arte pop' como arte produzida a partir da cultura popular, como no sentido dado no seu uso posterior. O uso do termo Pop referia-se diretamente aos artefatos industriais produzidos em série, cujas imagens estes artistas utilizavam, e não à arte que produziam.¹⁴

¹³ CABRAL, Cláudia P.C. **Grupo Archigram, 1967-1974: Uma Fábula da Técnica**. 2001. Tese (Doutorado em Arquitetura). Escola Tècnica Superior d'Arquitectura de Barcelona, Universitat Politècnica de Catalunya, Barcelona. 2001.

¹⁴ CABRAL, Cláudia P.C. **Grupo Archigram, 1967-1974: Uma Fábula da Técnica**. 2001. Tese (Doutorado em Arquitetura). Escola Tècnica Superior d'Arquitectura de Barcelona, Universitat Politècnica de Catalunya, Barcelona. 2001.



Figura 3 - Imagens de *Parallel of Life and Art*

Com Henderson e Paolozzi os Smithsons produziram duas famosas exposições: 'Parallel of Life and Art' (1953) e 'This is Tomorrow' (1956). A exposição *Parallel of Life and Art*, foi realizada no *Institut of Contemporary Art*, organizada pelos Smithsons, por Nigel Henderson e Eduardo Paolozzi. Tratava-se de uma elaboração espacial feita através de imagens, pela técnica dos fragmentos e das colagens, trazendo a superexposição de imagens suspensas, dispostas em ângulo e em camadas flutuantes no espaço: máquinas, hieróglifos, raios-x, micro-fotografias, desenhos infantis, reproduções de obras de arte.

O nome original da exposição era *Sources*, fontes, o que indicava que estas imagens apresentadas, científicas, técnicas e nem sempre agradáveis, fossem as imagens relevantes para a experiência de vida urbana. Seu conteúdo girava sobre temas como a vida cotidiana inglesa, a violência, os destroços, visões desfiguradas ou anti-estéticas da figura humana, texturas granuladas grosseiras, uma visão existencial de um mundo arrasado pela decadência.

This is Tomorrow foi organizada por Theo Crosby, em 1956, arquiteto ligado ao editorial de *Architectural Design* durante os anos

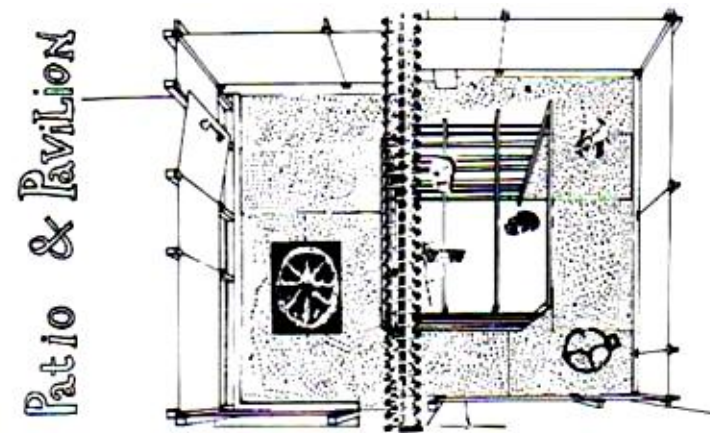


Figura 4 - Desenho dos Smithsons para a Exposição

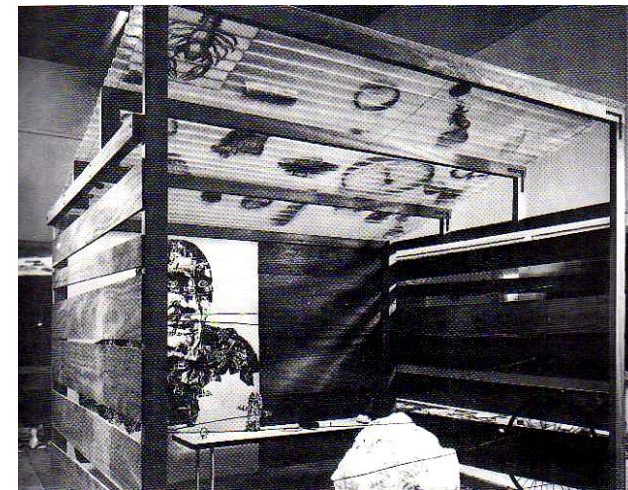


Figura 5 - Imagem da instalação Patio & Pavillion

cinquenta. A exposição estava dividida em doze ambientes, onde cada um foi desenhado por uma equipe, e a proposta era que todas as instalações permitissem que o público caminhasse através delas. A instalação do grupo composto por Richard Hamilton, John McHale e John Voelcker consistia na transposição direta de elementos da cultura de massas, apresentando um cenário 'pop', com elementos próprios da sociedade de consumo, como uma garrafa de cerveja gigante, Marilyn Monroe e uma imagem de um robô retirada do cartaz do filme Planeta Proibido.¹⁵

A instalação dos Smithsons, montada juntamente com Eduardo Paolozzi e Nigel Henderson - Pátio e Pavilhão – difere da interpretação pop do grupo de Hamilton. Consistia de uma pequena cabana executada com materiais brutos, areia, pedras, e alguns restos de objetos industriais, evocando as necessidades primárias do ser humano através da redução ao mínimo essencial à vida -

¹⁵ CABRAL, CLÁUDIA P.C. *Grupo Archigram, 1967-1974: Uma Fábula da Técnica*. 2001. Tese (Doutorado em Arquitetura). Escola Tècnica Superior d'Arquitectura de Barcelona, Universitat Politècnica de Catalunya, Barcelona. 2001.



Figura 6 - Imagens da Casa em plástico moldado montada para a exposição "Casa do Futuro"

terra e abrigo - que também poderia ser interpretado como representação de um cenário pós-catástrofe nuclear.¹⁶

Na obra dos Smithsons, o interesse pelo pop reflete-se no artigo “But today we collect ads” (hoje colecionamos anúncios) publicado na revista Ark em 1956 e na realização da “Casa do Futuro”. Para a exposição organizada pelo jornal “The Daily Mail” sobre o tema “A Casa do Futuro” (1955-1956), os Smithsons projetaram e construíram uma maquete em tamanho natural do protótipo da casa ideal. A concepção geral da casa se baseava em compartimentos interligados, com tamanho e altura distintos, e a passagem oblíqua que os ligava mantinha a privacidade de cada espaço. A estrutura foi moldada de plátisco e fibra, composta de

uma estrutura epidérmica e composta por partes interdependentes.¹⁷

“Esta casa foi pensada como uma casa de cidade; ela não está em seu próprio jardim mas contém um jardim dentro dela. Tais casas podem ser agrupadas para formar uma comunidade compactada.”¹⁸

¹⁶ CABRAL, CLÁUDIA P.C. **Grupo Archigram, 1967-1974: Uma Fábula da Técnica**. 2001. Tese (Doutorado em Arquitetura). Escola Tècnica Superior d'Arquitectura de Barcelona, Universitat Politècnica de Catalunya, Barcelona. 2001.

¹⁷ VIDOTTO, Marco. **Alison and Peter Smithson: Work and Projects**. Barcelona: Gustavo Gilli, 1997.

¹⁸ SMITHSON, Alison e Peter. **The Charged Void: Architecture**. New York: The Monacelli Press, 2001.

“This particular house has been thought of as a town house; it is not set in its own garden but contains a garden within it. Such houses can be grouped together to form a compact community.”

2.2. O CIAM e o Team 10

Peter e Alison Smithson foram eleitos para serem membros do capítulo britânico do CIAM, o grupo britânico MARS (Modern Architectural Research Society) em maio de 1953, juntamente com William Howell e John Voelcker e participaram do nono congresso do CIAM em Aix-en-Provence. O CIAM IX ocorreu no sul da França, no verão de 1953, com o tema da Carta do Habitat. Foi o maior congresso CIAM, com um público de 500 membros de 31 países, e com um número de observadores perto de mil. Nesse congresso os jovens Alison e Peter Smithson abertamente criticaram o discurso do CIAM na Cidade Funcional. Em Aix os Smithsons questionaram a continuidade da validade da Carta de Atenas e propuseram uma nova 'hierarquia de associações humanas' em substituição à Carta. A importância do grid 'Urban Re-identification', apresentado pelos Smithsons neste congresso do CIAM, foi enfatizada posteriormente. Muito do que foi apresentado foi desenvolvido no projeto para o concurso do Golden Lane, em 1952, o qual os Smithsons



Figura 7 - fotografias de Nigel Henderson

discutiram em uma série de artigos escritos entre 1952 e 1953.¹⁹

O CIAM IX tratou do tema do habitat, e os Smithsons, juntamente com um grupo de jovens arquitetos que viriam a formar com eles o Team 10, trouxeram para a discussão novos conceitos, como as relações entre o homem da cidade e o espaço que o acolhe, e o seu ambiente. Os Smithsons ligaram seu trabalho às apresentações dos grupos franco-argelinos e marroquinos. As apresentações de Bodiansky, Candillis, Emery, mostraram fotografias das condições do norte da África e descreveram as forças demográficas. No grille do Marrocos, Candillis, Woods e Bodiansky apresentaram um conjunto de três novos blocos de apartamentos que eles projetaram em Casablanca que adaptava a idéia da Unité Corbusiana às convenções islâmicas de privacidade e clausura. De uma maneira similar a apresentação dos Smithsons, a concepção do grupo marroquino sobre o Habitat combinava uma mudança de atitude em relação ao processo de desenho urbano, com os protótipos corbusianos com uma inflexão da realidade

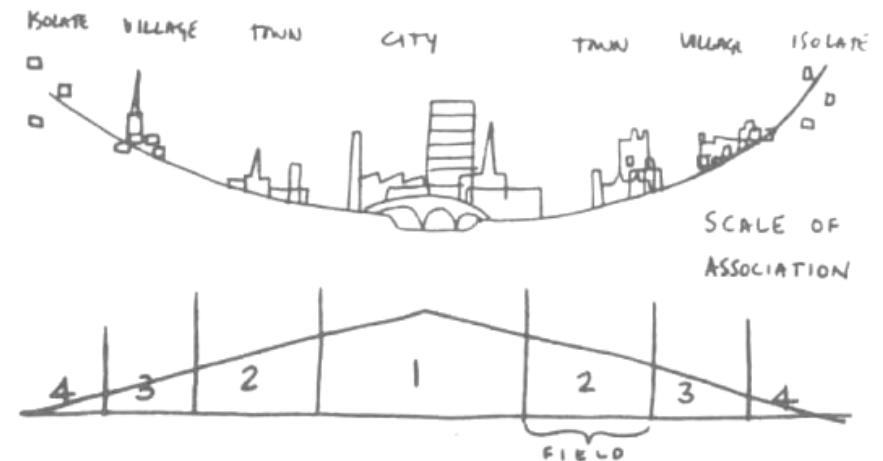


Figura 8 - Diagrama da escala de associação, de Peter Smithson

¹⁹ MUMFORD, Eric. *The Ciam Discourse on Urbanism*, 1928-1960. Cambridge, Mass.: Mit Press, 2002.

cultural local. Estes foram momentos significativos na formação do Team 10 e de seu ideário. Após a polêmica que envolveu o Grid Urban Re-identification, dos Smithsons no CIAM de 1953, necessariamente interpretado como uma crítica à abstração da Carta de Atenas, mais precisamente sobre a inadequação das quatro funções (habitar, trabalhar, recreação e transporte) em registrar a particularidade da vida.²⁰

É comumente aceito que a identidade do Team 10 era em parte baseada nas idéias e teorias das ciências sociais. O panorama intelectual no qual o Team 10 emergiu, em meados dos anos 50, era mais da devastação do que da renovação – neste tempo em que o funcionalismo entrou em crise era o mesmo momento em que havia se espalhado pelo mundo, e seus encontros com as elites políticas tinham provado ser desapontantes. O Grid dos smithsons no Ciam em Aix convidava os membros a refletir sobre a ‘urban re-identification’. Deste momento em diante, identidade era percebida como uma arma contra o

idealismo abstrato e as generalizações funcionalistas do CIAM. Esta noção fica no centro do trabalho de Candilis, Bodiensky e Woods no ATBAT. A mesma noção foi utilizada por Van Eyck na sua busca pela dimensão individual de cada pessoa, revelando a complexidade que reside por baixo da aparente simplicidade.²¹

*“Este grille está preocupado com o problema da identidade. Propõe que uma comunidade deve ser construída de uma hierarquia de elementos associáveis e tenta expressar estes variados níveis de associação (A CASA, A RUA, O BAIRRO, A CIDADE) algebricamente. É importante darmos-nos conta que os termos usados, Rua, Bairro, etc., não devem ser tomados como a realidade, mas como a **idéia**, e este é nosso desafio, encontrar novos equivalentes para estas formas de associação em nossa sociedade nova e não-demonstrativa. O problema de reidentificação do homem*

²⁰ MUMFORD, Eric. *The Ciam Discourse on Urbanism*, 1928-1960. Cambridge, Mass.: Mit Press, 2002.

²¹ VIOLEAU, Jean-Louis. *Rules versus Behaviour: in search of an inhabitable world*. In: VAN DEN HEUVEL, Dirk e RISSELADA, Max. *Team 10 1953-1981*, In Search of a Utopia of the Present. Rotterdam: Nai Publishers, 2005. Disponível em: <www.team10online.org>



Figura 9 - Grid Re-Identification dos Smithsons apresentado no CIAM 9, com fotos de crianças de Henderson e o projeto para Golden Lane

com seu meio-ambiente (*contenu et contenant*) não pode ser alcançado utilizando formas hierárquicas de agrupamento de casas, ruas, quadras, verdes, etc., pois a realidade social que eles representam não existe mais. No complexo de associação que é a comunidade, coesão social só pode ser alcançada se a facilidade de movimentação é possível e isto nos dá uma lei secundária, que a altura (densidade) deve crescer a medida que a população total cresce, e vice versa. Em uma cidade grande com edifícios altos, a fim de propor facilidade de circulação, nós propomos uma cidade multi-nivelada com ruas-aéreas residenciais. Estas são ligadas juntas em um complexo contínuo multi-nivelado, conectado onde necessário para trabalhar e nos elementos no solo necessários em cada nível de associação. Nossa hierarquia de associações é woven em um modulamento contínuo, representando a verdadeira complexidade da associação humana. Esta concepção está em direta oposição ao isolamento arbitrário da tão falada comunidade da 'Unité' e da 'vizinhança'. Nós somos da opinião que tal

hierarquia de associação humana pode substituir a hierarquia funcional da 'Charte d'Athenes'." ²²

²² SMITHSON, Alison e Peter. In: JENKS, Charles e KOPF, Karl. (ed.) **Theories and Manifestoes of Contemporary Architecture**. Great Britain: Academy editions, 1997.

"This Grille is concerned with the problem of identity. It proposes that a community should be built up from a hierarchy of associational elements and tries to express these various levels of association (THE HOUSE, THE STREET, THE DISTRICT, THE CITY) algebraically. It is important to realize that the terms used[,] Street, District, etc[,] are not to be taken as the reality but as the idea and that is our task to find new equivalents for these forms of association in our new, non-demonstrative society. The problem of reidentifying man with his environment (*contenu et contenant*) cannot be achieved by using hierarchical forms of house-groupings, streets, squares, greens, etc., as the social reality they presented no longer exists. In the complex of association that is a community, social cohesion can only be achieved if ease of movement is possible and this provides us with only second law [sic], that height (density) should increase as the total population increases, and vice versa. In a large city with high buildings, in order to keep ease of movement, we propose a multi-level city with residential 'streets-in-the-air'. These are linked together in a multi-level continuous complex, connected where necessary to work and to those ground elements that are necessary at each level of association. This conception is in direct opposition to the arbitrary isolation of the so-called communities of the 'Unité' and the 'neighborhood'. We are of the opinion that such a hierarchy of human associations could replace the functional hierarchy of the 'Charte d'Athenes'."

Em janeiro de 1954, o comitê holandês do CIAM 9 organizou um encontro para o desenvolvimento das novas direções que estavam surgindo no CIAM. O encontro de Doorn teve a participação de Peter Smithson, Voelcker, Bakema, Van Eyck, Van Ginkel e Hoves Greve, e a minuta deste encontro foi publicada por Alison Smithson.

O *Doorn Manifesto* foi escrito em 1954, e para Alison e Peter Smithson representava uma declaração de guerra aos métodos estabelecidos na Carta de Atenas de pensamento em habitação e planejamento de cidades²³. O Manifesto de Doorn propunha uma reação ao urbanismo da Carta de Atenas, propondo que para compreendermos os padrões de associação humana devemos considerar cada comunidade em seu ambiente particular.

“1. Não há utilidade na consideração de uma casa a não ser como parte de uma comunidade, em função da inter-relação existente entre ambas.

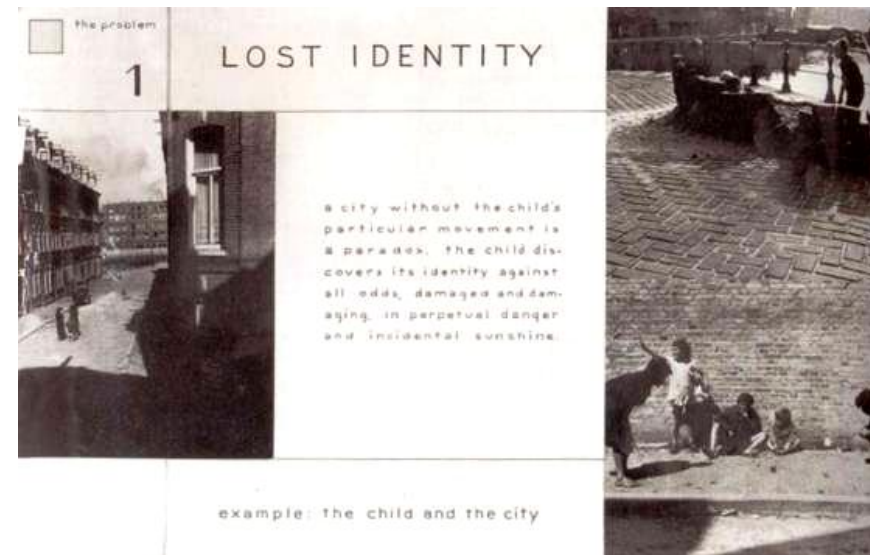


Figura 10 - Grid de Bakema, no CIAM 10

²³ LEWIS, John. *Urban Structuring* Studies of Alison & Peter Smithson. London : Studio Vista, 1987.

2. Não devemos perder tempo codificando elementos de uma casa antes desta outra relação estar cristalizada.

3. O 'Habitat' diz respeito a uma determinada casa num tipo particular de comunidade.

4. Comunidades são iguais em todos os lugares:

- casas isoladas
- vilas
- cidades menores de diversos tipos (industriais, administrativas, especiais)
- cidades maiores multi-funcionais

5. Isto pode ser mostrado em relação ao seu meio (habitat) na seção de Geddes Valley:



6. Qualquer comunidade deve ser internamente conveniente – ter facilidade de circulação; ou seja, qualquer tipo de meio de

transporte é válido, a densidade deve crescer de acordo com o crescimento da população; por exemplo, (1) é o menos denso e (4) é o mais denso.

7. Devemos, portanto, estudar a habitação e os agrupamentos necessários para produzir comunidades convenientes nos vários pontos da seção do vale.

8. A propriedade de qualquer solução deve ficar no campo da invenção arquitetônica mais que na área da antropologia social.

Holanda, 1954”²⁴

A “Declaração sobre o Habitat”, feita em Doorn, explicitamente rejeitava a Carta de Atenas, afirmando que o urbanismo considerado e desenvolvido segundo a Carta tendia a produzir cidades onde as associações humanas vitais eram expressadas inadequadamente. Os Smithsons afirmavam que para compreender estas associações humanas era necessário que se considerasse cada comunidade como um complexo total e

²⁴ SMITHSON, Alison (ed). **Team 10 Primer**. London: Studio Vista, 1968.

particular. Para tornar esta compreensão possível, propunham o estudo do urbanismo como comunidades de graus de complexidade variadas. Esta declaração foi ilustrada com o croquis de Peter Smithson baseado na Valley Section de Geddes.²⁵ Para os Smithsons, estava óbvio que a construção na cidade estava sob um pensamento puramente analítico, e desta maneira o problema das relações humanas ruía através da malha das quatro funções. De maneira a corrigir esta questão, a proposta do Manifesto de Doorn era que para compreender a organização das associações humanas era necessário considerar cada comunidade em seu ambiente particular.²⁶

“O team 10 é um grupo de arquitetos que se reuniu porque cada um considerou o apoio e a ajuda de outros necessária para o entendimento e desenvolvimento do seu próprio trabalho individual. Mas é mais que isso.

²⁵ MUMFORD, Eric. *The Ciam Discourse on Urbanism*, 1928-1960. Cambridge, Mass.: Mit Press, 2002.

²⁶ SMITHSON, Alison e Peter. *The Charged Void: Urbanism*. New York: The Monacelli Press, 2005.



Figura 11 - Reunião do Team 10

O grupo uniu-se, em primeiro lugar, certamente pelo mútuo reconhecimento das inadequações do processo do pensamento arquitetônico que eles herdaram do Movimento Moderno como um todo, mas mais importante, cada um sentiu que o outro encontrou o mesmo caminho, através de um novo começo.(...)

Neste sentido, Team 10 é utopia, mas utopia sobre o presente. Portanto seu objetivo não é teorizar e sim construir, pois apenas a partir da construção a Utopia do presente pode ser realizada. Para eles ‘construir’ tem um significado especial, no qual a responsabilidade do arquiteto perante o indivíduo ou grupo para quem ele constrói, e perante a coesão e conveniência da estrutura coletiva a qual ele pertence, é tido como sendo uma responsabilidade absoluta. Nenhum ‘master plan’ fica entre o arquiteto e o que ele tem de fazer, apenas ‘fatos humanos’ e a logística da situação.

Aceitar tal responsabilidade, onde ninguém tenta direcionar ninguém, requer a invenção de uma técnica-de-trabalho-conjunto onde cada um dá atenção ao outro e ao todo da maneira que é capaz. O Team 10 gostaria de desenvolver seu processo de pensamento e linguagem de construção a um ponto onde a

demonstração coletiva pode ser feita numa escala que poderia ser realmente efetiva nos modos de vida e na estrutura da comunidade“.²⁷

Dali em diante os Smithsons seriam parte do core do Team 10 até o seu fim, juntamente com John Voelcker, George Candilis, Alexis Josic, Shadrach Woods, Aldo van Eyck, Jaap Bakema, Giancarlo De Carlo, Van den Broek, Ralph Erskine, e Stefan Warweka. Os Smithsons se tornaram os membros mais ativos do Team 10, na promoção, organização, publicação e definindo os temas para os encontros do grupo, e Alison Smithson se tornaria sua cronista não-oficial, através de suas publicações sobre o Team 10, incluindo o *Team 10 Primer* (1962, reeditado em 1968) parte do prefácio de *Team 10 Primer*, editado por Alison Smithson, onde a arquiteta catalogou e reuniu o material discutido nas reuniões do Team 10.

O CIAM X ocorreu em Dubrovnik, em 1956, organizado pelos arquitetos do Team 10, e também tratou sobre o habitat

²⁷ SMITHSON, Alison (ed). **Team 10 Primer**. London: Studio Vista, 1968.

humano. Os arquitetos do Team 10 entendiam que era necessária a introdução das inter-relações sociais no espaço construído na arquitetura funcionalista proposta pelos CIAM.

*“A Arquitetura deve estender o limite tênue, e persuadi-lo para entrar em um real e articulado campo do meio. O seu dever é prover este campo do meio pelos meios de construção, e prover, da casa a escala da cidade, um grupo de lugares reais para pessoas reais e coisas reais (lugares que sustentam em vez de impedirem a identidade de seu significado específico)...”*²⁸

²⁸ VAN EYCK, Aldo. In: JENKS, Charles e KOPF, Karl. (ed.) **Theories and Manifestoes of Contemporary Architecture**. Great Britain: Academy editions, 1997.

“Architecture must extend ‘the narrow borderline’, persuade it to loop into a real – an articulated in-between realm. Its job is to provide this in-between realm by means of construction, ie to provide, from house to city scale, a brunch of real places for real people and real things (places that sustain instead of counteract the identity of their specific meaning)...”



Figura 12 – Diagrama mostrando a adição de esquemas de Fold Houses em um povoado existente

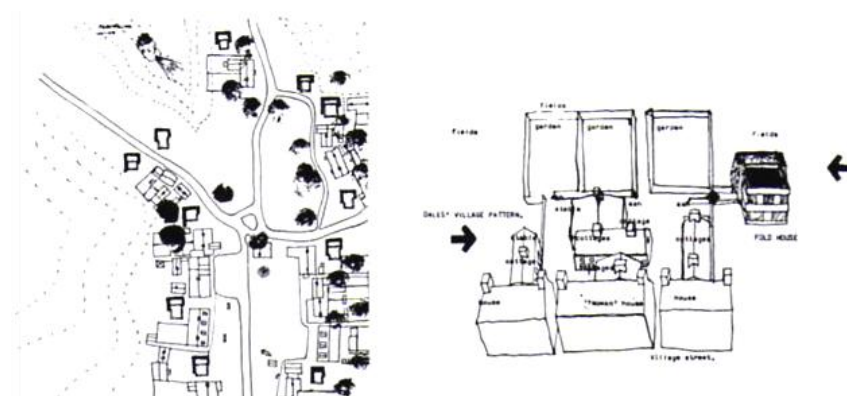


Figura 13 - Fold Houses, proposta de habitação para os Vilarejos

CAPÍTULO 2 – ALISON E PETER SMITHSON: um panorama da multiplicidade

Os Smithsons introduziram nas discussões do grupo diversos conteúdos, como a noção de cluster, de identidade entre as comunidades e seu habitat e os padrões de associações de grupos no espaço arquitetônico. Os temas lançados pelos Smithsons giravam sobre mobilidade, identidade individual e de grupos e estratégias de crescimento e mudança. Especialmente nos primeiros anos, sua contribuição se deu sobre os conceitos de ‘cluster’ e associações humanas, através dos quais eles desejavam uma redefinição mais adequada do dimensionamento coletivo da arquitetura e do planejamento urbano. Os diagramas usados para visualizar estes argumentos eram a “escala de associação”, uma versão adaptada da ‘Valley Section’ de Patrick Geddes, e a “hierarquia de associação” (casa-rua-bairro-cidade), que foi desenvolvida juntamente com Bill and Gill Howell e que foi pensada para substituir as quatro funções da Carta de Atenas (habitação, trabalho, recreação e transporte). Os Smithsons afirmavam que o objetivo do urbanismo é compreensível, é a clareza de organização. A comunidade por definição é algo compreensível. E compreensibilidade deve ser uma característica das partes.

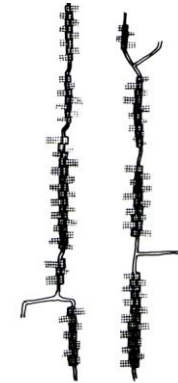


Figura 14 - diagrama mostrando o caminho pedestre linear que acessa a casa desta proposta

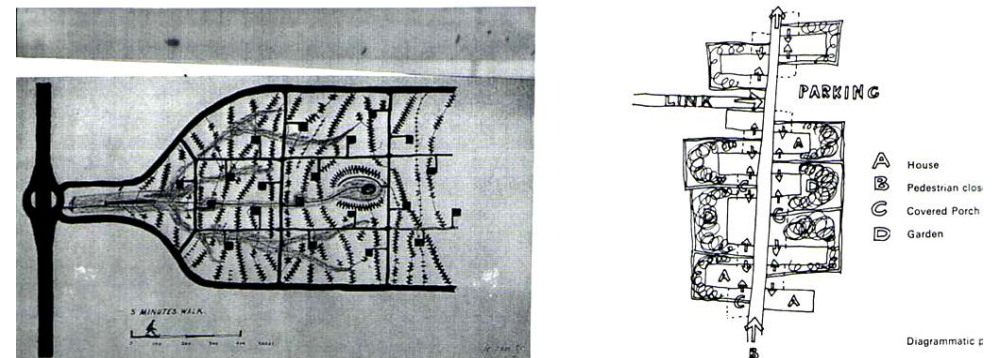


Figura 15 - Close Houses, modelo proposto para as cidades pequenas

No CIAM 10, em Dubovnik, para cada uma destas escalas de associação os Smithsons apresentaram uma proposta de projeto. Para a casa isolada, apresentaram o projeto da Casa Bates. Para as vilas e pequenos povoados, propuseram as Fold Houses. Para a cidade, apresentaram a proposta das Close Houses, e o “estar perto” era consequência da proximidade entre as casas, dispostas ao longo de uma circulação pedestre, interior e transversal em relação ao tecido residencial. Para a grande cidade, a metrópole, os Smithsons propuseram as “Crescent Terraced Houses”, onde todos os espaços habitáveis se orientam para o sol. O Crescente se estreita à medida que ganha altura e desta maneira a proposta se organiza com as famílias com filhos nos andares mais baixos e os casais e pessoas solteiras nos andares mais altos.²⁹

Para Mumford, embora nunca tenha ficado claro quais seriam os novos equivalentes propostos pelos Smithsons, além das suas modificações das já familiares propostas Corbusianas, em um

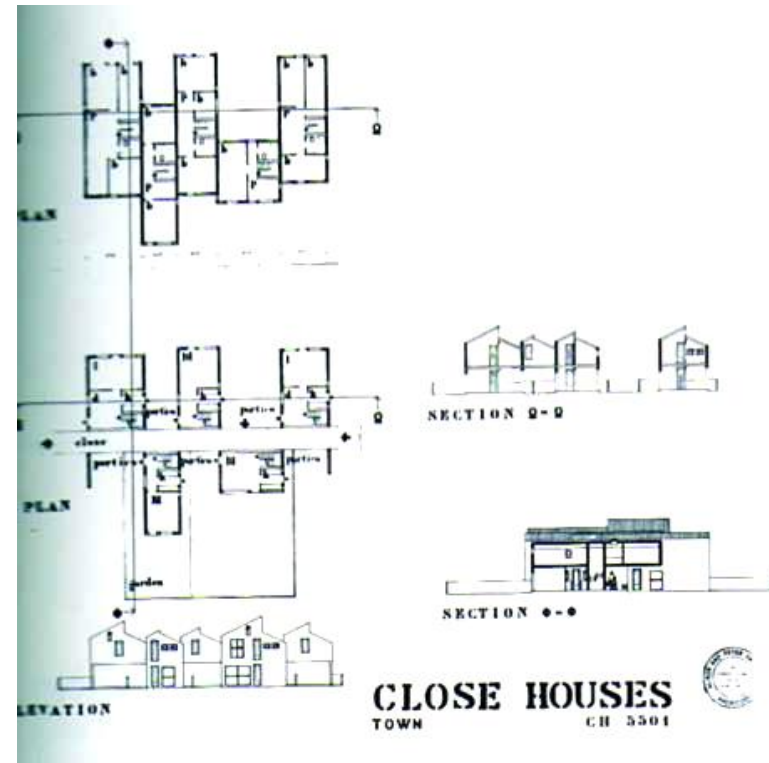
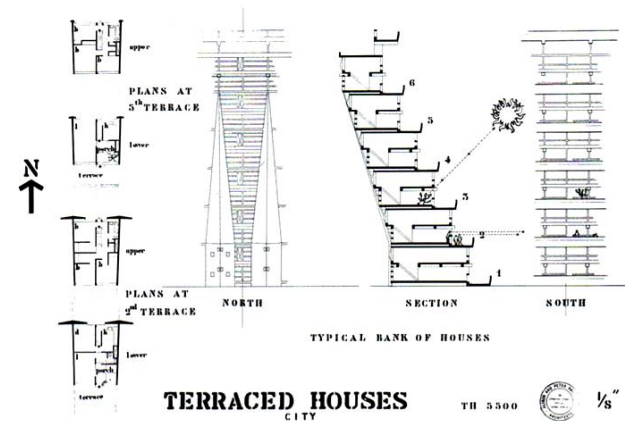
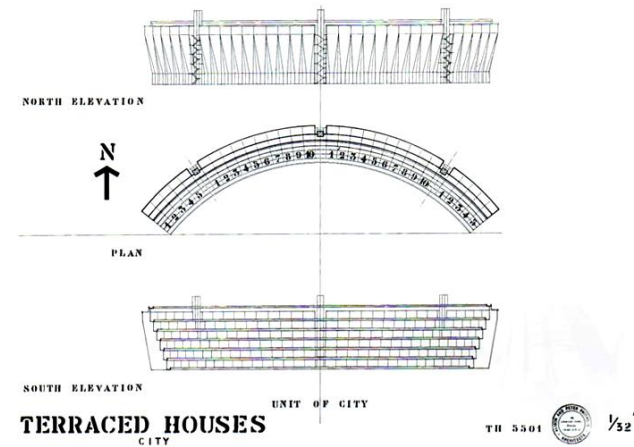
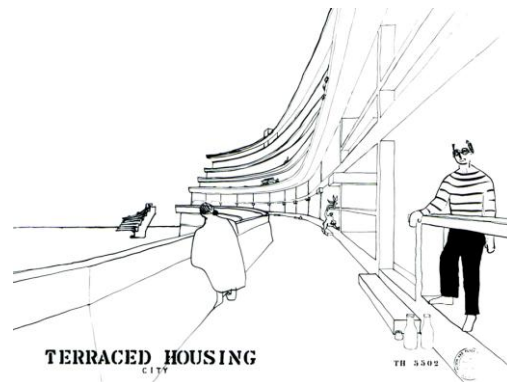


Figura 16 - Close Houses, Plantas, Cortes e Fachada

²⁹ VIDOTTO, Marco. *Alison and Peter Smithson: Work and Projects*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1997.

nível polêmico sua evocação de “associação humana” e mobilidade parece ser um elemento revitalizador no que havia se tornado um discurso estabelecido do CIAM baseado nas quatro funções. Eles pareciam estar sugerindo uma maneira de reconfigurar a cidade sem perder a vitalidade das ruas da classe trabalhadora, que os Smithsons foram os primeiros a reconhecer como possivelmente superior ao tipo de existência que estaria sendo produzida pelos arquitetos do CIAM.³⁰



³⁰ MUMFORD, Eric. *The Ciam Discourse on Urbanism*, 1928-1960. Cambridge, Mass.: Mit Press, 2002.

Figura 17 - Terraced Houses: as formas em crescente foram propostas para a Cidade, orientadas para o sul, a maior incidência solar.

2.3. PRODUÇÃO ARQUITETÔNICA: edifícios construídos

A produção de edifícios de Alison e Peter Smithson acabou sendo limitada. A Escola Secundária Hunstanton, em Norfolk, foi a sua primeira realização. O projeto iniciou em 1949 e as obras foram concluídas em 1954. O projeto utilizava elementos pré-fabricados e a estrutura em aço ficava exposta, assim como as tubulações e as instalações. Os painéis de vedação são em tijolos aparentes. As salas de aula ficam no segundo pavimento, com visuais para as duas áreas verdes que circundam o hall, fazendo deste espaço o core da comunidade que se forma na escola. Os Smithsons descreveram assim seu projeto, quando o submeteram ao concurso:

“Esta escola é uma tentativa de levar de um estágio diagramático a um trabalho de arquitetura, e sua forma é definida por um estudo profundo das necessidades educacionais e dos requerimentos formais mais do que por precedentes. O core da escola é o Hall, que se distribui livremente para as áreas de refeição e áreas de entrada



Figura 18 - Foto da Escola Secundária Hunstanton

trazendo para dentro da escola os espaços verdes e os pátios para jogos. Esta distribuição permite a circulação no hall, nas áreas de refeições e na escola em geral seja combinada, resultando em uma planta econômica e compacta: no primeiro pavimento é impossível estar a mais de 25 pés (aproximadamente 7,6 metros) de distância de uma escada de saída. Nenhuma porta se abre para as áreas verdes, apenas janelas para ventilação, pois não é o local para a movimentação das crianças; estes jardins verdes são áreas de iluminação, zonas livres de ruído.”³¹

³¹ SMITHSON, Alison e Peter. *The Charged Void: Architecture*. New York: The Monacelli Press, 2001.

“This school is an attempt to carry beyond the diagrammatic stage into a work of architecture, and its form is dictated by a close study of educational needs and purely formal requirements rather than by precedent. The core of the school is the assembly hall, which flows freely into the dining areas and entrance areas, carrying into the school the places of forecourt, the green courts, and the playing fields. This grouping allows the circulations of the hall, the dining areas, and the school generally to be superimposed, resulting in a compact and economical plan: on the first floor it is impossible to be more than twenty-five feet from a stair escape. No

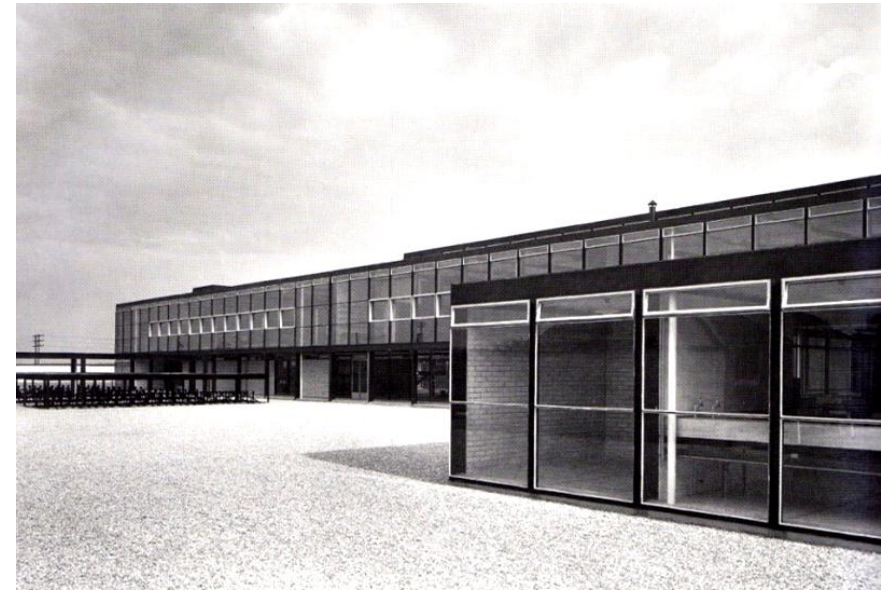


Figura 19 - Imagem externa de Hunstanton

doors open onto the greencourts, only hopper windows for ventilation, as no childrens’s movement is to be there; the green courts are light areas, quite free from noise.”

Reyner Baham foi o principal historiador do movimento Brutalista, e descreve as características dessa nova arquitetura como sendo a clara exibição da estrutura e dos elementos estruturais e a valorização dos materiais tais como encontrados. Embora os Smithsons não concordassem com Banham na exata definição do termo Novo Brutalismo, o crítico se tornou seu principal defensor. Reyner Banham atribui aos Smithsons a responsabilidade pelo primeiro edifício Brutalista na Inglaterra: a Escola Secundária Hunstanton, de inspiração Miesiana. Na sua reverência aos materiais – uma realização da afinidade que pode ser estabelecida entre o homem e o edifício – está na raiz do Novo Brutalismo.

Foi em 1953, através da revista *Architectural Design*, que Alison Smithson utilizou pela primeira vez a expressão 'Novo Brutalismo'. Os Smithsons definiam o Novo Brutalismo como uma arquitetura que resultava diretamente da maneira como as pessoas viviam e construíam. Na definição de Alison e Peter Smithson, o Novo Brutalismo aspirava ser objetivo em relação à realidade, os objetivos culturais da sociedade, suas necessidades, suas técnicas, tentando entender a sociedade da produção em massa. Afirmavam



Figura 20 - Foto interna de Hunstanton, mostrando as instalações aparentes

que o Novo Brutalismo seria o único desenvolvimento possível, naqueles anos 50, para o Movimento Moderno, não apenas porque Le Corbusier era, em sua opinião, um dos que o praticava, com a utilização do *beton brut* da *Unité de Marseille*.³²

Os Smithsons apontaram a arquitetura tradicional japonesa como ilustração ao novo enfoque. Afirmavam que os japoneses mostravam uma reverência ao mundo natural, e, assim, aos materiais do mundo construído. É neste contexto que surge a famosa afirmação dos Smithsons, que a sua arquitetura era o resultado direto de um modo de vida.³³

*“Nós vemos a arquitetura como o resultado direto de um modo de vida.”*³⁴

³² SMITHSON, Alison e Peter. *Thoughts in Progress: The New Brutalism*. *Architectural Design*, abril de 1957.

³³ SMITHSON, Alison e Peter. *Without Rhetoric: an Architectural Aesthetic 1955-1972*. London/ Cambridge: Mass, 1973.

³⁴ SMITHSON, Alison e Peter. *Architectural Design*, Janeiro de 1955.

“We see architecture as the direct result of a way of life”

O Novo Brutalismo se caracterizou, desta maneira, pela necessidade de sintonizar a produção arquitetônica inglesa com as novas propostas desenvolvidas internacionalmente. Segundo Banham, foi a partir do Brutalismo que muitos dos valores defendidos na arquitetura moderna passaram a ser difundidos na Inglaterra.³⁵

Para Iréneé Scalbert, que no artigo *Architecture as a Way of Life: The New Brutalism* discute a existência ou não do Novo Brutalismo realmente como um estilo arquitetônico, a maior evidência em favor da existência de um Movimento Brutalista seria a larga utilização do termo na Grã-Bretanha. O Brutalismo como movimento começou com uma sensibilidade particular em relação aos materiais, mas, segundo a autora, seus valores e objetivos eram vagos demais para garantir a coerência necessária para a

³⁵ BANHAM, Reyner. *El brutalismo en Arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1967.

constituição de um movimento.³⁶

A Hunstanton Secondary Modern School foi seguida pelo Economist Building (1959-64). Os Smithsons afirmam ter atingido um grupo de escalas urbanas caracteristicamente inglesas com este projeto. O platô da praça suspensa sobre as ruas do entorno oferece um espaço intermediário de pré-entrada pedestre, preparando o usuário para entrar no edifício para trabalhar ou visitar, e a cidade é deixada ao lado dos limites do terreno. ³⁷ O esquema dos Smithsons dividiu o programa em três unidades distintas. O edifício mais baixo do conjunto, na St. Jame's Street, acomodava o Martins Bank, e sua fachada reestabelecia o alinhamento com o edifício adjacente do Boodle's Club.

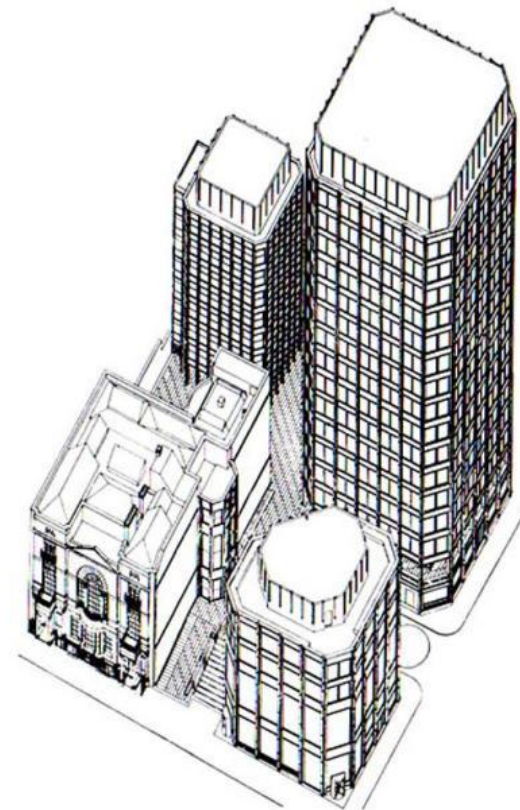


Figura 21 - Axonométrica mostrando a relação dos três edifícios do conjunto do Economist com o Boodle's Club existente

³⁶ SCALBERT, Iréneé. *Architecture as a Way of Life: the New Brutalism*. In: HEUVEL, DIRK VAN DEN e RISSELADA, MAX. *Team 10 1953-1981*, In Search of a Utopia of the Present. Rotterdam: Nai Publishers, 2005. Disponível em: <www.team10online.org>

³⁷ SMITHSON, Alison e Peter. *The Charged Void: Architecture*. New York: The Monacelli Press, 2001.

O edifício destinado aos escritórios do Economist se situa no centro do terreno, diminuindo o impacto dos quatorze pavimentos no entorno composto de edifícios baixos. O terceiro bloco dá continuidade ao alinhamento da Bury Street, onde se localizam as unidades residenciais e o restaurante do Economist, que hoje está em desuso.³⁸ Após o projeto para o Economist, Os Smithsons construíram o Garden Building no St Hilda's College, em Oxford (1967-70) e o Robin Hood Gardens (1966-72), em Londres. Projetos para casas privadas deram a eles a oportunidade de elaborar suas teorias em habitação e consumismo, como a House of the Future (1956) e a Sugden House (1956). Nos últimos anos,



Figura 22 – Visual do Economist Building e sua relação com o entorno

³⁸ SCALBERT, Irénée. Architecture is not made with the Brain: The Smithsons and the Economist Building Plaza. In: JOHNSON, Pamela (ed.). *Architecture is not made of the Brain* The labor of Alison and Peter Smithson. England: Dexter Graphics, 2005.

dois principais clientes foram a Universidade de Bath, para quem os Smithsons desenharam vários edifícios, incluindo a escola de arquitetura (1982-88), e Axel Bruchhäuser, diretor empresa de móveis alemã Tecta, para quem eles projetaram uma série de adições e renovações para a própria casa de Bruchhäuser e para o edifício da fábrica Tecta (1986-2003).



Figura 23 - Economist: Exterior e praça interna

2.4. PRODUÇÃO ESCRITA: livros, artigos, idéias, docência

Alison e Peter Smithson são arquitetos que escreveram. Em seus textos discutem tanto a arquitetura que vinha sendo praticada por seus contemporâneos, nos anos 50 e 60, como usam esse meio para explicar e analisar seus próprios projetos, influências e realizações. Isso já os diferencia como objeto de estudo, pois torna sua produção escrita parte integrante da sua obra como arquitetos, sendo impossível a análise de um ignorando o outro.

*“Este é o relato de uma busca. Nenhum esforço foi feito para eliminar dos estudos conclusões documentadas e opiniões que nós, hoje em dia, não acreditamos ser completamente válidas. Sentimos ser mais importante deixar aparentes contradições do que eliminar passos que são necessários para uma compreensão do processo e das intenções do todo.”*³⁹

³⁹ SMITHSON, ALISON E PETER. *The Architectural Void: Urbanism*. New York: The Monacelli Press, 2005.

“This is the record of a search. No attempt has been made to eliminate from the studies documented conclusions and opinions which we do not now regard as



Figura 24 - Alison Smithson

Os Smithsons, em toda a sua vida e carreira, se propuseram a manter catalogados e arquivados projetos, desenhos e artigos. Publicaram a maioria deles, em artigos em periódicos e posteriormente em livros. Os livros que publicaram são, em sua

completely valid. It is felt to be more important to leave in apparent contradictions than to eliminate steps which are necessary to an understanding of the process and intentions of the whole.”

quase totalidade, uma republicação e revisão dos seus artigos, reorganizados por assunto. Mantiveram uma disciplina em arquivar não apenas o design original e o texto para cada projeto, mas também os seus pensamentos, sempre meticulosamente datados, sobre os trabalhos passados. Neste sentido eles se tornaram não apenas críticos dos trabalhos de outros arquitetos, mas também do trabalho produzido por eles próprios.

Para Louisa Hutton pode-se ver Alison e Peter Smithson como seus próprios cronistas, refletido um genuíno desejo de oferecer seu trabalho em sua forma pura. A base do trabalho dos Smithsons era a observação, e a reflexão sobre o mundo como experiência, sobre situações particulares, o tecido da cidade, os rituais de uso e as diferenças culturais da população.⁴⁰

Com um texto fácil e linguagem coloquial, os Smithsons se dirigem ao seu leitor de forma íntima, usando palavras e ritmos por vezes poéticos, que fazem com que o leitor adentre suas proposições. Alison e Peter Smithson não usam uma linguagem

⁴⁰ HUTTON, Louisa. Godparent's Gift. In: JOHNSON, Pamela (ed.). *Architecture is not made of the Brain* The labor of Alison and Peter Smithson. England: Dexter Graphics, 2005.

rebuscada para explicar um modo projetual que para eles é simples. Os Smithsons publicaram numerosos artigos, comentários e livros. Alison e Peter tinham uma relação próxima com Mônica Pidgeon, editora da *Architectural Design*, que publicou edições especiais organizadas pelos Smithsons sobre o CIAM e sobre o Team 10. Alison editou todo o trabalho relacionado com o Team 10 e o CIAM nesta revista. Em maio de 1960 os Smithsons utilizaram uma edição especial da publicação para dar a nova organização emergente o nome de 'CIAM Team 10'. Foi também Alison Smithson quem intitulou o primeiro encontro como 'Team 10 on its on', na edição de julho daquele ano.

Seus livros eram majoritariamente compilações de artigos, reagrupados tematicamente e às vezes também reescritos; isto inclui *Urban Structuring* (1967), *Ordinariness and Light* (1970) e *Without Rhetoric* (1973). Na primeira metade dos anos 70 os Smithsons reconsideraram a noção de coletividade na série de artigos '*Collective Design*'; outro estudo seminal deste período, de Alison Smithson, é '*How to Recognize and Read Mat-Building*' (1974), que investiga o legado do Team 10 depois dos encontros de Berlim e Rotterdam.

O livro *Ordinariness and Light (urban theories and their application in a building project 1963-1970)* foi editado em 1970. Em

seu prefácio os autores esclarecem que se trata de um texto escrito primeiramente em 1952-1953, durante a guerra da Coréia, quando o mundo sofreu com uma diminuição da oferta de aço e a atividade da construção foi bastante diminuída. Os Smithsons explicam, em 1970, que anos depois vêem que seus sonhos não puderam ser concretizados. Nos anos 50, as ‘new towns’ eram construídas sem nenhum exemplar relevante da arquitetura moderna que Alison e Peter Smithson e seus pares admiravam.⁴¹ Nesta publicação, os Smithsons reorganizam seus artigos, publicados principalmente na *Architectural Design*, e reapresentam as idéias principais desenvolvidas nos textos, e de maneira linear apresentam o problema principal que viam nas cidades no pós-guerra, a solução que propunham para ele e o projeto que desenvolveram para preencher esses requerimentos. Os Smithsons afirmam aqui que *Urban Re-identification*, que corresponde a primeira parte de *Ordinariness and Light*, finalizado no início de 1953 e publicado originalmente em 1955, foi escrito primeiramente no “escuro”, e, durante a inauguração da Unité em meio ao triunfo de uma idéia,

⁴¹ SMITHSON, Alison e Peter. *Ordinariness and Light* Urban Theories 1952-1960 and Their Application in a Building Project 1963-1970. The MIT Press: Cambridge, Massachusetts, 1970.

pueram perceber que sua geração pertencia à mesma sintonia, eram iguais, e então começaram os diálogos do que seria conhecido mais tarde como o Team 10.

Os padrões de associação e os principais conceitos lançados e desenvolvidos pelos Smithsons são reeditados em *Urban Structuring*, de 1967. Os dois primeiros capítulos do livro são baseados no projeto para Golden Lane, de 1952. O esquema foi elaborado em uma teoria geral e apresentado para o CIAM 9, em Aix-en-Provence em 1953, onde os conceitos de *associação* e *identidade* foram introduzidos ao pensamento arquitetônico.

A sua publicação final, o *Charged Void*, com dois volumes distintos sobre arquitetura e sobre urbanismo, aborda novamente os temas discutidos nestas duas publicações dos anos 60 e 70, e em artigos de periódicos, com assuntos e artigos reescritos e reorganizados. Há nesta publicação mais imagens de croquis originais para o desenvolvimento dos projetos, e plantas, cortes e perspectivas bastante organizadas de toda a obra de Alison e Peter Smithson.

Peter Smithson lecionou na AA-school e na escola de arquitetura de Bartlett. Foi professor na Universidade de Bath de 1978 a 1990. Nos anos 80 os Smithsons também lecionaram em

Delf, Barcelona e Munique. Uma série especial de publicações foi feita a partir das visitas de Peter Smithson a ILAUD de De Carlo. Estas publicações (Italianthoughts 1993, Italienische Gedanken 1996, Italienische Gedanken, weitergedacht 2001) giravam sobre a idéia de 'Conglomerate Ordering', uma reformulação de vários conceitos como o Novo Brutalismo e Without Rhetoric. Além disto, Alison Smithson escreveu alguns romances, dos quais apenas *A Portrait of the Female Mind as a Young Girl* (1966) foi publicado. Outras publicações fora dos temas de arquitetura foram AS in DS (1983) e Imprint of India (1994); os Smithsons os chamavam de 'sensitivity primers'. Sua publicação final, *The Charged Void*, trata-se de uma série de três publicações do seu trabalho completo, dos quais duas foram publicadas. Alison Smithson morreu em Londres em 14 de agosto de 1993 e Peter Smithson morreu, também em Londres, em 3 de março de 2003.⁴²

⁴² VAN DEN HEUVEL, Dirk e RISSELADA, Max. *Team 10 1953-1981*, In Search of a Utopia of the Present. Rotterdam: Nai Publishers, 2005. Disponível em: <www.team10online.org>

3

GOLDEN LANE - uma proposta, um protótipo



CAPÍTULO 3 – GOLDEN LANE: UMA PROPOSTA, UM PROTÓTIPO

A proposta dos Smithsons para Golden Lane pode ter duas abordagens: uma proposta, o trabalho que foi enviado para o concurso de projetos da City of London em 1951; e um protótipo, que pode ser considerado o modelo urbano existente por trás deste projeto. Os Smithsons apresentaram já no concurso alguns dos desenhos e fotomontagens que representaram esta proposta, mas foi depois, durante os anos de 1952 e 1952, que desenvolveram esta teoria na forma de textos, incorporado no artigo *Urban Re-identification*, apresentado no 9º CIAM em Aix-em-Provence e finalmente publicado em *Ordinariness and Light*, em 1970.

Os Smithson, através da sua teoria, propunham uma nova leitura do espaço urbano, diferentemente do que vinha sendo proposto pelos CIAM, onde o projeto urbano baseava-se nas funções urbanas, na demanda por habitações e na densidade necessária às áreas habitacionais. Alison e Peter afirmam, em suas publicações, que a relação entre a comunidade e espaço dependia da identidade estabelecida entre os habitantes e o espaço construído. O papel da arquitetura, para o casal de arquitetos, seria proporcionar esse vínculo. Para Alison e Peter Smithson, a inter-relação entre as escalas, da casa, da rua, do bairro e da cidade era primordial. A rua, e a

associação humana que ela proporciona, é colocada como a nova organizadora do espaço urbano, transformando o usuário em peça fundamental na estruturação do espaço das cidades. Critérios como a identidade, tida como a relação entre os usuários de um determinado local e a arquitetura, os padrões de associação, a mobilidade e a noção de *Cluster* (agrupamento) foram propostos pelos arquitetos em relação ao tema do habitat, e importantes para a consolidação dos mesmos.

Fazer a arquitetura deve ser entendido como uma dialética entre idéias e formas. Certas idéias e metáforas têm o poder de sugerir edifícios. Igualmente, certos edifícios, pela virtude de suas formas, podem implicar um uso e até sugerir um estilo de vida. Os Smithsons iniciaram uma série de idéias – metáforas – que tinham este poder, de sugerir tanto edifícios como grandes complexos urbanos.⁴³

A sociedade proposta pelos Smithsons, organizada em clusters, não era só uma nova teoria de espaço urbano, era uma proposta arquitetônica e uma proposta de um novo modo de vida

⁴³ EISENMAN, P. Robin Hood Gardens E14. ARCHITECTURAL DESIGN. London, Número 9, setembro de 1972.

CAPÍTULO 3 – GOLDEN LANE: UMA PROPOSTA, UM PROTÓTIPO

neste espaço. Os padrões de associação eram espacializados no próprio conjunto edificado e nas ruas aéreas que criavam domínios coletivos mais fechados. A noção de cluster estava sintetizada no projeto pela agregação humana que os Smithson esperavam criar através de seu modelo urbano. Por trás da sua teoria, sustentava-se a idéia de que a arquitetura era a materialização de novas possibilidades de arranjos sociais, com um projeto que recriava a organização da sociedade na cidade consolidada através de um novo modelo.

Curtis afirma que a carta de Atenas havia dividido as funções básicas em apenas moradia, trabalho, lazer e circulação, e que a nova sensibilidade em que Alison e Peter Smithson estavam envolvidos exigia algo menos simplista e mecânico.⁴⁴ Os Smithsons buscavam um novo padrão que expressasse uma imagem mais complexa da cidade e do comportamento social. Em meados dos anos 50, palavras como associação, bairro, e agrupamento começavam a substituir a terminologia anterior, mais abstrata, enquanto as analogias

orgânicas de crescimento e mudança passavam a substituir as rígidas geometrias da cidade radiante. Deve-se enfatizar, no entanto, que os esquemas herdados da arquitetura moderna anterior não estavam sendo completamente rejeitados; muito pelo contrário, eles eram aceitos como valiosos e então modificados.

⁴⁴ CURTIS, William J.R. *Arquitetura Moderna Desde 1900*. Tradução: Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2008.

3.1. O CONCURSO, O SÍTIO E O PROGRAMA

Em 1951, a City of London Corporation abriu um concurso de projetos para um conjunto habitacional na área limite de Central London, buscando soluções para reurbanizar esta zona, conhecida como Bunhill Fields, ao norte da Catedral de Saint Paul, que havia sido quase completamente arrasada durante os bombardeios da segunda guerra.⁴⁵

O concurso para projetos foi anunciado, e naquele tempo eram ainda raras as oportunidades para projetar um conjunto habitacional desta magnitude, de maneira que a competição despertou grande interesse entre os arquitetos britânicos, tendo sido largamente veiculado na imprensa especializada e na popular.⁴⁶ O concurso para Golden Lane teve grande notoriedade em parte pela ênfase em projetar um grande conjunto residencial para mais de mil habitantes, e em parte pela atenção que tiveram outras propostas apresentadas,

⁴⁵ Disponível em <http://housingprototypes.org/project?File_No=GB008>

⁴⁶ Disponível em <[HTTP://www.earchitecture.co.uk/chamberlin_powell_bon.htm](http://www.earchitecture.co.uk/chamberlin_powell_bon.htm)>



Figura 25 – área do concurso, quarteirão formado pelas ruas Fann, Old Street e Golden Lane.

CAPÍTULO 3 – GOLDEN LANE: UMA PROPOSTA, UM PROTÓTIPO

especialmente a dos Smithsons. A proposta de Alison e Peter Smithson era uma das inúmeras inscritas no concurso, e embora eles não tenham se saído vencedores, publicaram energicamente sua proposta na imprensa, e seu projeto para Golden Lane foi inspiração para outros projetos posteriores na Grã-Bretanha nos anos 60, como o Conjunto Park Hill, de Lynn e Smith, e o Robin Hood Gardens, dos próprios Smithsons.⁴⁷

Geoffry Powell, professor na Kingston School of Architecture venceu o concurso, e juntamente com outros dois colegas, Peter Chamberlin e Christof Bom, formou a parceria para executar e desenvolver a proposta apresentada no evento. O concurso para o Golden Lane teve grande notoriedade em parte pela ênfase em projetar um grande projeto residencial para mais de mil habitantes, em parte porque este evento marcou a chegada das idéias de planejamento de Le Corbusier à Inglaterra, e também pela atenção que tiveram outras propostas do concurso, especialmente a apresentada por Alison e Peter Smithson.⁴⁸

⁴⁷ Ver mais sobre estes projetos no capítulo 4.

⁴⁸ Disponível em: <http://housingprototypes.org/project?File_No=GB008>

A área de projeto do concurso possuía 4,7 acres e a densidade populacional permitida para a área era de 200 pessoas por acre (200 p.p.a). A população deveria ser calculada com base em 1,1 pessoas por dormitório e havia o requerimento para que fossem propostas tantas habitações quantas fossem possíveis.⁴⁹



Figura 26 - Vista da Goswell Road

⁴⁹ SMITHSON, Alison E Peter. *Ordinariness and Light* Urban Theories 1952-1960 and Their Application in a Building Project 1963-1970. The MIT Press: Cambridge, Massachusetts, 1970.

3.2. O EDIFÍCIO COMO RUA: a proposta dos Smithsons

Como já foi mencionado, há duas interpretações possíveis do projeto dos Smithsons para Golden Lane. Uma diz respeito ao projeto do conjunto habitacional apresentado para o concurso, implantado em um terreno específico ladeado pela Rua Fann e pela Golden Lane, com uma implantação cruciforme que foge do alinhamento das ruas e do entorno. O projeto se divide em cinco segmentos diferentes, contidos em uma planta quase cruciforme. Desta maneira, a implantação do edifício cria três grandes pátios gramados, sem ligação visual entre eles. (Figura 27 - implantação da proposta dos Smithsons)

Os Smithsons afirmam que pretendiam, com seu projeto para Golden Lane, mostrar que uma densidade populacional alta, como a proposta para o concurso, de duzentas pessoas por acre (200 p.p.a.), não necessariamente significaria baixa qualidade e que um outro modo de vida era possível. Na idéia desenvolvida pelos Smithsons, para que esta proposta fosse

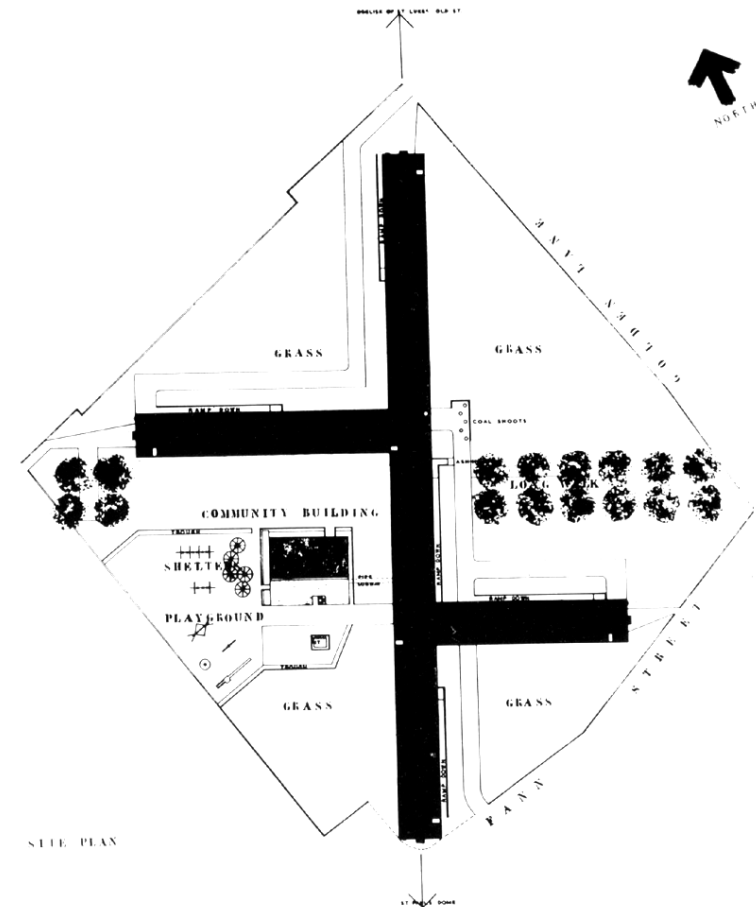


Figura 27 - implantação da proposta dos Smithsons

colocada em prática não era necessária a demolição de áreas inteiras, era admissível sua construção em espaços individuais, como o terreno do concurso, à medida que estes fossem se tornando utilizáveis. A proposta de Alison e Peter Smithson se difere da moderna também por propor uma renovação que se dá por sobre a cidade tradicional: entre os edifícios existentes, e misturado às rodovias existentes e às redes de serviço. Um novo modo de vida na cidade integrado às edificações existentes, se utilizando dos vazios urbanos, centros mortos, áreas ao lado das linhas de trem e velhas áreas industriais.

O projeto de Golden Lane foi produzido por Alison e Peter Smithson, baseado nas idéias que vinham sendo desenvolvidas pelos arquitetos de identidade e identificação, e nos princípios de *Urban re-Identification*. A fotomontagem da axonométrica sobreposta a uma foto aérea de uma área bombardeada (na realidade a cidade de Coventry, ao norte da Inglaterra) era a peça central da proposta entregue pelos Smithsons para a reurbanização da área de Golden Lane.

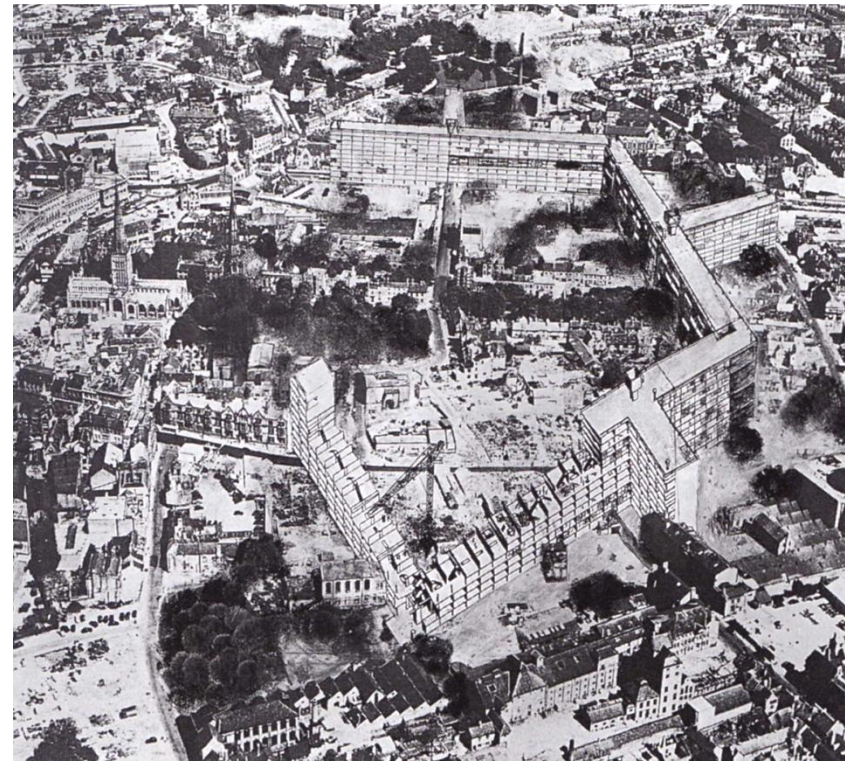


Figura 28 - esquema de implantação da cidade Golden Lane apresentado pelos Smithsons no concurso.

CAPÍTULO 3 – GOLDEN LANE: UMA PROPOSTA, UM PROTÓTIPO

“... nós tentamos provar que viver em altas densidades não necessariamente significa baixo nível de vida; que um modo de vida nas cidades infinitamente mais rico e mais satisfatório é possível aqui e agora; e que isto não necessita a demolição de áreas inteiras, pode ser construído em terrenos individuais à medida que se tornem disponíveis”.⁵⁰

Os Smithson pretenderam, com a proposta para Golden Lane, comprovar suas idéias para a habitação moderna. O projeto apresentado no concurso é tomado como base e como exemplo nos artigos e publicações que sucedem o evento, além de ser a base do Grid apresentado no CIAM 9, quando os Smithsons expuseram os novos conceitos que vinham sendo trabalhados por eles.⁵¹ Diferentemente da cidade moderna da Carta de Atenas, Alison e Peter propunham uma miscigenação

⁵⁰ SMITHSON, ALISON E PETER. *Ordinariness and Light* Urban Theories 1952-1960 and Their Application in a Building Project 1963-1970. The MIT Press: Cambridge, Massachusetts, 1970.

“... we tried to prove that living at high densities does not necessarily mean low standards; that an infinitely richer and more satisfactory way of living in cities is possible here and now; and that this did not need the demolition of whole areas but could be built on individual sites as they became available”.

⁵¹ Ver capítulo 2, sobre o CIAM e o Team 10.

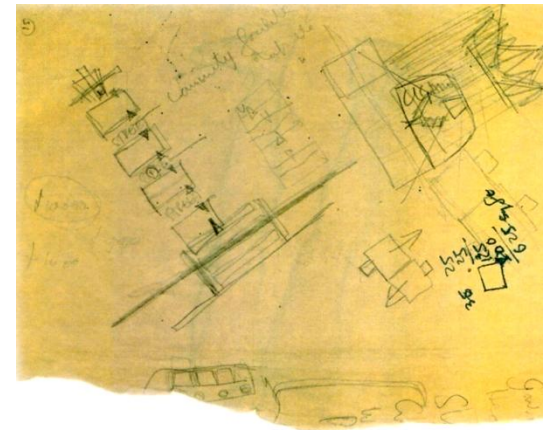
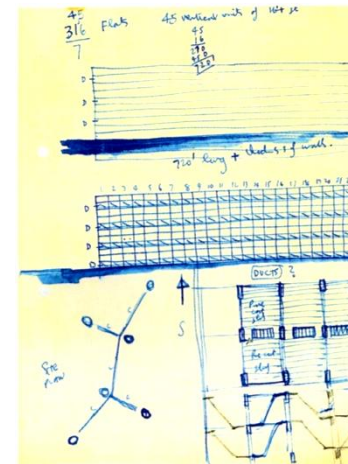


Figura 29 - primeiros croquis do desenvolvimento do projeto

CAPÍTULO 3 – GOLDEN LANE: UMA PROPOSTA, UM PROTÓTIPO

da cidade Golden Lane com a cidade consolidada, ocupando áreas vagas e proporcionando a possibilidade de sua implantação sem necessidade de substituição de um modelo urbano pelo outro.

Primeiramente vamos analisar aqui o projeto para Golden Lane apresentado pelos Smithsons no concurso de 1951. Esta proposta se constitui de um único edifício, inscrito em um quarteirão padrão nesta área de central London, e apresenta algumas diferenças em relação à proposta urbana que foi desenvolvida por Alison e Peter Smithson, algumas partes das quais já apareciam também na proposta apresentada para a municipalidade de Londres, apesar de o tema lançado para o concurso não abranger uma escala tão ampla.

Outra interpretação possível se dá sobre a proposta de cidade que vinha junto com o edifício, onde esta implantação é desfigurada, e as barras são anguladas como que respondendo a uma malha urbana imaginada. Na proposta para a Cidade Golden Lane, os segmentos de barra são unidos e angulados sem seguir um ordenamento específico, pois na afirmação dos Smithsons eles estariam respondendo à malha urbana existente em qualquer cidade. É uma proposta utópica e um tanto



Figura 30 - croqui da proposta apresentada no concurso, com uma perspectiva do conjunto sobre a área em escombros.

abstrata, não sendo possível sua aplicação direta na área trabalhada na proposta do Concurso. A Cidade Golden Lane proposta é apresentada como um protótipo, como um modelo teórico do que poderia ser um complexo que conectaria vários edifícios com a estrutura d Golden Lane, com suas ruas-deque aéreas, que para seu crescimento como mega-estrutura se utilizaria dos vazios urbanos, áreas industriais, zonas bombardeadas e etc.

O caminho utilizado para a compreensão e análise deste projeto foi o da remontagem do projeto, através do redesenho das plantas baixas, corte e fachadas. O desenho foi baseado nas plantas baixas encontradas na publicação mais recente dos Smithsons, *The Charged Void (Architecture e Urbanism)*, já dos anos 2000, que apresenta um vasto material, especialmente em relação à imagens e figuras, em comparação com as publicações dos anos 60 e 70, *Ordinariness and Light, Urban Structuring*, e artigos da revista *Architectural Design*. A escala das imagens é pequena, e como o projeto apresenta plantas diferentes em todos os seus pavimentos, não se tratando de uma repetição de um pavimento tipo em altura, as plantas baixas

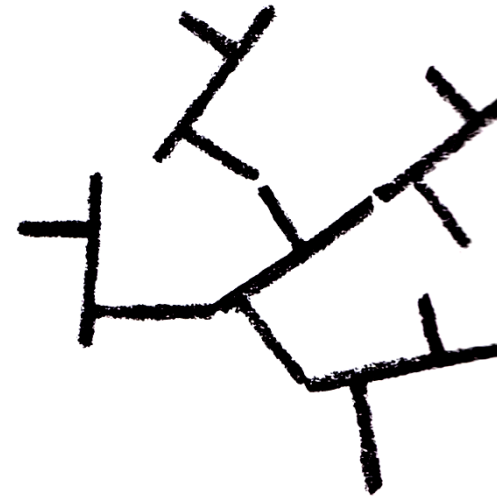


Figura 31 - diagrama das ruas aéreas

apresentadas a seguir foram remontadas usando-se como base a explicação dos autores constante no livro *Ordinariness and Light*, onde Alison e Peter descrevem a tipologia de apartamento acessada a partir de cada um dos deques. Os deques do projeto apresentado no concurso tinham a seguinte distribuição:

Deque Térreo – apartamentos para quatro e para uma pessoa

1º deque – apartamentos para quatro e para duas pessoas

2º deque – apartamentos para três pessoas

3º deque – apartamentos para três e para duas pessoas.

*“Este arranjo é tal que qualquer seção vertical do complexo contém habitações na mesma proporção que no todo, mas como a mesma unidade básica acontece por todo o projeto, o arranjo pode ter variações para se adaptar a necessidade local.”*⁵²

⁵² SMITHSON, Alison e Peter. *Ordinariness and Light* Urban Theories 1952-1960 and Their Application in a Building Project 1963-1970. The MIT Press: Cambridge, Massachusetts, 1970.

“This arrangements is such that any vertical section of the complex contains dwellings in the same proportion as in the whole, but as the same standart units occur throughout it can be varied to suit local needs.”

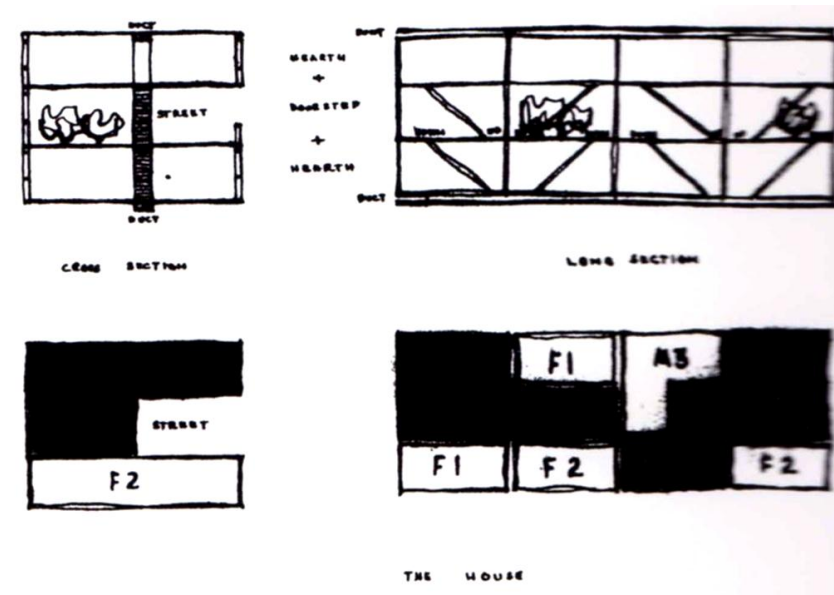


Figura 32 - esquema de distribuição dos tipos de unidades na seção de Golden Lane

Para seguir o programa e a densidade requeridos pela City of London Corporation, Alison e Peter Smithson propõem três níveis de ruas-aéreas, e cada um destes níveis representava um deque. Em cada deque viveriam 90 famílias, com todas as habitações abrindo sua porta principal neste nível, e suas acomodações principais estariam nos níveis acima e abaixo destes deques. A unidade básica é padrão em todas as habitações deste esquema, com apenas um dormitório, e a variação no tamanho das famílias poderia ser acomodada em dormitórios adicionais, no nível do deque. Juntamente com estes dormitórios adicionais, estão os pátios de 16' x 8' (aproximadamente 490cm x 244cm).

CAPÍTULO 3 – GOLDEN LANE: UMA PROPOSTA, UM PROTÓTIPO

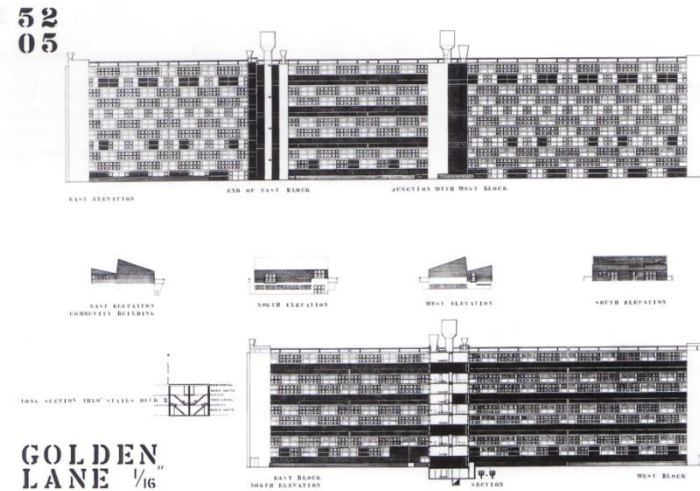
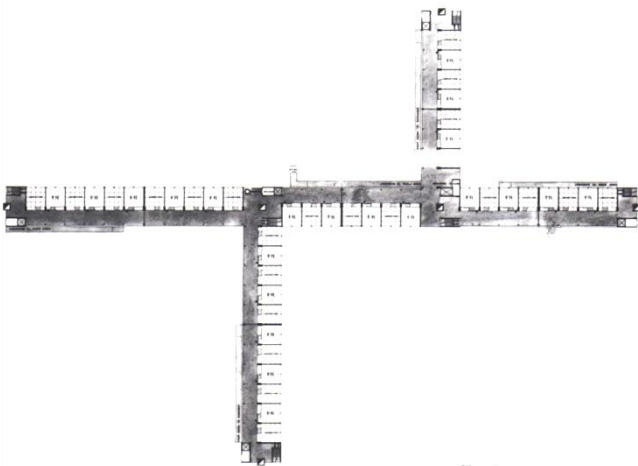
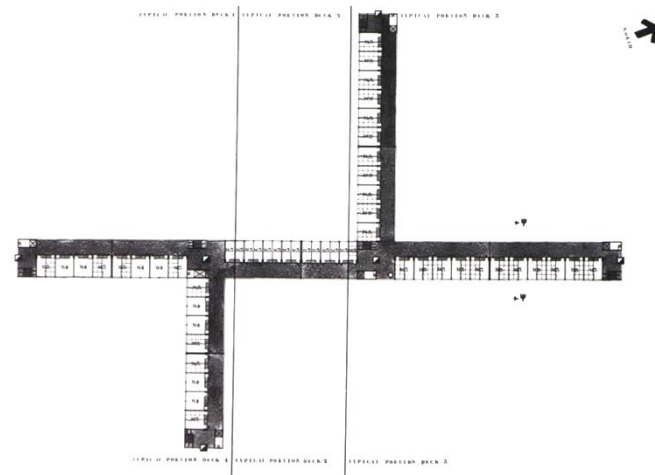
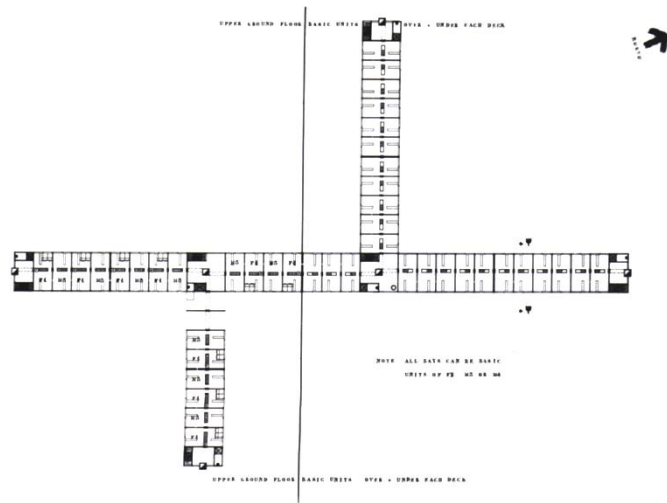


Figura 33 - plantas baixas, corte e fachadas da proposta apresentada no concurso

CAPÍTULO 3 – GOLDEN LANE: UMA PROPOSTA, UM PROTÓTIPO

Além destas descrições, o desenho baseou-se também nas unidades ampliadas, desenho presente nas mesmas publicações. Partindo, portanto, destas premissas, foi possível um redesenho do que poderiam ser as plantas completas do projeto. Destas plantas, cortes e fachadas foi montado um modelo tridimensional do projeto para Golden Lane, e com o auxílio de programas de computação gráfica foram montadas maquetes eletrônicas, que podem dar uma idéia mais clara da primeira proposta de habitação coletiva dos Smithson.

A proposta para Golden Lane é apresentado em todas as publicações pesquisadas com as mesmas imagens, um croqui do deque, a rua-aérea da proposta, e uma fotomontagem de um croqui da proposta colocada em cima de uma região totalmente arrasada pela guerra. O que se pretendeu com a produção deste material foi possibilitar uma melhor compreensão desta proposta de habitação coletiva tão citada. Desmontando e remontando o projeto de Alison e Peter Smithson, é possível uma melhor compreensão do projeto.

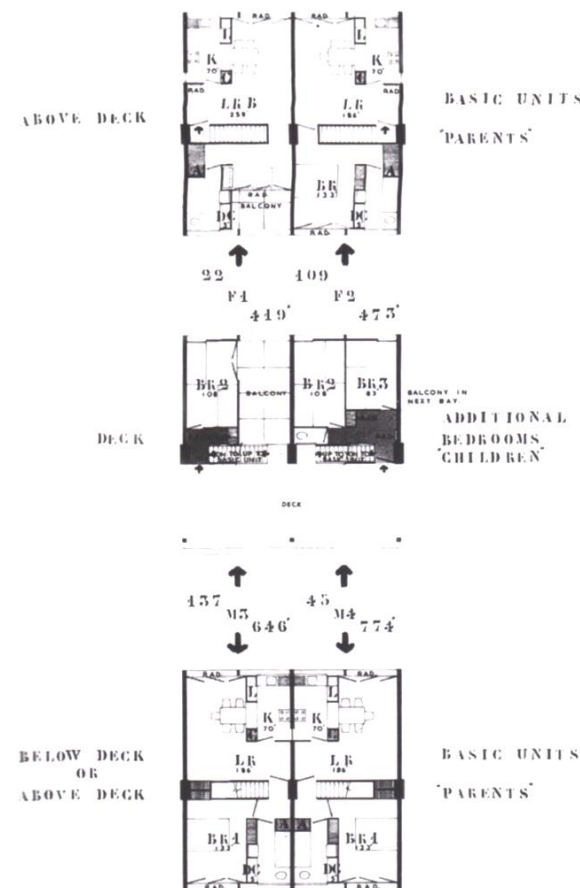


Figura 34 - unidade ampliada.

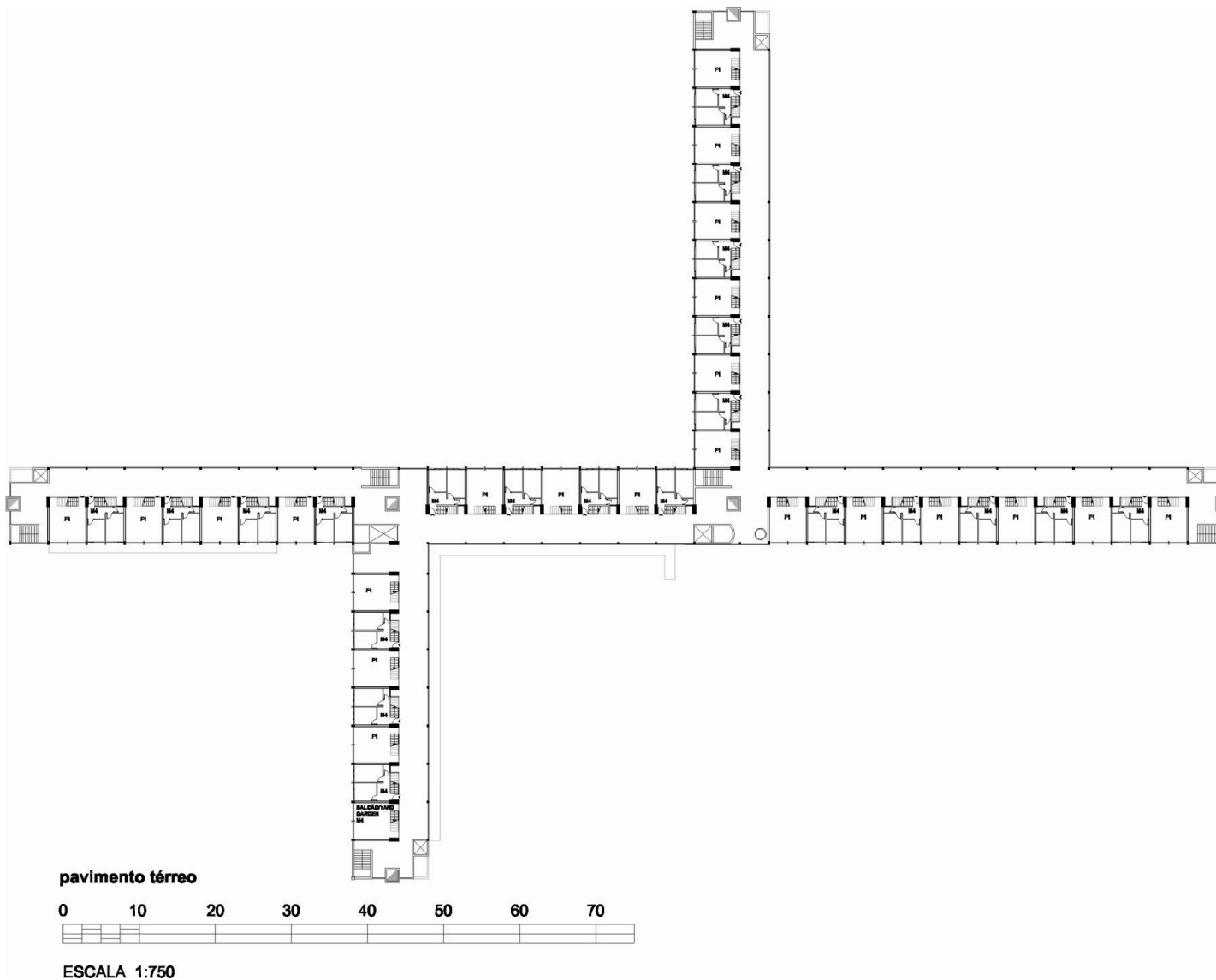


Figura 35 - Redesenho

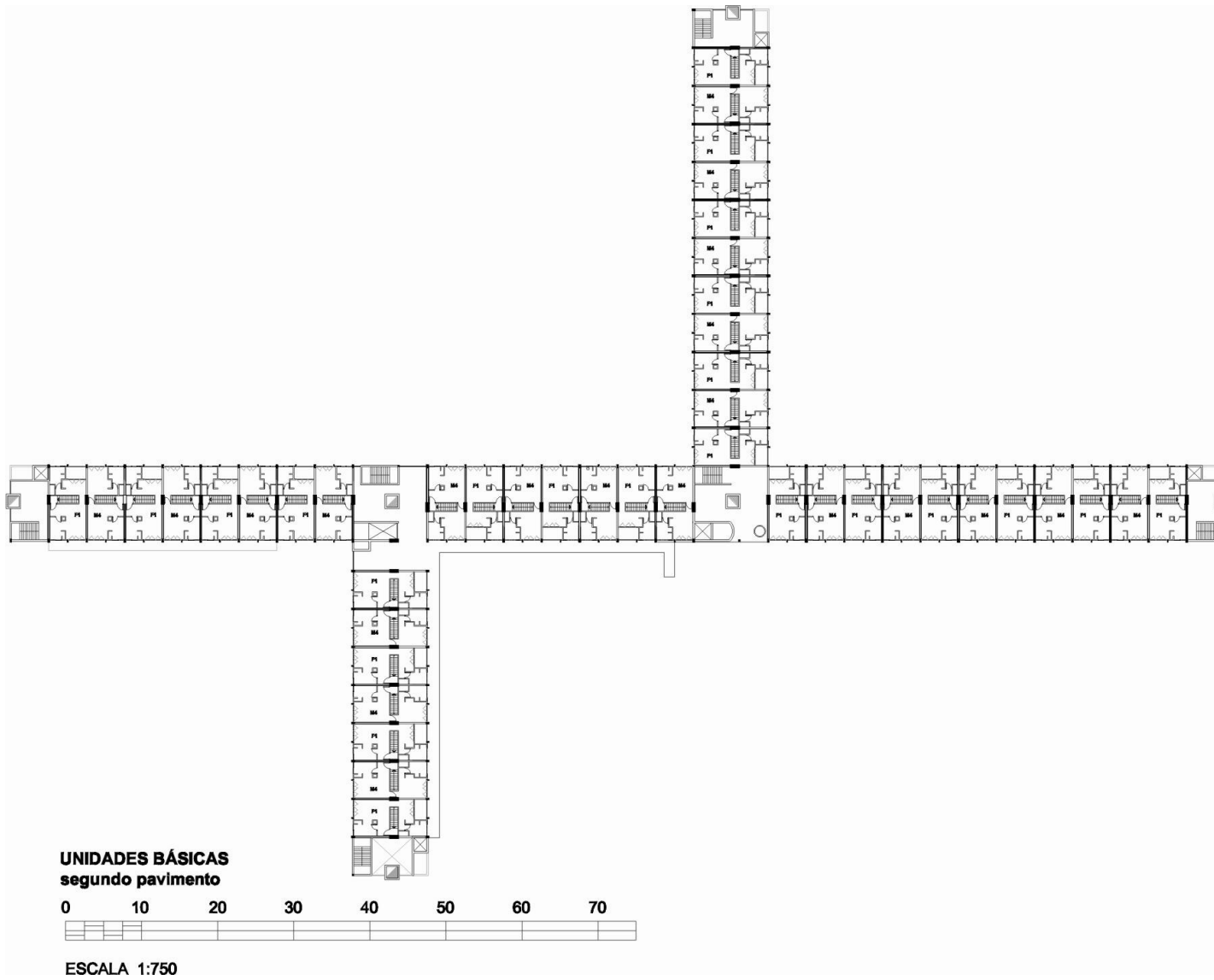


Figura 36 - Redesenho

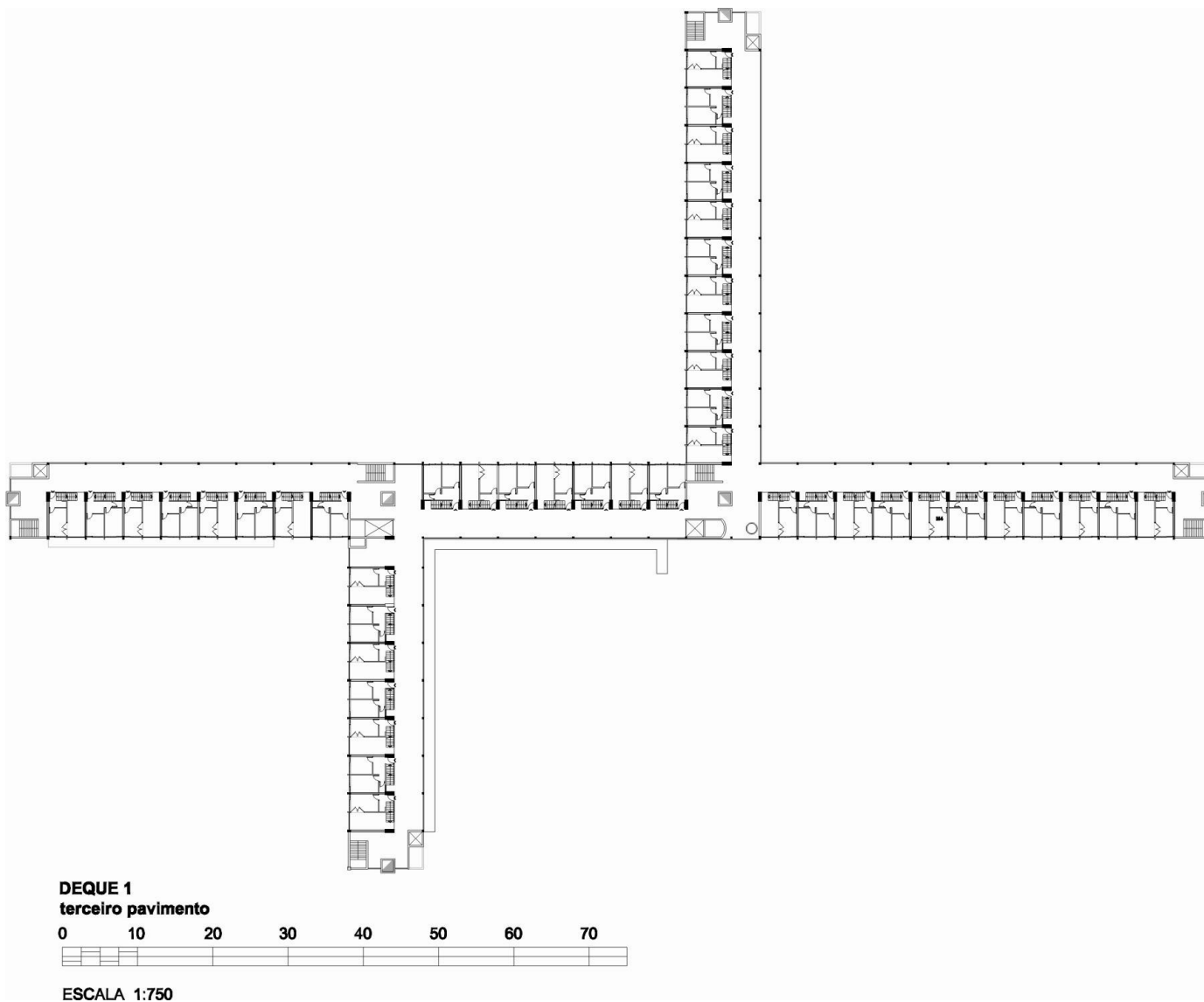


Figura 37 - Redesenho

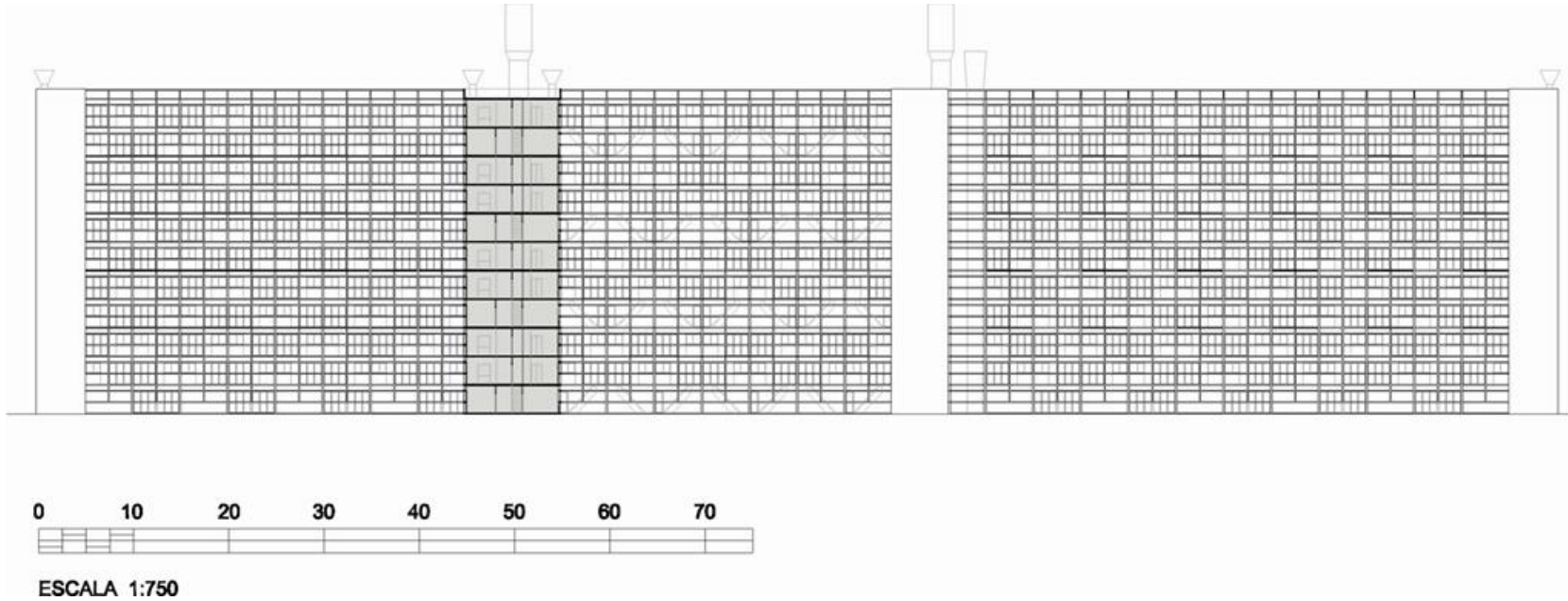
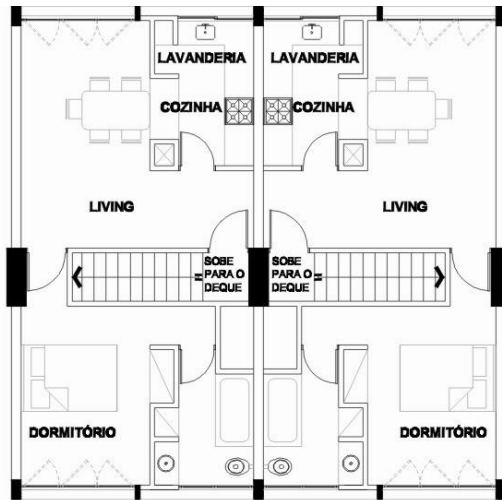
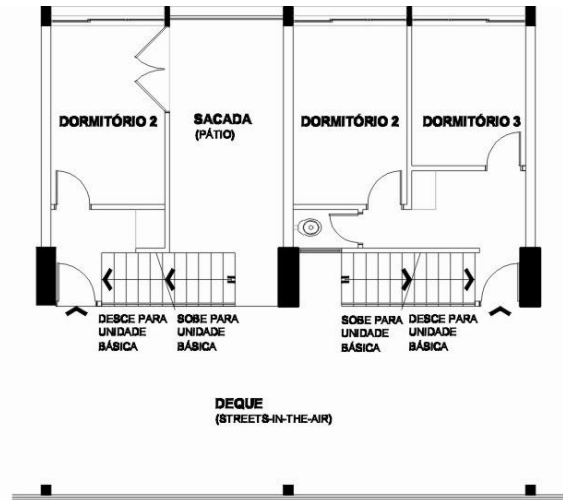


Figura 38 - Redesenho fachada geral e corte

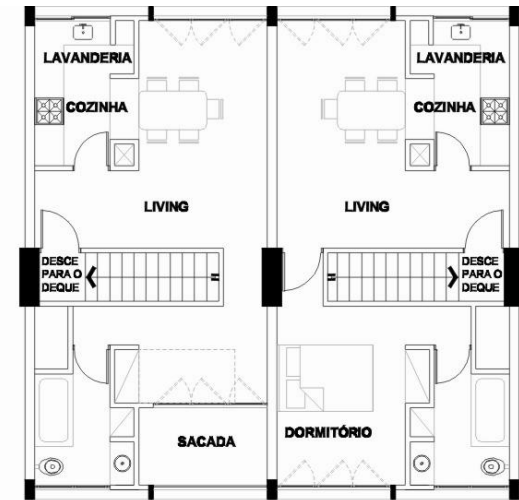
CAPÍTULO 3 – GOLDEN LANE: UMA PROPOSTA, UM PROTÓTIPO



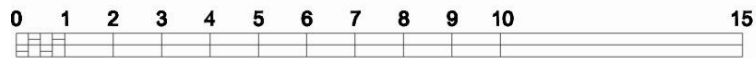
NÍVEL ABAIXO OU ACIMA DO DEQUE
UNIDADE BÁSICA - PAIS (CASAL)



NÍVEL DO DEQUE
DORMITÓRIOS ADICIONAIS PARA OS FILHOS

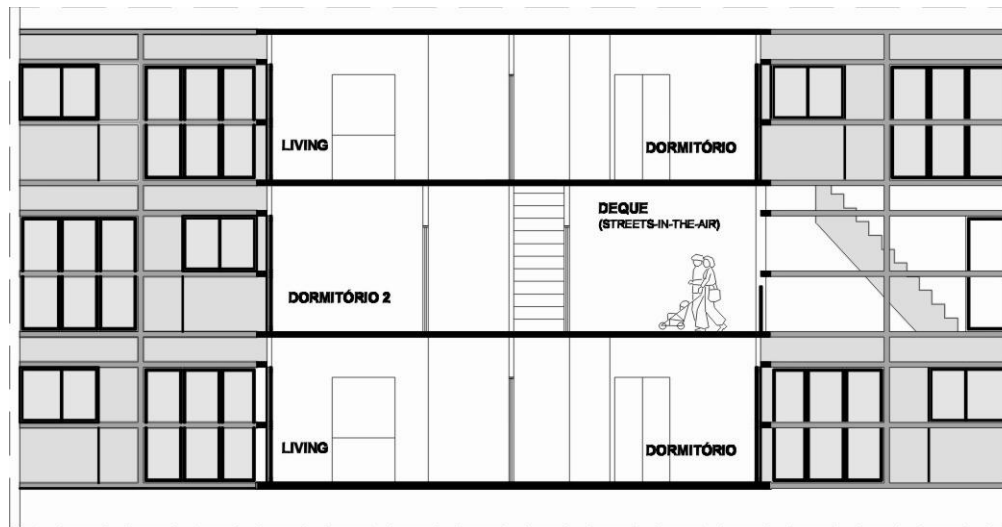


NÍVEL ACIMA DO DEQUE
UNIDADE BÁSICA - PAIS (CASAL)



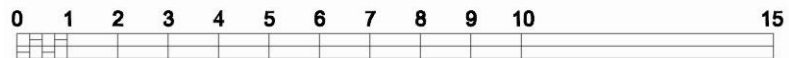
ESCALA 1:150

Figura 39 - Redesenho das Unidades Ampliadas



CORTE TRANSVERSAL

UNIDADE BÁSICA - DEQUE



ESCALA 1:150

Figura 40 - Redesenho da seção da Unidade Básica

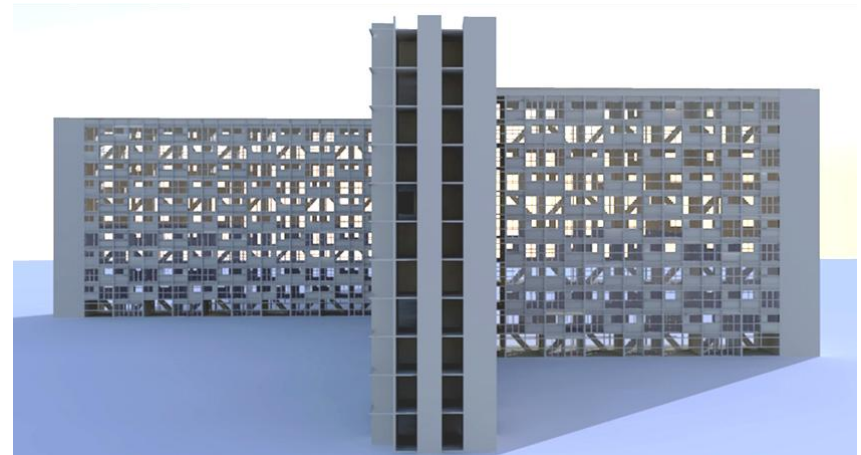
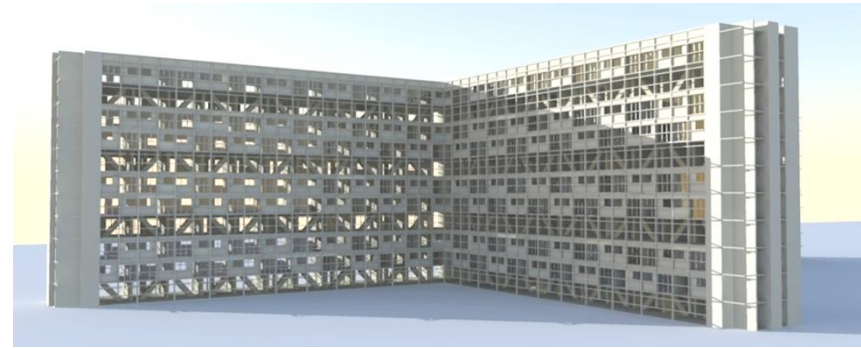
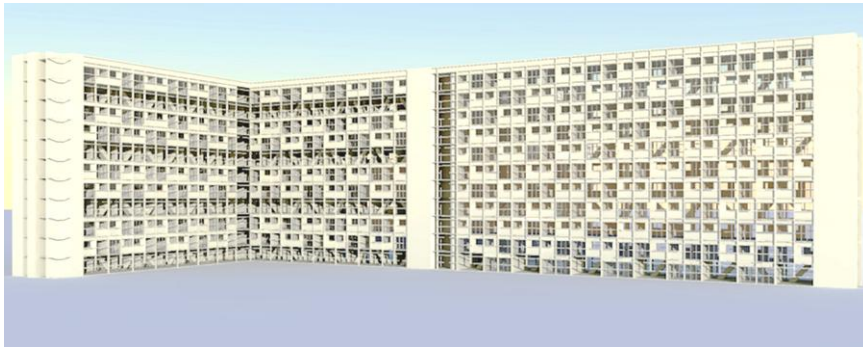


Figura 41 - Imagens geradas a partir da maquete eletrônica

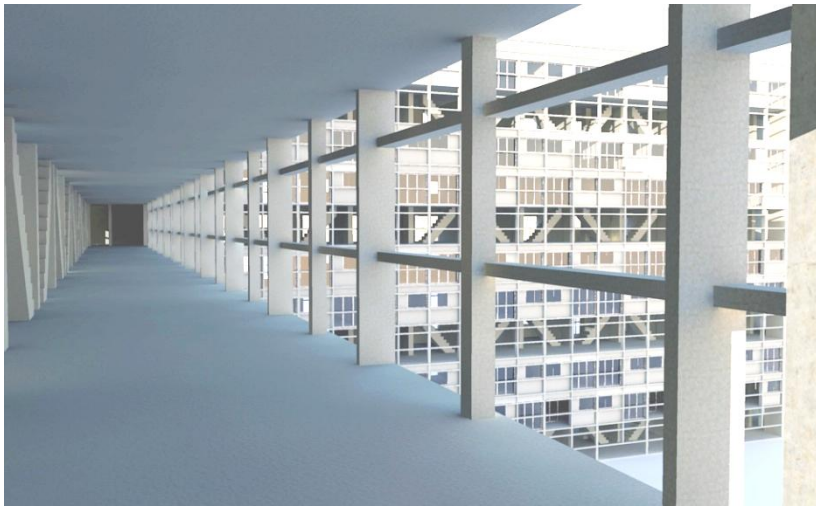


Figura 42 - Imagens geradas a partir da maquete eletrônica

No que se pode compreender, o projeto apresenta estrutura independente em concreto pré-moldado, onde o térreo se configura sem o pilotis Corbusiano, e a permeabilidade visual deste espaço se dá através dos pátios das unidades, que resulta em um edifício vazado em toda a sua altura.

O esquema estrutural foi pensado como uma grelha reforçada de concreto com paredes de concreto de dezoito centímetros e lajes de piso com quinze centímetros de espessura. As esquadrias teriam molduras em madeira e venezianas metálicas leves, que poderiam ser elevadas verticalmente com facilidade. A construção se daria, desta maneira, em todos os níveis, de uma forma piramidal. As lajes de piso seriam elevadas ao nível superior pelo vazio da escada pré-fabricada. Dentro desta grelha seriam construídas as habitações, estandarizadas e pré-fabricadas, com o mínimo de trabalho sendo feito no local durante a obra.⁵³

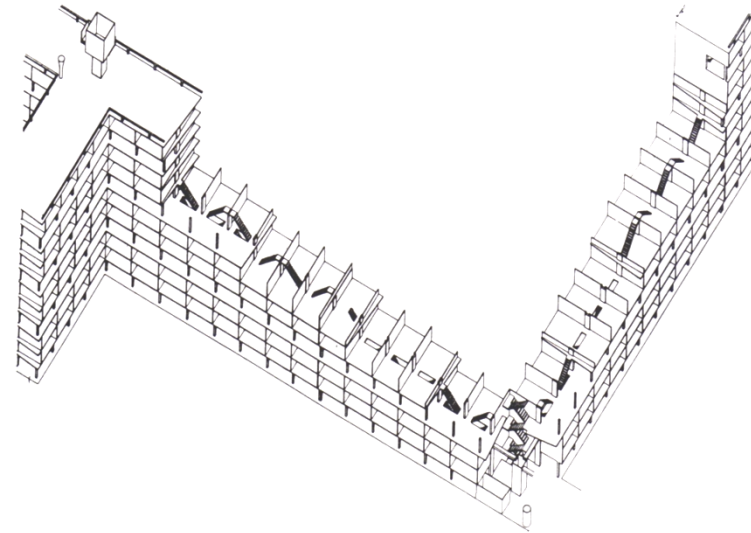


Figura 43- esquema da montagem da estrutura pré-moldada proposta

⁵³ SMITHSON, Alison e Peter. *The Charged Void: Architecture*. New York: The Monacelli Press, 2001.

O módulo estrutural é de 16x8 pés, em torno de 487x243cm. A proporção da seção do apartamento permite generosas vistas para o exterior, dando ao pedestre que caminha pela rua-deque a visual emoldurada pelo módulo vazio, os terraços das unidades residenciais, por um lado, e a visão livre a partir do deque, de outro.

O projeto se estrutura com uma planta baixa em cruz com hastes menores deslocadas, resultando cinco segmentos de barra diferentes. Os segmentos são girados entre si, fazendo com que a circulação horizontal, a rua-deque da proposta, não seja linear, e sim se distribua de maneira a formar três pátios sem ligação visual entre eles. Nos dois nós de ligação que se criam a partir desta disposição, e nas pontas de cada barra localizam-se os pontos de ligação vertical entre os deques, de três em três pavimentos. Cada deque acessa apartamentos acima e abaixo de seu nível, portando nesta proposta apresentada pelos Smithsons para o concurso, com quatro deques, o edifício apresenta onze pavimentos. O solo era liberado para a circulação pedestre e para a vegetação, não

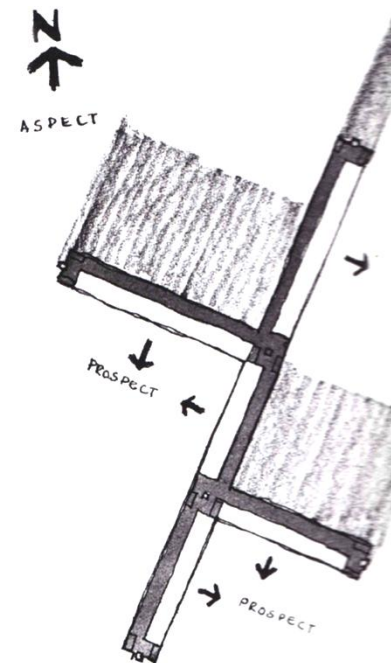


Figura 44 - esquema do edifício proposto, onde a área hachurada escura representa as unidades e o vazado as ruas-aéreas

havendo provisão de área de circulação e estacionamento para automóveis.

“Para refletir a continuidade da rua-deque, os blocos flutuam um dentro do outro com uma ininterrupta articulação, que suas juntas de expansão são pontuais de acordo com sua lei própria. A penetração total dos pátios dissolve o efeito de paredes cegas do bloco residencial convencional, e produz vistas sempre mutantes da vida e do céu; a habitação individual claramente se torna a medida e a razão para o todo.”⁵⁴

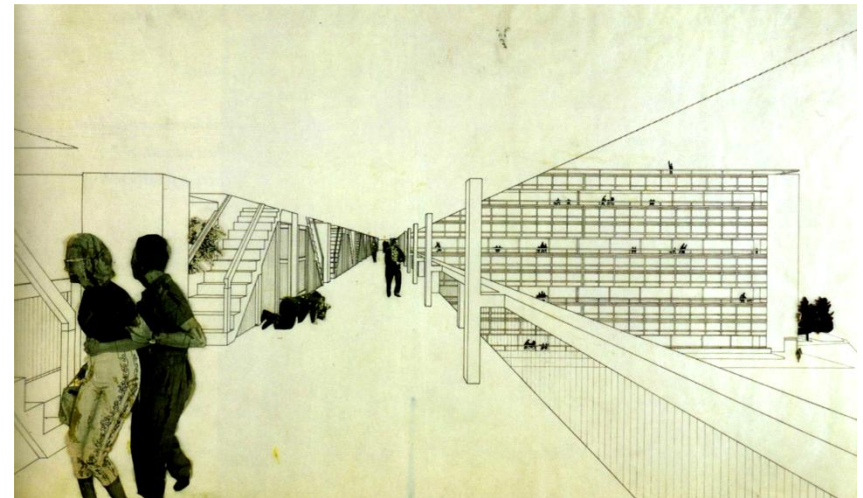


Figura 45 - rua aérea, croqui entregue no concurso

⁵⁴ SMITHSON, Alison e Peter. **Ordinariness and Light** Urban Theories 1952-1960 and Their Application in a Building Project 1963-1970. The MIT Press: Cambridge, Massachusetts, 1970.

“To reflect the continuity of the street deck the blocks flow into one another with an uninterrupted articulation, which the expansion joints punctuate according to their own laws. The total penetration of the yard-gardens dissolves the dead-wall effect of the conventional slab block, and produces ever-changing vignettes of life and sky; the individual dwelling clearly being the measure and reason for the whole.”

CAPÍTULO 3 – GOLDEN LANE: UMA PROPOSTA, UM PROTÓTIPO

Os blocos foram vinculados de forma linear, com ângulos retos, sem responder aos padrões da malha urbana local, pois não representavam uma continuidade com o alinhamento das ruas que faceavam o terreno. Em seu interior a rua-deque chegava junto às fachadas e era repetida a cada três pavimentos.

A circulação horizontal se dá por meio das ruas-aéreas, os deques que se estendem até as fachadas a cada três pavimentos e ligam o acesso às unidades de dois níveis, acima e abaixo do nível de cada deque. As circulações verticais comunitária, com escadas e elevadores, concentram-se nos cruzamentos e no fim de cada barra. Estas zonas têm pé-direito triplo, pois acessa deques a cada três pavimentos, e foi pensada para ser um espaço de encontro entre os moradores dos diferentes deques acessados por cada uma delas, definidos como sendo as “esquinas” do quarteirão em altura proposto pelos Smithsons.

Há ainda a circulação vertical privativa de cada unidade, que é acessada pelo deque para cima ou para baixo do mesmo, e fica no núcleo da residência, dividindo os ambientes de estar e dormitório, na unidade básica, e público (a rua-deque) e privado

(os dormitórios extra), no nível do deque. Todas as habitações consistem de uma unidade básica, subindo ou descendo do nível da rua-aérea, com dormitórios extras para as crianças no nível do deque. As diferentes unidades de apartamento são sobrepostas, de modo que as residências se encaixem como um composto de peças recortadas. Desta maneira, pode-se ter residências com um dormitório, dois dormitórios com pátio, este acontecendo no nível da rua-deque, ou três dormitórios, com e sem pátio. A chamada unidade básica do apartamento ocupa todo o módulo transversal do edifício, com amplas áreas envidraçadas para as duas fachadas opostas. No centro do apartamento fica a zona de circulação, compreendida pela escada de acesso que sobe ou desce a partir do nível do deque e um pequeno hall que distribui a circulação para o ambiente de estar e cozinha ou para o dormitório e sanitário. Com esta conformação, os Smithsons tornam o nível da rua aérea o ambiente mais público da unidade, com os acessos principais e os terraços neste nível, deixando os compartimentos mais íntimos um nível acima ou abaixo deste.

Esta unidade básica poderia servir para uma pessoa sozinha ou para um casal. Os dormitórios extras, pensados pelos Smithson para se agregarem às unidades básicas no caso

de famílias maiores, ficam no nível do deque. Dividido centralmente no sentido longitudinal, este espaço no nível do deque poderia comportar um dormitório extra e um terraço, dois dormitórios extras ou ser completamente livre, com terraços coletivos aos moradores deste deque, no caso desta unidade acessar apartamentos dotados apenas da unidade básica. Trata-se de um jogo de montar, onde lajes planas são colocadas umas sobre as outras e nos entrecolúnios são encaixados os apartamentos, dispostos de maneira a não haver uma repetição monótona nas fachadas.

Segundo a descrição de Alison e Peter Smithson, as fachadas do projeto para Golden Lane não foram pensadas de maneira formalista, mas sim distribuídos segundo um padrão que refletia um modo de vida. Ao se olhar o projeto mais profundamente, percebe-se que não repetição entre os pavimentos é pensada, pois se origina de como é organizada a distribuição dos apartamentos. Como a partir de cada deque se desce ou se sobe para as unidades básicas, na fachada, onde se vê esta justaposição de uma unidade sobre a outra, elas estão espelhadas, em função do ponto de acesso para a escada.

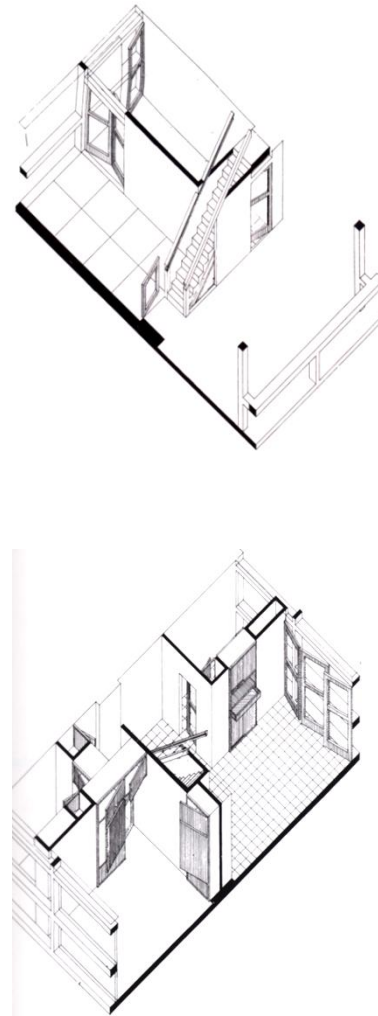


Figura 46 - axonométrica da unidade básica

A fachada do edifício é montada como uma grelha, onde as unidades são “encaixadas”. Sobre esta grelha principal, é aplicada uma segunda grelha menor, que divide o módulo principal em quatro partes, conformando um discreto brise-soleil.

Os Smithsons projetaram todo o conjunto em concreto pré-fabricado, pensado para ser deixado sem acabamentos. Os acabamentos externos são em vidro e painéis de aço esmaltados.

Os parapeitos são perfurados em painéis pré-fabricados em concreto, e também são pré-fabricados os pilaretes que conformam a grelha menor das fachadas. A grelha da malha estrutural vai até as fachadas, e é acrescida de outra grelha, aparentemente também em concreto, que é o brise. Nos espaços entre as grelhas se encaixam as esquadrias das unidades, por um lado, e são totalmente livres, pelo outro, onde ficam os deques de circulação. Todas as janelas são em madeira, com verniz para sua preservação e sem pintura.⁵⁵

⁵⁵ SMITHSON, Alison e Peter. *The Charged Void: Architecture*. New York: The Monacelli Press, 2001.

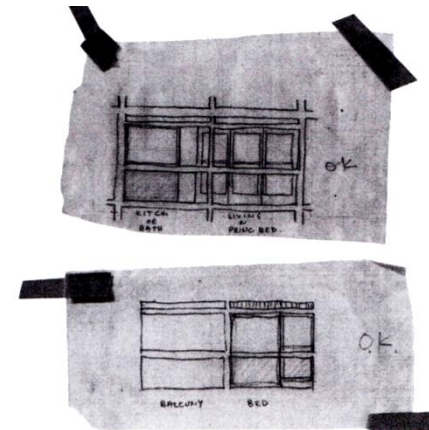


Figura 47 – croqui de estudo das fachadas

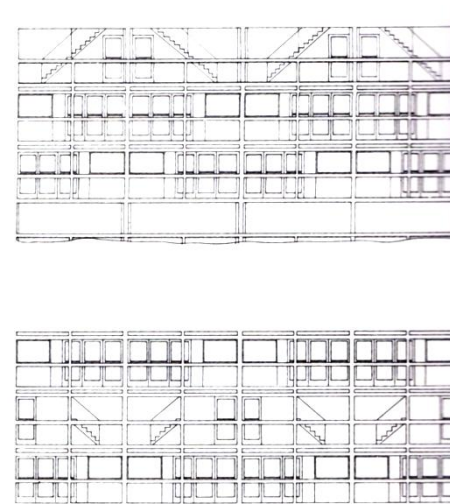


Figura 48 – estudo das fachadas

3.3. IDENTIDADE, CLUSTER E OS ELEMENTOS DA CIDADE: a casa, a rua, o bairro.

Ao contrário do que vinha sendo praticado nos projetos urbanos a partir da Carta de Atenas, Alison e Peter Smithson propunham uma análise mais profunda de cada comunidade e espaço que virá a ser construído ou projetado, vindo de cada uma destas individualidades as premissas para o desenvolvimento de um projeto. Estes conceitos de identidade e cluster, e os elementos da cidade, foram desenvolvidos pelos Smithsons a partir de 1952. Os Smithsons pretendiam uma arquitetura mais próxima do que consideravam a realidade das relações entre as pessoas, ao contrário da distribuição apenas funcional da carta de Atenas, ou da habitação baseada em dimensões mínimas, que o casal de arquitetos rechaçava, preferindo uma unidade de habitação baseada nas necessidades dos diversos tipos de família.

Embora a análise das funções da Carta tenha permitido a possibilidade de se pensar claramente sobre a organização das

cidades, segundo os Smithsons ela provou ser inadequada na prática, pois era um conceito demasiadamente diagramático.⁵⁶

*“A subdivisão da comunidade deve ser pensada como ‘unidades de compreensão’. Uma unidade de compreensão, não é um grupo nem uma vizinhança, mas uma parte de uma aglomeração humana que pode ser sentida. O entendimento deve ser diferente para cada tipo de comunidade. Uma grande comunidade não pode ser construída a partir de unidades de compreensão desenvolvidas para uma comunidade pequena e em diferentes condições (ex. casas circundando uma praça). Para cada comunidade deve-se re-inventar a estrutura de sua subdivisão”.*⁵⁷

⁵⁶ SMITHSON, Alison e Peter. **The Charged Void: Urbanism**. New York: The Monacelli Press, 2005.

⁵⁷ LEWIS, John. **Urban Structuring** Studies of Alison & Peter Smithson. London : Studio Vista, 1987.

“The community sub-division might be thought of as ‘appreciated units’. An appreciated unit is not a ‘visual group’ or a ‘neighborhood’, but a part of a human agglomeration which can be felt. The appreciation should be different for each type of community. A large community cannot be built up from appreciated units evolved for a small community under different conditions (e.g. houses round a square). For each particular community one must invent the structure of its sub-division”.

Os Smithsons passam então do ponto de vista funcional, morar, trabalhar, recrear e circular, da Carta de Atenas, a termos como casa, o grupo familiar, rua e bairro, o grupo comunitário e cidade, a união dos grupos comunitários. Alison e Peter Smithson afirmam que não há razão para perpetuar o modo de vida das ruas tradicionais, com casas faceando ruas, mas que seria produtivo olhar para suas origens. Os Smithsons propõem estes termos (casa, rua, etc.) para que sejam utilizados como idéias, não em sua forma conhecida. Os arquitetos não pretendiam de maneira nenhuma reproduzir o modelo de cidade tradicional, apesar de não crer que o modelo de cidade funcional do Movimento Moderno, proposto na Carta de Atenas fosse uma resposta.⁵⁸

Os Smithsons demonstravam, desta maneira, estar buscando um arranjo novo, em relação ao que havia sido proposto na Carta de Atenas, para os edifícios de habitação e as comunidades formadas por eles. O seu estudo propõe que a comunidade deve ser construída de uma forma de hierarquia de

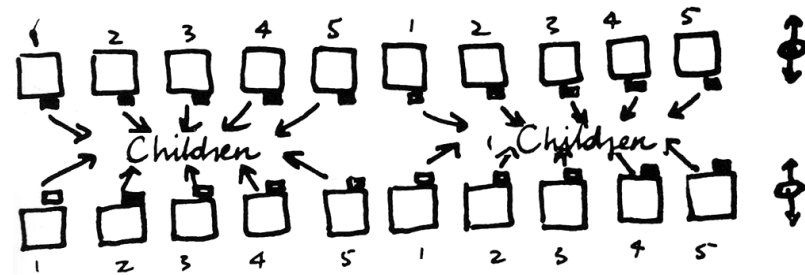


Figura 49 - diagrama do padrão de associação entre crianças em uma rua

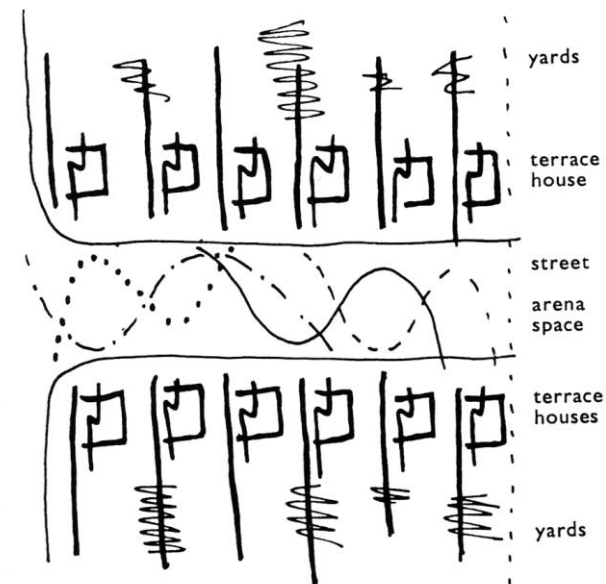


Figura 50 - diagrama de uma rua indicando as áreas de contato social

⁵⁸ LEWIS, John. *Urban Structuring* Studies of Alison & Peter Smithson. London : Studio Vista, 1987.

CAPÍTULO 3 – GOLDEN LANE: UMA PROPOSTA, UM PROTÓTIPO

elementos associáveis e tenta expressar os vários níveis de associação – a casa, a rua, o distrito, a cidade. Os Smithsons tinham como seu maior o desafio encontrar novos equivalentes para estas formas de associação, e estes equivalentes são a base da proposta apresentada pelos Smithsons para o projeto de Golden Lane. Alison e Peter Smithson propõem uma possibilidade de transposição destas imagens de rua e bairro em uma implantação de edifício pensada de acordo com preceitos modernos, como o edifício em fita e não alinhado com o perfil da rua.

Peter Smithson propõe, em 1954, conforme o Manifesto de Doorn, a idéia de ‘comissões de ambiente’ baseada na *Valley Section* de Patrick Geddes, cuja complexidade variava de acordo com a escala urbana. Tratava-se de um arranjo que seria organizado em torno de Casas Isoladas, Vilas, Cidades e Metrôpoles, pois o arquiteto considerava ser errado ‘construir a mesma casa’ em todas essas diferentes localidades, como se

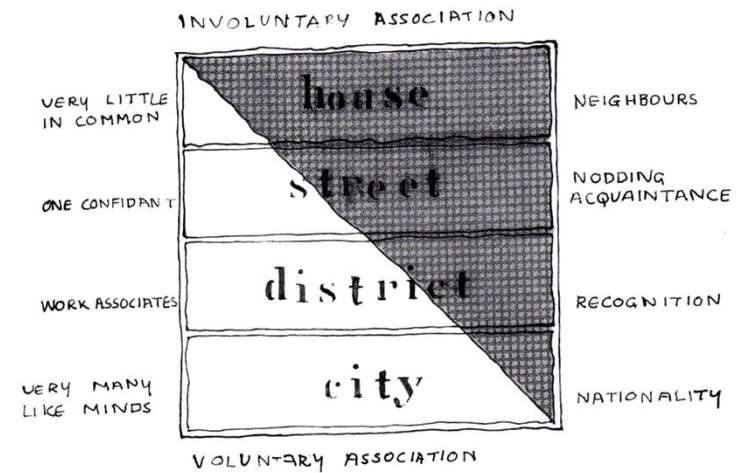


Figura 51 - diagrama de associação voluntária e involuntária

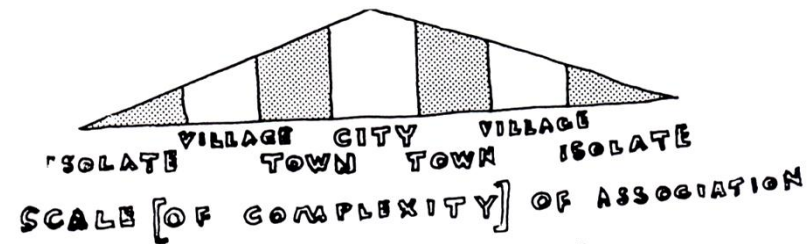


Figura 52 – diagrama mostrando os níveis de complexidade de associação

fazia naqueles anos do pós-guerra. ‘O tipo da casa depende de seu meio-ambiente’.⁵⁹

Segundo os Smithsons, havia uma necessidade essencial sendo esquecida nos conjuntos habitacionais que vinham sendo construídos nos anos 50, uma qualidade vital, afirmavam os arquitetos, que era essencial para o sentimento de bem estar do homem: a identidade.⁶⁰

“Nós aceitamos como básica a necessidade individual de identificação entre o indivíduo e seu entorno – com objetos e símbolos familiares.”⁶¹

A noção de *identidade* era fundamental, e poderia ser resumida por uma das frases-chave do Team 10, ‘*being*

⁵⁹ MUMFORD, Eric. *The Ciam Discourse on Urbanism*, 1928-1960. Cambridge, Mass.: Mit Press, 2002.

⁶⁰ SMITHSON, Alison e Peter. *The Charged Void: Urbanism*. New York: The Monacelli Press, 2005.

⁶¹ LEWIS, John. *Urban Structuring* Studies of Alison & Peter Smithson. London : Studio Vista, 1987.

“We accept as basic the individual urge to identify himself with his surroundings – with familiar objects and familiar symbols”.

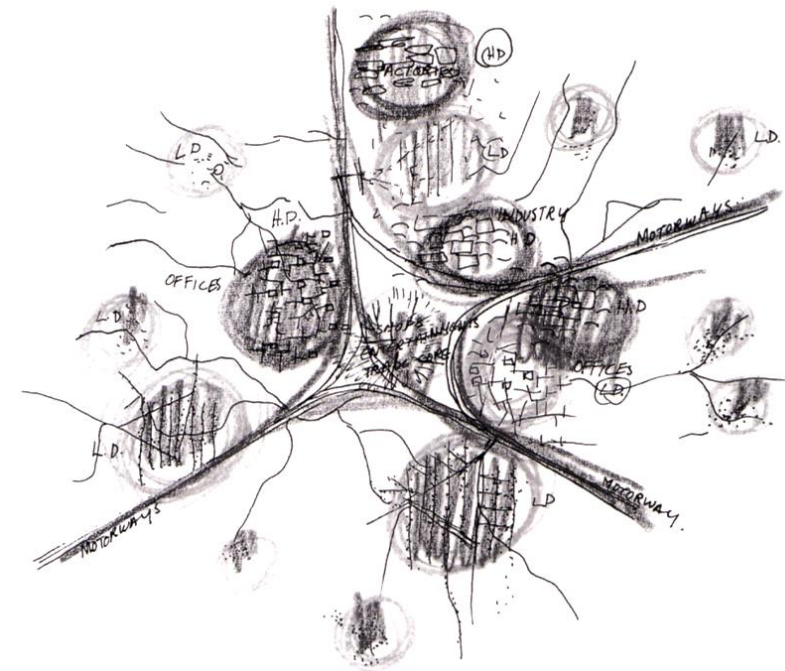


Figura 53 - digrama de clusters populacionais, com cada população trabalhando ou morando em tipos edificadas que tem sua própria relação com o sistema de circulação

CAPÍTULO 3 – GOLDEN LANE: UMA PROPOSTA, UM PROTÓTIPO

somebody somewhere, ser alguém em algum lugar. O conceito de *identidade* permite uma aproximação mais em termos de *lugar* que de *espaço*.

Os Clusters foram definidos como grupos de casas em uma rua, como o grupo de ruas que formam o bairro e assim por diante. A mobilidade existente entre estas diferentes associações geraria diferentes níveis de identidade. A palavra Cluster foi introduzida no Ciam 10, em Dubrovnik, 1956. O objetivo era demonstrar que uma específica forma de habitat deve ser desenvolvida para cada situação particular. Em cada uma destas situações, a tipologia do desenvolvimento urbano era chamada de Cluster, que tem como significado a forma de organização projetual, nomeada por Alison e Peter Smithson, na qual o padrão de desenvolvimento é ao mesmo tempo livre e sistematizado.

A palavra cluster significa, desta maneira, uma textura de associação específica, e foi introduzida para substituir as denominações como rua, distrito e cidade, que eram demasiadamente ligados a conceitos históricos. Qualquer agrupamento é um cluster. Alison e Peter Smithson desenvolveram estudos para que a natureza do cluster fosse

clarificada, e sua intenção era demonstrar em termos de formas construídas reais que um novo enfoque para o urbanismo era possível. Em outras palavras, era para apresentar uma imagem: uma nova estética era postulada assim como um novo modo de vida.

Obtinha-se assim um sistema complexo de imagens, uma ordem com uma certa tensão em que todas as partes correspondessem, de uma maneira nova, a um novo sistema de relações. O Cluster se materializa, desta maneira, como um elemento ramificado, relacionando todos os elementos do complexo, que se desenvolve como um esquema onde tudo está conexo e criando espaços de relação.⁶²

Na proposta apresentada pelos Smithsons, espaços e atividades são pensados nos projetos não apenas em termos teóricos, mas como aplicações práticas do cotidiano das pessoas. Os Smithson afirmavam que para uma aglomeração humana se tornar uma comunidade, era necessário um meio de

⁶² LEWIS, John. **Urban Structuring** Studies of Alison & Peter Smithson. London : Studio Vista, 1987.

reagrupar as densidades populacionais. O padrão geral de uma comunidade seria de *clusters* de densidades variadas, e este reagrupamento permitiria a criação de um novo sistema de vias e espaços verdes, e permitiria o desenvolvimento da habitação familiar. Alison e Peter Smithson transpuseram a relação do espaço da rua, na cidade tradicional, visto em planta baixa, para uma nova relação entre estes espaços, vista em corte. A rua, da mesma forma que na cidade tradicional, dá acesso às moradias, mas apresenta-se como um espaço no entremeio dos grupos de moradia – em altura. Nas imagens vê-se a relação pretendida pelos arquitetos com a cidade tradicional. Não como forma, mas como idéia. Cada retângulo da figura representa um bom número de habitações, que se relacionam em altura com uma rua-deque, podendo ser interpretado, na relação com a cidade tradicional, como um quarteirão. A idéia de cidade em níveis se materializa na proposta de Golden Lane, quando os Smithsons transpõe a relação entre as moradias do plano horizontal para o vertical. A circulação vertical direta nos nós entre as barras se soma às ruas elevadas de acesso às moradias acima e abaixo deste nível, convertendo este espaço em uma área de uso comum.



Street - mesh - in - the
air.

Figura 54 - croqui da seção de Golden Lane e a relação da rua-aérea com as unidades

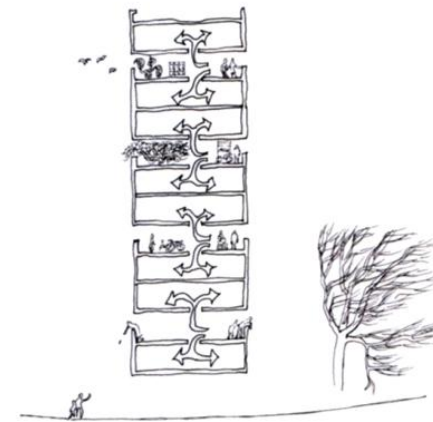


Figura 55 - diagrama final para publicação

3.4. MULTILEVEL CITY, A CIDADE POR TRÁS DO EDIFÍCIO: Golden Lane como protótipo

*“Golden Lane é um pedaço de uma forma urbana conectiva.”*⁶³

Assim como a Unité de Le Corbusier e outras propostas modernistas, por trás da proposta para o Golden Lane existia uma proposta urbana. Os Smithsons afirmam que em vários dos seus desenhos há uma óbvia e proposital referência a Unité d’Habitation em Marselha, que foi projetada e construída a partir de 1946.

Antes da introdução do veículo motorizado, a rua era o domínio público do pedestre. Edifícios eram para habitação, trabalho e outras atividades essencialmente privadas. Com o advento do automóvel, a rua como o caminho público pedestre não era mais viável, e desde 1910 o caminho pedestre estava

⁶³ SMITHSON, Alison e Peter. *The Charged Void: Architecture*. New York: The Monacelli Press, 2001.

sendo concebido como uma entidade autônoma, separado da rua. É importante notar que quando esta mudança ocorre ela não apenas transforma a forma do edifício, mas também altera a relação entre o edifício e a casa. De 1952, o poder desta idéia de sugerir uma organização formal tem sido um tema central para os Smithsons. Este pensamento para uma nova relação entre edifício e rua foi manifestado em dois principais meios. Como um deque pedestre e como um distrito pedestre.⁶⁴

Os Smithsons, no seu trabalho no início dos anos 50 na imagem de uma nova cidade, seus clusters, seus distritos, um dos primeiros desenhos é um diagrama dos elementos da cidade com uma ligação pedestre angular como ‘streets-in-the-air’, ruas-aéreas, que constrói através da associação das habitações em altas densidades nas cidades, permitindo uma maior movimentação de veículos e de lazer no nível do solo. Estas ligações, como imagens de uma nova ordem – indicativa de e baseada no movimento pedestre – eram o primeiro

⁶⁴ EISENMAN, P. Robin Hood Gardens E14ARCHITECTURAL DESIGN. Número 9, setembro de 1972.

CAPÍTULO 3 – GOLDEN LANE: UMA PROPOSTA, UM PROTÓTIPO

oferecimento de lugares onde os pedestres poderiam caminhar com segurança e sentir-se em um ambiente calmo.

Golden Lane é, para os Smithsons, um protótipo que valida suas idéias para a organização das edificações e da cidade como um todo. Como um complexo mega-estrutural, unidades Golden Lane se conectariam umas às outras e aos demais edifícios da cidade e comporiam uma estrutura única, com circulação de pedestres ocorrendo livremente através das diferentes unidades, e convertendo os deques em ruas elevadas não apenas metafóricas.

Em Golden Lane os edifícios eram eles mesmos fragmentos de um esquema maior; foram pensados para serem ligados em um estado futuro. A sua forma incorpora um processo empírico. A cidade futura não é mais pensada como sendo construída de uma vez, mas como um processo, um desenvolvimento acumulado em sítios separados ao longo do tempo. As formas anguladas e conectadas da proposta para a Cidade Golden Lane aceitam a realidade deste processo, sugerindo uma conexão com o contexto existente tanto vertical

como horizontal.⁶⁵

O projeto de Golden Lane manifesta o interesse pelo aspecto social envolvido em arquitetura, expresso no conceito de comunidade. Os Smithson buscaram criar níveis de associação espacial para dar identidade aos lugares e às comunidades. Conceitualmente, acreditavam em um princípio de identificação entre homem e lugar e nas relações de pertinência da casa em relação à rua, da rua em relação ao distrito e do distrito à cidade.

Para os Smithsons, o problema principal das cidades está no seu inchamento, com a dispersão das áreas urbanizadas – utilizando e impermeabilizando as áreas rurais. Afirmam que é preciso que a área urbana possa absorver a população urbana,

⁶⁵ EISENMAN, P. Robin Hood Gardens E14. ARCHITECTURAL DESIGN. Número 9, setembro de 1972.

sem que seja necessária a utilização das áreas de campo e plantações para acomodar o excedente de população.⁶⁶

Alison e Peter então propuseram uma cidade em níveis, *Multi-level City*, que no entender dos arquitetos resolveria o problema, apontado por eles, das cidades no pós-guerra: o seu inchamento. Na proposta da cidade em níveis, os diferentes níveis são compostos por habitação. A malha urbana principal se compõe pelo o mega-edifício Golden Lane, havendo conexões entre esta circulação horizontal pedestre em vários níveis e a circulação vertical dos demais edifícios. Assim, a cidade não é zoneada funcionalmente conforme proposto na Carta de Atenas, pois as funções se misturam na complexa rede proposta pelos Smithsons, e que também se conectaria à cidade existente sob a nova. Os Smithsons utilizaram este esquema com um enfoque mega-estrutural que aparecia nas suas propostas. As mesmas ruas aéreas que se unem dentro do conjunto pontualmente em suas circulações verticais, e possibilitam que o pedestre troque

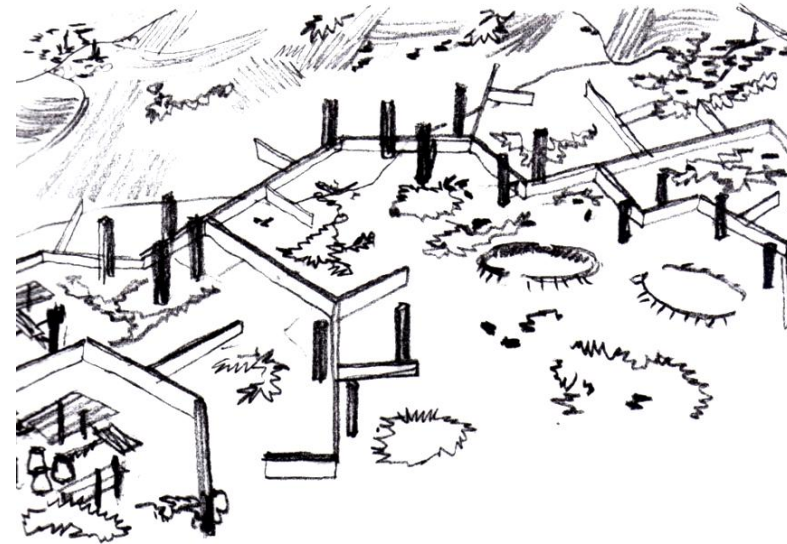


Figura 56 - croqui da cidade Golden Lane, com as ruas aéreas conectando-se umas às outras e aos edifícios-torre

⁶⁶ SMITHSON, Alison e Peter. *Ordinariness and Light* Urban Theories 1952-1960 and Their Application in a Building Project 1963-1970. The MIT Press: Cambridge, Massachusetts, 1970.

de bloco, ou de deque, são transformadas, na proposta de cidade dos Smithsons, na circulação pedestre principal da cidade. A cidade em múltiplos níveis dos Smithsons tinha as ruas-aéreas como seu principal equipamento. Nesta proposta, os deques de pedestres se conectariam diretamente às circulações verticais dos diferentes edifícios que formam o complexo, conformando a massa edificada da cidade em uma estrutura única. Os acessos principais aos edifícios não se dariam ao nível do térreo, tornando as ruas aéreas mais próximas das relações proporcionadas pela rua tradicional.

No primeiro texto escrito durante a concepção do projeto para Golden Lane, Peter Smithson escreveu: “Nosso objetivo é criar uma verdadeira rua-aérea, cada rua tendo um grande número de pessoas dependentes dela para o acesso, e, além disso, algumas ruas são feitas para serem vias- que conduzem a lugares – de maneira que cada uma irá adquirir características especiais – e ser identificada de fato. Cada parte de cada rua-aérea terá população suficiente acessada por elas para que se torne

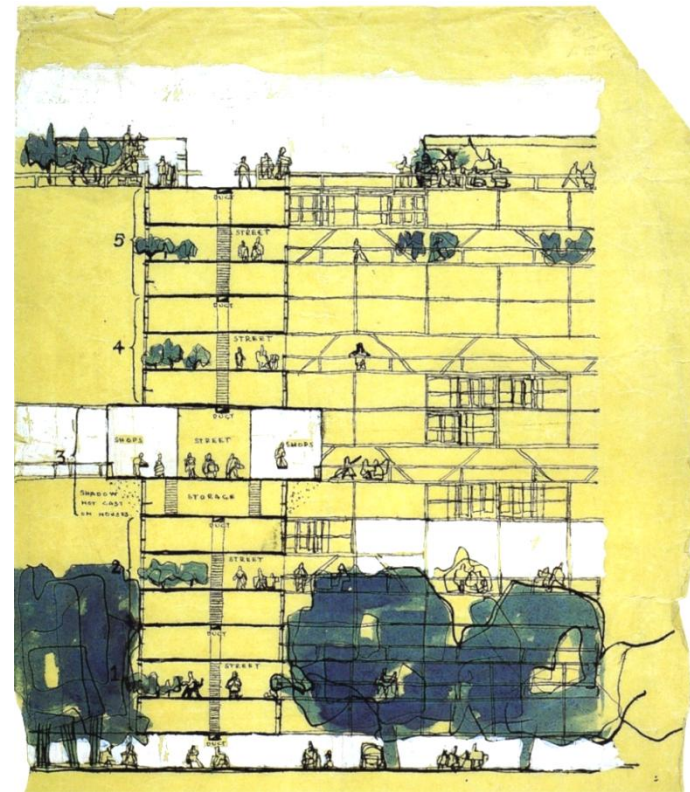


Figura 57 - corte esquemático do que seria um corte deste conjunto residencial que conformaria a rua-aérea da Multilevel-City

uma entidade social e estar ao alcance de um maior número de pessoas no mesmo nível.”⁶⁷

Os deques, na proposta e nas palavras de Alison e Peter Smithson, seriam lugares, não apenas corredores de acesso. Estes seriam largos o suficiente para proporcionarem espaços agradáveis para o encontro e com facilidades em nível, como lojas, correios e telefones públicos. Segundo os arquitetos, deques puramente residenciais proviriam e existência de jardins e da casa individual. Para os Smithsons, este esquema habitacional proporcionaria um estio de vida.

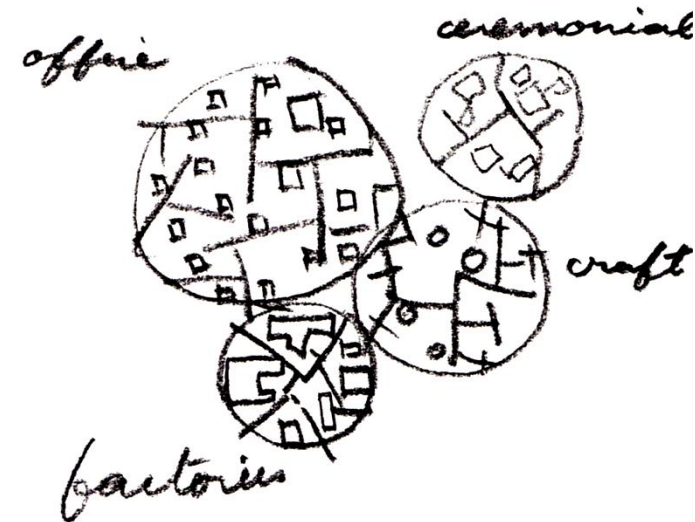


Figura 58 - idéia de agrupamentos diferenciados na cidade Golden Lane

⁶⁷ SMITHSON, Alison e Peter. **The Charged Void: Architecture**. New York: The Monacelli Press, 2001.

"Our aim is to create a true street-in-the-air, each street having a large number of people dependent on it for access, and in addition some streets are to be thoroughfares— that is, leading to places – so that they will each acquire special characteristics – be identified in fact. Each part of each street-in-the-air will have sufficient people accessed from it for it to become a social entity and be within reach of a much larger number at the same level."

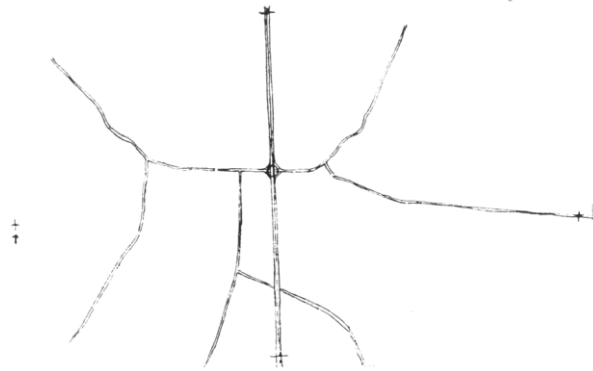


Figura 59 - rodovias no nível do solo, primeira camada da cidade Golden Lane

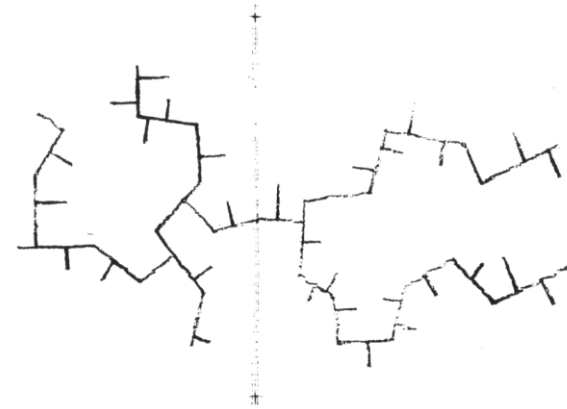


Figura 61 - elementos espaciais, as ruas-aéreas



Figura 60 – elementos edificados no nível do solo, segunda camada da cidade Golden Lane

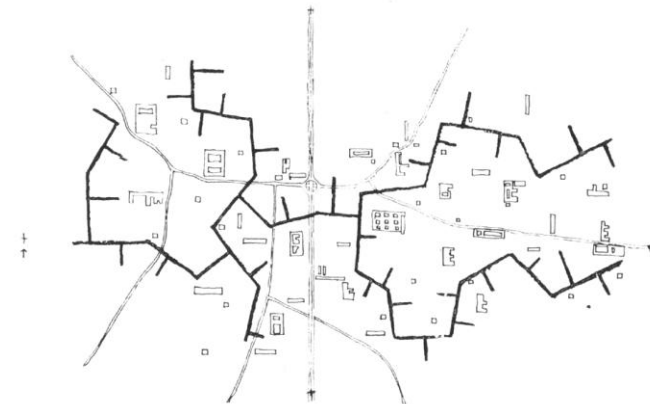


Figura 62 – diagrama completo da cidade

CAPÍTULO 3 – GOLDEN LANE: UMA PROPOSTA, UM PROTÓTIPO

A proposta urbana dos Smithsons girava em torno de um complexo de edifícios conectados, com mais ou menos o dobro da altura do projeto para Golden Lane. A idéia dos arquitetos era projetar um esquema que otimizasse os padrões sociais e estruturais da cidade como ela se apresentava. Nesta proposta, a entrada principal dos edifícios deixaria o solo, os acessos principais de lojas e escritórios poderiam se dar diretamente a partir dos deques pedestres. Para os edifícios comerciais, como escritórios, lojas e hotéis, não haveria imposição de limite de altura, seriam torres arranha-céus onde as ruas-aéreas se conectariam diretamente a suas circulações verticais. Na Cidade Multi-Nivelada o estacionamento de veículos poderia se dar em qualquer nível. Em uma hipótese, os Smithsons sugeriam que rampas de estacionamento formassem o ‘core’ de lojas de departamento, seguindo a idéia das lojas *drive-in* americanas. As linhas de transporte pesado passariam ao lado de áreas verdes e parques. Na idéia desenvolvida pelos Smithsons existiriam agrupamentos, ou clusters. Nos clusters de escritórios e clusters industriais, por exemplo, existiriam “conjuntos Golden Lane” residenciais, onde as pessoas fariam a opção de morar no agrupamento onde trabalham, evitando assim deslocamentos com automóvel ou metrô.

Onde a rua-deque é puramente residencial, a casa individual e o jardim irão prover a mesma organização de vida como uma verdadeira rua ou um quarteirão da cidade tradicional – nada é perdido e a elevação é ganha. Os Smithsons afirmam que, assim, a quadra horizontal desaparece e uma vida vertical se torna uma realidade.⁶⁸

O complexo habitacional sintetizava a idéia de cluster, forma de agregação de diversas unidades de habitação, como “cachos” articulados, que conformavam uma nova idéia para uma cidade nova um padrão de associação para a comunidade e entre os seus habitantes e o conjunto. O complexo habitacional sintetizava a idéia de cluster, forma de agregação de diversas unidades de habitação, como “cachos” articulados, que conformavam uma nova idéia para uma cidade nova. Os *ways-in-the-air* dos Smithsons foram pensados como um equipamento urbano, como a rede de canalização de água e esgoto, onde os novos edifícios se conectariam para promover

⁶⁸ SMITHSON, Alison e Peter. *The Charged Void: Architecture*. New York: The Monacelli Press, 2001.

CAPÍTULO 3 – GOLDEN LANE: UMA PROPOSTA, UM PROTÓTIPO

uma circulação pedestre plena e contínua, que se interpenetra em todos os diferentes edifícios do complexo.

*“Os way-in-the-air seriam um fato, como qualquer outro equipamento público, mas suficientemente revolucionário para fazer da reorganização urbana um fato, fazer da reidentificação um fato, e da organização do fato realidade”.*⁶⁹

A ligação entre os diferentes blocos se daria pelas suas circulações verticais, onde ocorrem os nós e as trocas de plataformas e de edifícios. Uma megaestrutura única, ligada, conformaria a nova cidade. Mas diferentemente do que Le Corbusier propôs em seu Plan Voisin, onde os novos edifícios substituiriam a cidade de Paris existente ali, na proposta dos Smithson essa rede Golden Lane se incrustaria na malha da cidade existente, ocupando os vazios urbanos e criando uma dinâmica de relações diferente da experimentada com propostas anteriores. A rua não apenas relê a rua tradicional e é uma

alternativa a ela. A rua-deque proposta pelos Smithson também se soma à rua corredor na relação da cidade com a megaestrutura do conjunto proposto.

As idéias de Le Corbusier estão sempre presentes nos textos dos Smithsons como citações ou exemplos de como idéias similares foram concebidas. Alison e Peter Smithson nos mostram, desta maneira, que não pretendiam uma separação de suas idéias do que já fora instituído como Arquitetura Moderna. Em sua concepção de cidade multi-nivelada, os Smithsons apresentam o esquema do projeto de Le Corbusier para dois viadutos de Argel, onde se vê um edifício em vários níveis. A rua-deque da proposta de Golden Lane remetia às passarelas do nível intermediário do Plan Obus para Argel de quinze anos antes e da rua interior da Unité de Marselha.

Em Argel, Le Corbusier propõe o conjunto edificado assumindo a forma de um grande viaduto que passa sobre o grande escarpado de cidade e determina um circuito fechado abaixo, junto ao mar. Este viaduto aloja moradias embaixo das

⁶⁹ SMITHSON, Alison e Peter. *Ordinariness and Light* Urban Theories 1952-1960 and Their Application in a Building Project 1963-1970. The MIT Press: Cambridge, Massachusetts, 1970

CAPÍTULO 3 – GOLDEN LANE: UMA PROPOSTA, UM PROTÓTIPO

suas pistas.⁷⁰ O viaduto habitável proposto no Plan Obus de urbanização para Argel se constituía de uma conexão entre os subúrbios extremos de Argel, St. Eugène e Hussein-Dey, uma estrada que correria a 100m da costa, sustentada por uma infraestrutura de concreto de altura variável, em relação ao solo, de 90 a 60 metros e na qual se encontrariam apartamentos para 180 mil pessoas. O projeto pretendia solucionar duas questões indispensáveis às cidades, a circulação rápida e os blocos de habitação necessários.⁷¹

Com essa descrição do viaduto habitável do projeto de Le Corbusier para Argel, vemos uma similaridade nas propostas das ruas aéreas dos Smithsons e as soluções Corbusianas. A grande diferença está no fato de que Le Corbusier estava privilegiando a circulação automotora em sua proposta, e na solução dada pelos Smithsons o “viaduto habitável” consistia de circulação pedestre, e a facilidade de circulação de daria a pé,

⁷⁰ MONTEYES, Xavier. **Le Corbusier** Obras e Proyectos. Barcelona: Gustavo Gilli, 2005.

⁷¹ BOESINGER, W. e GIRSBERGER, H. **Le Corbusier 1910-65**. Barcelona: Gustavo Gilli, 1995.

com a proximidade dos blocos Golden Lane às zonas de trabalho específicas.

A *Multi-level City* dos Smithsons tem uma relação clara com as propostas mega-estruturalistas dos anos 50 e 60. Mais do que um protótipo a ser repetido, Golden Lane se converte em um único edifício habitacional ao longo da cidade, onde cada uma das suas ramificações se conecta com demais torres e prédios que compõem a malha urbana. Os Smithsons pensam o Golden Lane como um complexo que se estende por todo o território da cidade, ocupando os espaços e terrenos livres na cidade existente, conectando um serpenteante conjunto residencial com torres comerciais, com o solo e com a malha da cidade existente sob ele.



Figura 63 - imagem do viaduto habitável de Le Corbusier para Argel

3.5. O PROJETO VENCEDOR

Chamberlin, Powell e Bon iniciaram o projeto para Golden Lane em 1952. O terreno da proposta ficou definido entre as ruas Goswell Road, Aldersgate Street, Golden Lane e London Wall.

Durante o andamento do projeto, em 1955, foi solicitado aos arquitetos o desenvolvimento de um desenho para uma área adjacente à primeira, conhecida como Barbican, e o esquema inicial foi revisado e submetido para análise pelo órgão responsável pela City of London em 1959. O segundo projeto possuía um maior número de habitações, além de outros equipamentos públicos, que incluíam duas escolas, um museu e centro de artes e um teatro. O Barbican foi construído em cinco fases, entre 1963 e 1976, e o Arts Center só foi finalizado em 1981.⁷²

O complexo Golden Lane/ Barbican representava um grande compromisso em reconstruir grandes áreas da zona

⁷²Disponível em <[HTTP://www.earchitect.co.uk/chamberlin_powell_bon.htm](http://www.earchitect.co.uk/chamberlin_powell_bon.htm)>



Figura 64 - imagens da proposta vencedora construída

CAPÍTULO 3 – GOLDEN LANE: UMA PROPOSTA, UM PROTÓTIPO

central da cidade com um novo uso misto comunitário que combinava comércio, recreação, escola, atividades culturais e habitação. Em torno de 8000 pessoas vivem neste complexo, em um total de 2670 habitações, distribuídos em edifícios e apartamentos de tipos variados.⁷³

Chamberlin, Powel e Bom projetaram um complexo de tipos edificadas variados. No quarteirão que conforma o conjunto, estão distribuídos edifícios baixos, com sete pavimentos, localizados nas periferias da quadra e conformando pátios internos, com ares de Redent. Nestes edifícios ficam apartamentos dúplex com dois, três e quatro dormitórios, com unidades comerciais no térreo. A maioria dos espaços comerciais está no nível térreo da Crescent House. Os apartamentos menores se localizam na torre, Na torre se localizam os apartamentos menores, com um dormitório, e estúdios.

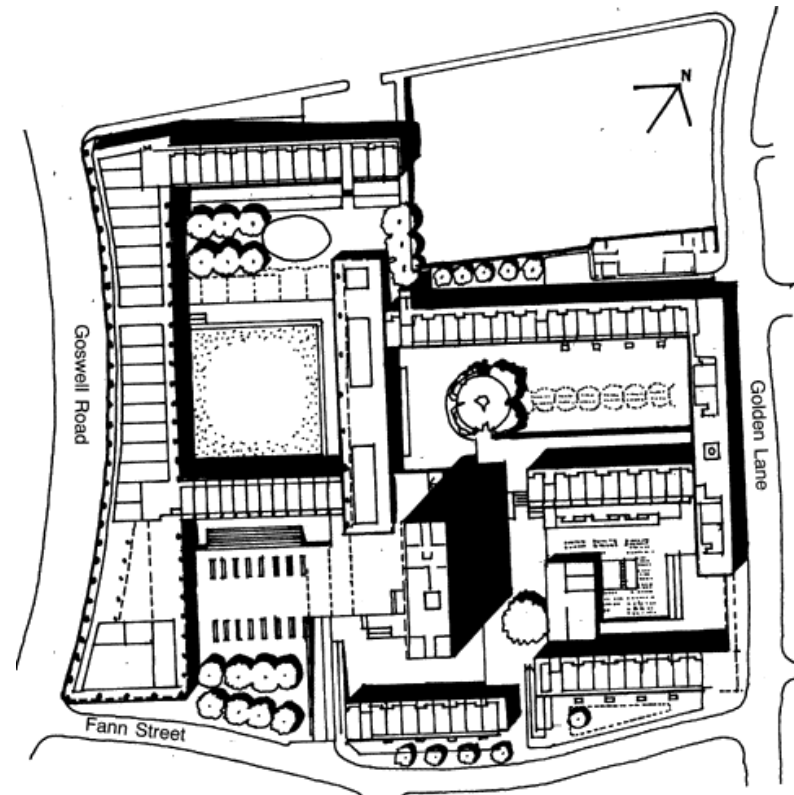


Figura 65 – implantação do complexo Golden Lane

⁷³ Disponível em <http://housingprototypes.org/project?File_No=GB008>



Figura 66 - planta baixa do pavimento de acesso às unidades

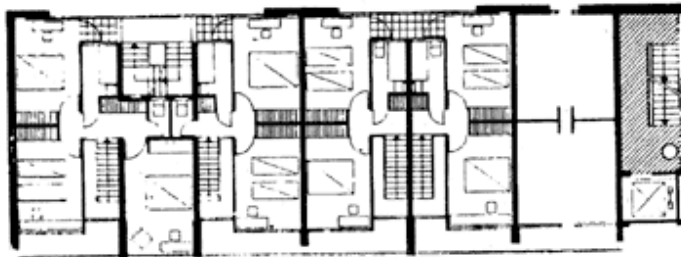


Figura 67 - planta baixa do segundo pavimento das unidades dúplex

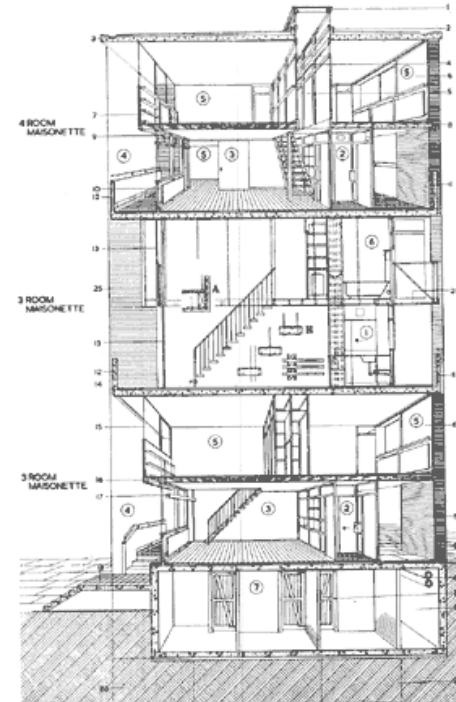


Figura 68 - corte do bloco residencial com sete pavimentos

Os materiais de acabamento utilizados no conjunto são o concreto aparente e painéis de vedação em tijolos a vista, nos blocos mais baixos, e aço alumínio e vidro na torre. Em 2002 os terrenos do complexo Golden Lane/ Barbican foram tombados como sítios históricos, refletindo a tendência de proteger também edifícios modernos como monumentos culturais.

Os materiais de acabamento utilizados no conjunto são o concreto aparente e painéis de vedação em tijolos a vista, nos blocos mais baixos, e aço alumínio e vidro na torre. Em 2002 os terrenos do complexo Golden Lane/ Barbican foram tombados como sítios históricos, refletindo a tendência de proteger também edifícios modernos como monumentos culturais.

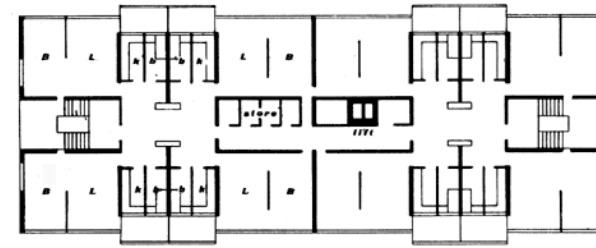


Figura 69 - Planta baixa tipo da torre.

3.6. ANTECEDENTES

Para que possa ser compreendida a relação entre os estudos de Le Corbusier e a proposta urbana presente em Golden Lane, a Cidade Multinivelada, é apresentada a seguir uma breve explanação sobre a Cidade Contemporânea e a Unidade de Habitação. Apresenta-se também o Conjunto Pedregulho, no Rio de Janeiro. Este projeto data de 1948, e é contemporâneo do projeto Corbusiano para Marselha. Ambos os projetos marcam um precedente a ser considerado no âmbito da habitação social em larga escala, e para as propostas habitacionais do Smithsons.

A inauguração da Unidade de Habitação de Marselha coincidiu com a reunião de 1953 do Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM IX). Segundo Curtis, em seu livro *Arquitetura Moderna desde 1900*, ao se reunirem para a festa de inauguração no terraço jardim, os arquitetos presentes talvez tenham se dado conta de que aquela enorme nave era a corporificação das doutrinas que eles haviam apresentado em

outra ocasião como a Carta de Atenas.⁷⁴ Alison e Peter Smithson estavam presentes nesta visita, e era impossível ignorar a Unidade de Habitação como um protótipo.

Alison e Peter acreditavam na viabilidade da sua proposta mais complexa e menos geométrica que a de Le Corbusier. Afirmam ser mais de acordo com o ‘movimento’ do que com a ‘medida’. Crêem ser necessário criar arquitetura e planejamento de cidades que, através da forma do edifício, possa permitir a mudança, o crescimento, o movimento, a vitalidade de uma comunidade, sendo inerente a organização de cada edifício a renovação da estrutura de toda a comunidade.⁷⁵

“Aqui temos uma promenade para pedestres subindo em uma rampa suave para o primeiro nível que se espalha como um quilométrico terraço que levita sobre nós. É flanqueado por cafés ao nível dos topos das árvores, com

⁷⁴ CURTIS, William J.R. *Arquitetura Moderna Desde 1900*. Tradução: Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2008.

⁷⁵ SMITHSON, Alison e Peter. *Ordinariness and Light* Urban Theories 1952-1960 and Their Application in a Building Project 1963-1970. The MIT Press: Cambridge, Massachusetts, 1970

CAPÍTULO 3 – GOLDEN LANE: UMA PROPOSTA, UM PROTÓTIPO

uma visão panorâmica do solo. Outra rampa nos leva a uma segunda promenade dois níveis acima do primeiro. De um lado dela é a Rue de la Paix, das lojas mais descoladas, e de outro uma visual ininterrupta dos limites da cidade. Ainda uma terceira rampa leva à esplanada ao longo da qual se agrupam clubs e restaurantes. Somos um navio posicionado sobre a extensão de parques com um balançante mar verde sob nós. E a direita e a esquerda, e continuamente, aqueles gigantescos e majestosos prismas de pura transparência levantam suas cabeças um após o outro, num deslumbrante espetáculo de grandeza, serenidade, e satisfação...”⁷⁶

⁷⁶ CORBUSIER, LE. In: LEWIS, John. **Urban Structuring** Studies of Alison & Peter Smithson. London : Studio Vista, 1987.

“Here we have a promenade for pedestrians rising on a gentle ramp to first-floor level, which stretches before us as a kilometre flight of terrace. It is flanked by cafés embowered in tree-tops that overlook the ground beneath. Another ramp takes us to a second promenade two storeys above the first. On one side of it is a Rue de la Paix of the smartest shops; the other commands an uninterrupted view of the city’s limits. Yet a third ramp leads to the esplanade along which the clubs and restaurants are grouped. We are a sheer above the expanse of parks with a tossing sea of verdure plumb beneath us. And to the right and left, over

Esta é uma citação de Le Corbusier publicada em “L’Intraseigneur”, em maio de 1929, numa descrição do seu *Plan Voisin*, projeto de 1925 no qual aplica os princípios e tipos de edifício do projeto anterior *Une Ville Contemporaine* (1922) em Paris, que é apresentada pelos Smithsons em *Urban Structuring*. Para Alison e Peter Smithson, ainda no fim dos anos 50 os arquitetos seguem respondendo a esses sonhos dos anos 20 de Le Corbusier. Criticamente, afirmam que respondem pelo sonho, mas não mais acreditam nos meios pelos quais Le Corbusier acreditava que poderia atingi-lo. Ainda assim Le Corbusier e a Unidade de Habitação são sem dúvida inspiração para os Smithsons. Há uma relação clara entre o sistema de *streets-in-the-air* do Golden Lane (1952) com a rua interior da Unité de Le Corbusier, que é convertida em espaços abertos pedestres que se estendem até a fachada do edifício, e que representam uma alternativa em altura às relações proporcionadas pela rua corredor.

there, and further away still, those gigantic and majestic prisms of purest transparency rear their heads one upon another in a dazzling spectacle of grandeur, serenity, and gladness...”

A CIDADE CONTEMPORÂNEA

A cidade Contemporânea de Le Corbusier reunia em uma única planta regular fragmentos de cidades e teorias urbanas que ele próprio gostava e julgava pertinente. Bulevares, avenidas imponentes e parques de Paris foram casados com uma ordem geométrica que nos faz lembrar as plantas de cidades ideais do renascimento. A cidade jardim de Howard e a Cidade Industrial de Garnier foram reinterpretadas em uma escala muito maior. Em 1922 Le Corbusier estava projetando sua visão pessoal da Utopia.⁷⁷

As propostas para a habitação do homem representaram, dentro do movimento moderno, um tema central para o desenvolvimento da idéia de cidade moderna e, mais do que isso, há uma idéia de constituição de cidade em algumas dessas propostas. Carlos Martí Arís, em seu artigo no livro *Las Formas de la Residência en la Ciudad Moderna*, afirma que na idéia de cidade implícita nas propostas residenciais do movimento moderno, longe de constituir uma ruptura total em relação à

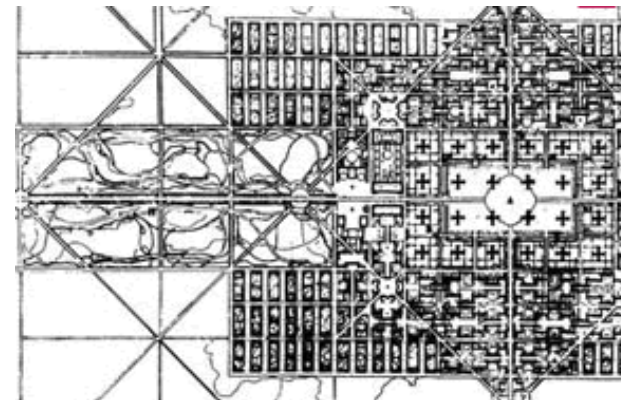
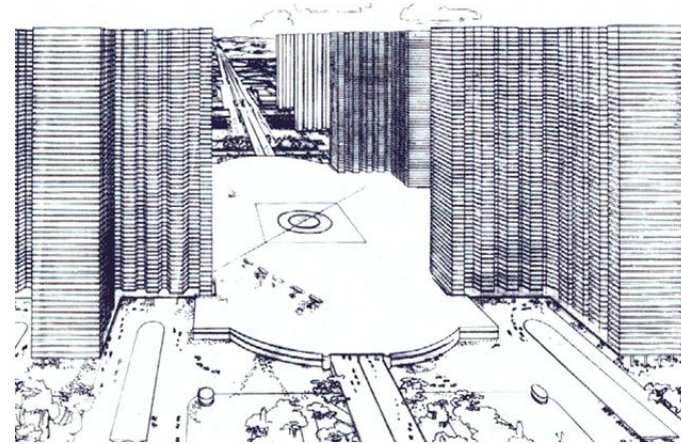


Figura 70 - planta baixa e perspectiva da Cidade Contemporânea

⁷⁷ CURTIS, William J.R. *Arquitetura Moderna Desde 1900*. Tradução: Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2008.

história, tende a estabelecer sólidos vínculos com a tradição de construção da cidade. As formas semi-abertas são empregadas pela arquitetura moderna no intuito de superar a fórmula da rua corredor, própria da cidade oitocentista. O bloco “redent”, de Le Corbusier, tem essa pretensão, assim como as formas derivadas dele, caso do Golden Lane, projeto de Alison e Peter Smithson.⁷⁸

Em 1920, Le Corbusier descreve as suas ruas denteadas, o Redent, como vastos espaços arejados e ensolarados sobre os quais se abrem os apartamentos. Existiriam jardins e praças para jogos ao pé das casas. No Redent, os edifícios teriam fachadas lisas com imensas paredes de vidro, onde o jogo de sombras seria feito pelas saliências sucessivas da planta denteada. Segundo Le Corbusier, a riqueza da proposta era fornecida pela amplidão dos traçados e pelo jogo das vegetações sobre o cenário geométrico das fachadas. Sai a linha da rua-corredor, que se converte em uma série de formas prismáticas que dão ênfase para a recessão e a projeção, e as fachadas do corredor são substituídas por formas

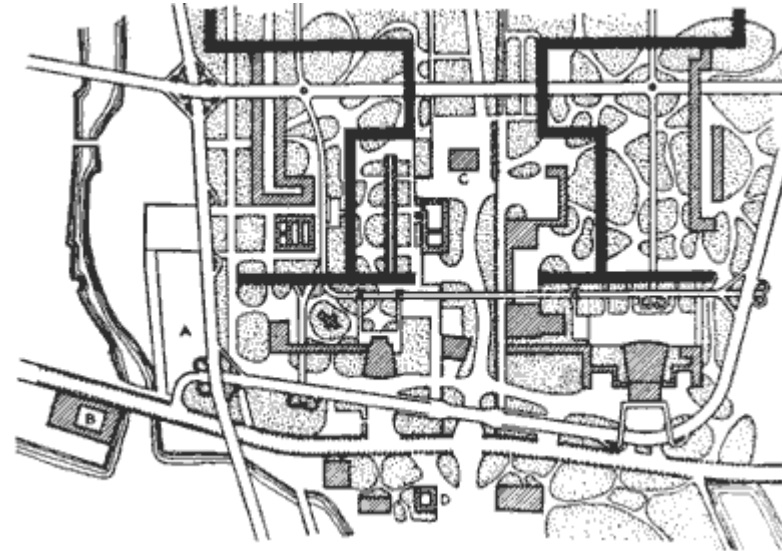


Figura 71 - O Redent

⁷⁸ MARTÍ ARÍS, Carlos (ed.) *Las Formas de la Residência en la Ciudad: Vivienda y ciudad em la Europa de Entreguerras*. Barcelona: Upc, 2000.

CAPÍTULO 3 – GOLDEN LANE: UMA PROPOSTA, UM PROTÓTIPO

geométricas justapostas, em uma monumental e viva paisagem urbana.⁷⁹

*“Uma linha de condução definida é essencial. Nós necessitamos princípios básicos para o planejamento das cidades moderno. Precisamos criar um esquema teórico firme, e então chegar aos princípios básicos do planejamento de cidades.”*⁸⁰

Le Corbusier afirma que em seu projeto para a Cidade Contemporânea, seu objetivo não é substituir o atual estado das coisas, mas sim construir um modelo teórico que pudesse ter os princípios fundamentais do um planejamento de cidades moderno, que serviriam como o esqueleto de qualquer sistema de planejamento, como se fossem leis de desenvolvimento para uma cidade moderna. Na Cidade Contemporânea, a rua-corredor não devia ser mais tolerada. No nível de acesso aos

⁷⁹ CORBUSIER, Le. *Por Uma Arquitetura*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

⁸⁰ CORBUSIER, Le. *The City of Tomorrow and Its Planning*. London: The Architectural Press, 1947.

“A definite line of conduct is essential. We need basic principles for modern town planning. We must create a firm theoretical scheme, and so arrive at the basic principles of modern town planning.”

edifícios que ficaria a rede de ruas para o tráfego leve, levando os automóveis para qualquer direção que se desejasse. Abaixo deste nível – que seria o nível do pilotis, uma vez que Le Corbusier não acreditava ser necessário que se enterrasse nada – seria o local do tráfego pesado, e sua ligação com as casas e edifícios consistia destes pilares de concreto.

Dois grandes avenidas formariam os dois grandes eixos da cidade, correndo para o sul e para o norte, e para o leste e o oeste. Estas avenidas arteriais de trânsito rápido seriam construídas em imensas pontes reforçadas de concreto, com aproximadamente 160 metros de largura e com ligações com o nível do solo a cada meia milha. Para Le Corbusier, este sistema triplo de níveis superpostos responderia a qualquer necessidade de tráfego motorizado porque dá condições a um trânsito rápido e móvel. Não haveria necessidade de transporte em trilhos fixos no coração desta cidade moderna.⁸¹

Na proposta da *Ville Contemporaine*, existem três tipos de edifícios, os arranha-céus, os blocos residenciais Redent e os

⁸¹ CORBUSIER, Le. *The City of Tomorrow and Its Planning*. London: The Architectural Press, 1947.

CAPÍTULO 3 – GOLDEN LANE: UMA PROPOSTA, UM PROTÓTIPO

edifícios-casas. Os arranha-céus, com 60 pavimentos de altura, propostos na cidade contemporânea são somente para edifícios comerciais, escritórios e hotéis, e ficam no centro da cidade. Em torno deste centro fica um cinturão de edifícios residenciais, na forma zigue-zagueante do Redent. Cada um destes edifícios foi pensado para ser uma comunidade completa, onde seriam oferecidos alimentação e serviços domésticos. Os edifícios residenciais Redent têm seis pavimentos duplos, e os apartamentos têm para os dois lados visuais para imensos parques.⁸²

As immeuble-villas são edifícios residenciais com um princípio celular, com um número de células tal que combinadas formariam uma comunidade, numa idéia de clara unidade orgânica no esquema urbano. Cada apartamento seria, na realidade, uma casa de dois níveis, cada uma com um jardim de 8,20 por 6,40 metros, ventilado por uma grande grelha. Cada uma destas células atuaria como um ventilador, e, na descrição

de Le Corbusier, o edifício se pareceria como uma imensa esponja para a absorção do ar e ventilação.⁸³



Figura 72 - Immeuble-Villas

⁸² CORBUSIER, Le. *Por Uma Arquitetura*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

⁸³ CORBUSIER, Le. *The City of Tomorrow and Its Planning*. London: The Architectural Press, 1947.

UNIDADE DE HABITAÇÃO DE MARSELHA

A Unité d'Habitation fica junto ao bulevar Michelet nos subúrbios de Marselha. O projeto desta construção foi dado a Le Corbusier no verão de 1945 pelo Ministério da Reconstrução francês. O arquiteto teve liberdade para, pela primeira vez e de um modo total, aplicar suas concepções sobre o habitat moderno destinado a classe média, com a possibilidade de que fossem abordados os graves problemas da época: determinação das moradias em diversos tipos de apartamentos, que correspondiam a diversos modos de morar.⁸⁴

O primeiro estudo tinha como terreno La Madrague, no porto de Marselha. Implicava três edifícios, com uma variedade de tipos de apartamentos. O segundo estudo foi feito para o Bulevar Michelet, prolongação do Prado, um terreno plano admiravelmente situado em um bairro de mais qualidade. Cada

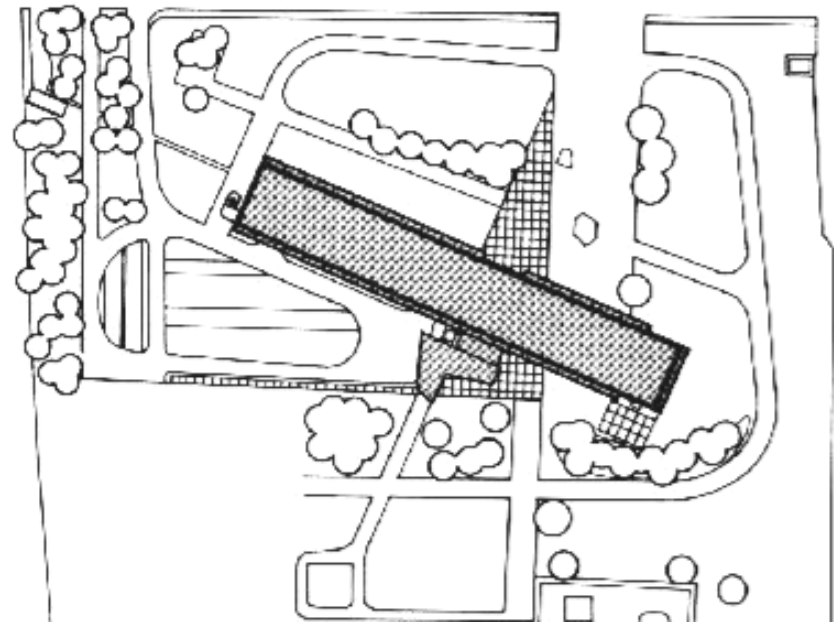


Figura 73 - Implantação da Unidade de Habitação de Marselha

⁸⁴ MONTEYES, Xavier. **Le Corbusier** Obras e Proyectos. Barcelona: Gustavo Gilli, 2005.

apartamento tem uma bela visual para o mar, o Puerto Viejo, L'Estaque e Saint-Baume.⁸⁵

Na Unité de Marseilles haviam trezentos e trinta e sete moradias unidas a uma arcada comercial, um hotel e uma cobertura, um pequeno lago, um jardim de infância e um ginásio de esportes. O edifício tem vinte e três modalidades de apartamentos, atendendo a todos os tipos de famílias, desde moradores individuais, a famílias sem filhos, ou com dois, quatro e seis filhos.⁸⁶

O bloco tem doze pavimentos de altura, e uma engenhosa seção de unidades interconectadas. Cada apartamento tem uma sala com pé-direito duplo e sacada de um lado, e do outro uma parte mais baixa que também leva a uma sacada menor. O acesso é por corredores longitudinais que levam ao pavimento inferior de algumas unidades e ao pavimento superior de outras.

⁸⁵ BOESINGER, W. e GIRSBERGER, H. *Le Corbusier 1910-65*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1995.

⁸⁶ BOESINGER, W. e GIRSBERGER, H. *Le Corbusier 1910-65*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1995.

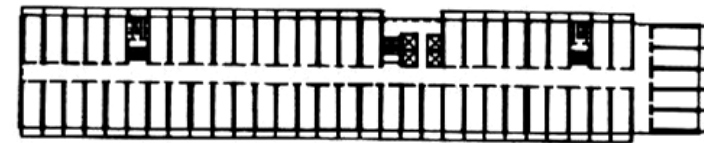


Figura 74 - planta baixa tipo do pavimento de acesso às unidades

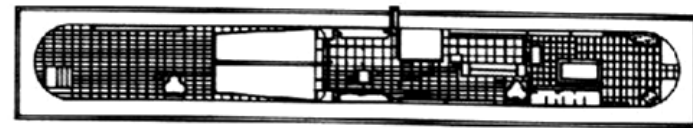


Figura 75 - planta baixa do terraço-jardim

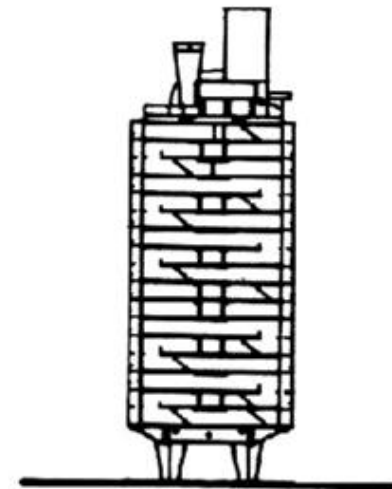


Figura 76 - corte transversal da Unidade de Habitação

CAPÍTULO 3 – GOLDEN LANE: UMA PROPOSTA, UM PROTÓTIPO

As unidades de apartamentos eram sobrepostas de forma engenhosa, de modo que a parte com pé-direito duplo de uma residência ficava sempre em cima ou embaixo da parte com pé-direito simples de outra unidade, e o resultado era uma composição que equivalia a três alturas, com um corredor central. Ruas interiores em andares alternados proviam o acesso horizontal a essas unidades cruzadas que se entrosavam entre si.

O projeto dos Smithsons para Golden Lane tem uma referência clara com a Unidade de Habitação de Marselha, possuindo uma idéia semelhante de encaixe entre os apartamentos. A diferença reside na posição da circulação pública, que na Unité a Rua Interior é interiorizada, enquanto em Golden Lane a rua fica na face mais pública, junto às fachadas, numa tentativa de tornar a rua aérea uma entidade mais próxima da rua da cidade tradicional, com visuais e ao ar livre.

A Unidade de Habitação pode ser considerada como uma síntese da obra de Le Corbusier, tanto de suas pesquisas no campo da moradia como na da cidade. Segundo Monteyes, se trata de um condensador social, o primeiro de uma série, que com algumas variações, é construído em diversas cidades. O

conjunto de apartamentos, cujo agrupamento está baseado em uma seção que combina dois apartamentos unidos por um corredor central, está pousado sobre um terreno artificial apoiado sobre pilotis moldados como esculturas que sustentam o edifício e também alojam as tubulações. O edifício está dotado de uma área comercial no sétimo pavimento e uma cobertura com equipamentos que funcionam como áreas de uso comum.⁸⁷

Ainda que marque o início de uma tradição tipológica do pós-guerra, a Unité também representava o ápice de uma busca coletiva da filosofia de Le Corbusier. Sua forma remonta ao viaduto de Argel e às Immeubles-Villas da Cidade Contemporânea. A Unidade de Habitação explorava alguns dos temas de principais Le Corbusier e podia ser interpretada como mais uma demonstração de princípios urbanísticos, também servindo como laboratório para experiências.

A teoria que fundamentava o bloco vertical com alta densidade era típica de Le Corbusier: as técnicas modernas de construção seriam usadas para criar altas concentrações

⁸⁷ MONTEYES, Xavier. *Le Corbusier* Obras e Proyectos. Barcelona: Gustavo Gilli, 2005.

populacionais, de modo a liberar o solo para o tráfego de veículos e para a vegetação. Le corbusier teria desejado construir numerosas Unidades de Habitação uma ao lado da outra, sustentando tal idéia.



Figura 77 - fotos da Unidade de habitação de Berlim, de 1956

A EXPERIÊNCIA BRASILEIRA: Conjunto pedregulho

Construído no Morro do Pedregulho em São Cristóvão, Rio de Janeiro, o Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes, conhecido como Conjunto do Pedregulho, destinou-se a atender à demanda habitacional de funcionários públicos do Município. É constituído por sete edifícios: três residenciais, quatro de serviço e áreas de lazer e piscina. A obra foi realizada entre os anos de 1946 e 1958, de autoria de Affonso Eduardo Reidy.⁸⁸

O terreno onde o conjunto está implantado possui uma área total de 52.142 m². A conformação do terreno é irregular e sua topografia bastante acidentada, apresentando em certo ponto um desnível de cerca de 50 metros que, de forma sinuosa, cruza toda a extensão transversal do terreno, conformando dois platôs.

⁸⁸ BONDUKI, Nabil (Ed.). *Affonso Eduardo Reidy*. Instituto Lina Bo e P. M. Bardi. Lisboa: Blau, 2000.

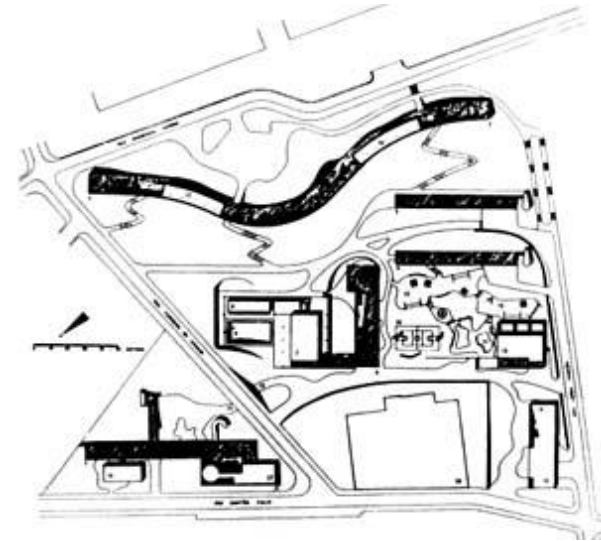


Figura 78 - implantação do conjunto



Figura 79 - imagem do bloco residencial ondulado

CAPÍTULO 3 – GOLDEN LANE: UMA PROPOSTA, UM PROTÓTIPO

No gesto significativo do projeto, Reidy implanta o grande edifício ondulado ao longo da cota mediana deste talude, seguindo o desenho natural da curva de nível, abrindo o bloco residencial para as magníficas visuais sobre a baía de Guanabara. A partir do posicionamento deste grande bloco, uma espécie de elemento gerador de todo o projeto, o arquiteto distribuiu ao longo do terreno as demais edificações visando a conformação dos espaços a partir das relações criadas entre os elementos. O conjunto formado por estas edificações cria um espaço central onde se instala a praça do complexo, o core e espaço destinado ao lazer da comunidade.⁸⁹ O Bloco A, que está situado na parte mais elevada do terreno e segue a forma sinuosa da encosta do morro, tem 260 metros de extensão e compreende 272 apartamentos. Duas pontes dão acesso ao pavimento parcialmente livre, um nível vazado com pilotis que se abre para as belas visuais do terreno.



Figura 80 - imagem da área comunitária com o Bloco A ao fundo

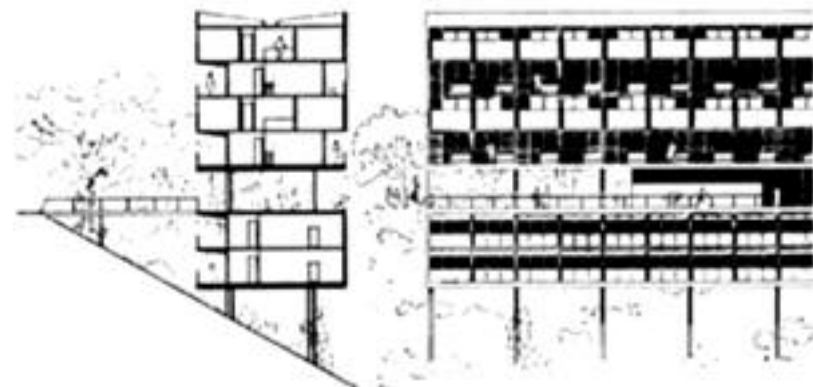


Figura 81 - corte transversal e fachada do bloco A

⁸⁹ DA SILVA, Rafael S.. O Conjunto Pedregulho e algumas Relações Compositivas. *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*. Belo Horizonte, V. 12 nº 13, 2005.

Os dois pavimentos inferiores contém apartamentos de uma só peça, e nos pavimentos superiores existem apartamentos dúplex de um a quatro dormitórios. Os corredores de circulação são externos, pensados para serem amplamente arejados em função do clima tropical do Rio de Janeiro, e por eles há ventilação natural para as cozinhas e banheiros dos apartamentos. Os Blocos B1 e B2 são prismas quadrangulares, e ficam na parte mais baixa do terreno. Cada um deles contém 56 apartamentos dúplex, de dois, três e quatro pavimentos. Além dos três blocos residenciais, há no complexo habitacional uma escola primária, um posto de saúde, mercado, e ginásio, piscina e quadras esportivas, todos equipamentos para uso dos moradores do conjunto.⁹⁰

Em 1929 Le Corbusier visitou a América do Sul, onde teve a experiência de admirar a paisagem brasileira vista do alto. Deste posto de vista, o rio de Janeiro o impressionou como sendo uma cidade linear natural, colocado como uma estreita faixa entre o mar e as montanhas.

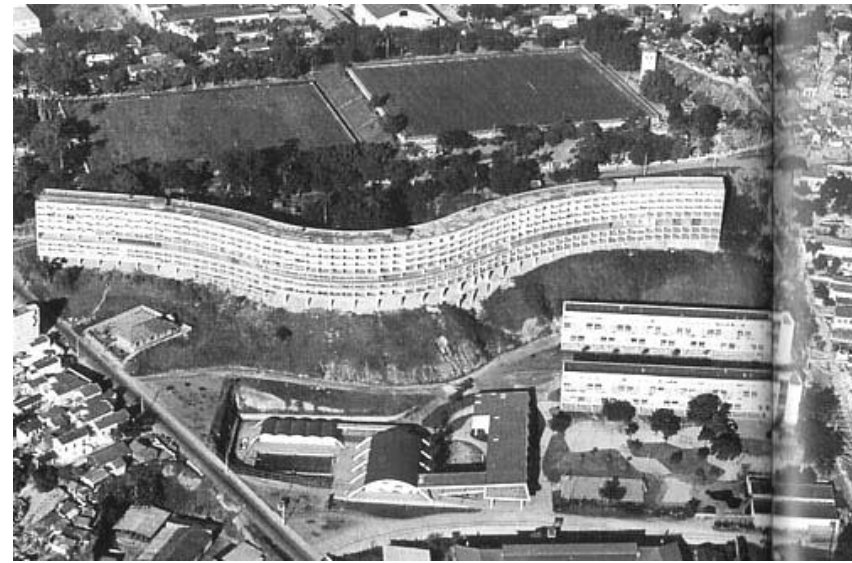


Figura 82 - imagem aérea do Conjunto

⁹⁰ BONDUKI, Nabil (Ed.). *Afonso Eduardo Reidy*. Instituto Lina Bo e P. M. Bardi. Lisboa: Blau, 2000.

CAPÍTULO 3 – GOLDEN LANE: UMA PROPOSTA, UM PROTÓTIPO

Corbusier esboçou então uma extensão para a cidade do Rio em forma de uma via costeira de seis quilômetros de comprimento, com cem metros acima do solo e compreendendo quinze andares de 'lugares artificiais' para uso residencial, colocados sob a superfície da via. A mega-estrutura resultante era mostrada em corte como estando elevada acima do nível médio dos telhados da cidade.

Em 1947, o Conjunto Pedregulho, juntamente com outros projetos de arquitetos brasileiros, havia sido publicado na edição Brésil da *L'Architecture d'aujourd'hui*. Segundo Mumford, o Conjunto Pedregulho seria a 'Unité no Rio', uma das primeiras realizações dos conjuntos habitacionais curvos de Le Corbusier nos seus projetos para Algiers.⁹¹ Havia uma forte relação entre Reidy e Le Corbusier, atestada por uma série de cartas escritas por ambos profissionais no início da década de 50. Reidy enviava fotografias da construção do Conjunto Pedregulho, enquanto Le Corbusier enviava fotos da construção da Unidade de Habitação de Marselha. Os dois edifícios podem ser descritos

⁹¹ MUMFORD, Eric. *The Ciam Discourse on Urbanism*, 1928-1960. Cambridge, Mass.: Mit Press, 2002.

como uma torre com pilotis, mas resultam espacialmente em objetos distintos. No terceiro pavimento do Conjunto Pedregulho Reidy posiciona um pavimento vazado, dando origem a um pilotis intermediário que se localiza no nível que dá acesso à edificação a partir do platô mais elevado do terreno.⁹²

Outra distinta solução, diz respeito ao programa complementar existente nos dois projetos. Enquanto que a Unidade de Marselha engloba todas as funções inerentes à moradia em um único objeto isolado que se articula solitariamente como uma grande massa unitária pousada junto a um platô horizontal natural, Reidy distribui estes serviços complementares sob a forma de distintas edificações que ativam entre si, relações espaciais que potencializam espaços adjacentes não edificados, que é similar a solução dada ao conjunto Park Hill, de Lynn e Smith.

⁹² DA SILVA, Rafael S.. O Conjunto Pedregulho e algumas Relações Compositivas. *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*. Belo Horizonte, V. 12 nº 13, 2005.

4

**ROBIN HOOD GARDENS - a experiência
construída**



Após terem realizado diversos projetos habitacionais não-construídos, Alison e Peter Smithson iniciam este projeto em 1964 e aplicam suas idéias sobre habitação coletiva neste conjunto edificado no bairro do Poplar, em Londres. O projeto se compõe de dois blocos de habitação em fita, com acessos de três em três pavimentos através de um deque largo e articulado. A rua-aérea se corporifica no Robin Hood Gardens.

Além disto, Robin Hood Gardens foi o primeiro esquema habitacional que os Smithsons realizaram, e o conjunto pode ser considerado como a culminância de um desenvolvimento ideológico, que traz a capacidade de transformar as idéias em um objeto real, um edifício construído, tanto na escala da cidade como na do edifício isolado – um desenvolvimento que havia influenciado outros tantos esquemas habitacionais e várias das idéias que foram defendidas pelo Team 10 nos anos sessenta.⁹³

⁹³ EISENMAN, P. Robin Hood Gardens E14. ARCHITECTURAL DESIGN. London, Número 9, setembro de 1972.

A proposta para o Robin Hood retoma a idéia presente no projeto para Golden Lane, onde a partir de um deque pedestre se



Figura 83 - Imagem do Conjunto nos anos 70

dá o acesso às unidades habitacionais acima e abaixo deste nível, e esta articulação entre os acessos contribui para uma dinamização do esquema de circulação do conjunto. O sistema de circulação proposto pelos Smithsons fica, desta maneira, deslocado da sequência de apartamentos, tornando-se uma estrutura autônoma em relação ao tipo e desenho das unidades do conjunto. Entre os dois blocos edificadas, abre-se um espaço central, uma zona verde e intencionalmente protegida dos ruídos da malha viária de fluxo intenso de veículos que circunda o terreno da Robin Hood Lane.

A imagem mega-estruturalista dos blocos construídos se destaca do seu entorno imediato, composto principalmente de edifícios baixos no alinhamento da rua e construídos nas divisas, construções típicas da cidade de Londres. Robin Hood usa a malha viária proposta e alterada durante o processo de projeto para criar uma implantação onde as duas lâminas edificadas funcionam como barreiras para o trânsito e burburinho da cidade, criando um espaço central vazio e bucólico, não repetindo o sistema ordenador do entorno. Observando o conjunto inserido na malha urbana que o circunda, se pode perceber o Robin Hood Gardens como uma excepcionalidade.

4.1. O início dos trabalhos, o programa e as alterações

Os Smithsons projetaram o conjunto habitacional Robin Hood Gardens entre 64 e 70, por solicitação do London Country Council, e, mais tarde, o Greater London Council, como o LCC passou a se chamar. O complexo trata-se de um programa de habitação social subvencionado.

O terreno foi zoneado pelo *Greater London Council* como zona de 'uso predominantemente residencial' e com uma densidade de 136 pessoas por acre. Havia uma deficiência na provisão de espaços abertos na área, e o largo espaço aberto definido pela implantação dos blocos é parte da requisição dos planejadores de prover dois terços de um acre por mil pessoas de solo livre de construção.⁹⁴

⁹⁴ L'ARCHITECTURE D'AUJOURD HUI. *Team 10+20*. Paris, Número 1, Janeiro/ Fevereiro de 1975.

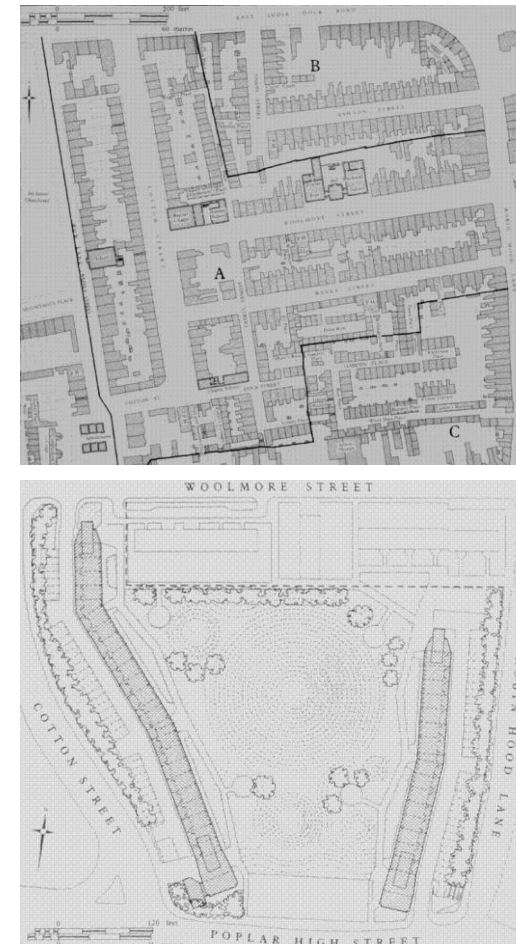


Figura 84 - Área onde se implantou o conjunto, com as edificações que foram demolidas.

Em 1963 Alison e Peter Smithson foram nomeados pelo LCC para projetar um complexo habitacional em três pequenos terrenos nas redondezas da Rua Manisty.⁹⁵ Para estes terrenos os Smithsons projetaram dois edifícios, com acesso para as habitações através de deques, o grande tema habitacional dos arquitetos, as ruas elevadas. Alison e Peter Smithson afirmavam esperar que estes deques poderiam ser unidos a edificações futuras a serem desenvolvidas para a área, a medida que novos terrenos se tornassem disponíveis, a fim de que formassem um grande complexo interligado de habitações.⁹⁶

⁹⁵ SURVEY OF LONDON. *Between Poplar High Street and East India Dock Road: Bazely, Wells, Woolmore, Cotton and Ashton Streets*. Volumes 43 e 44. London, 1994. Disponível em <<http://www.british-history.ac.uk/report.aspx?compid=46486>>

⁹⁶ SMITHSON, Alison e Peter. *Ordinariness and Light* Urban Theories 1952-1960 and Their Application in a Building Project 1963-1970. The MIT Press: Cambridge, Massachusetts, 1970.

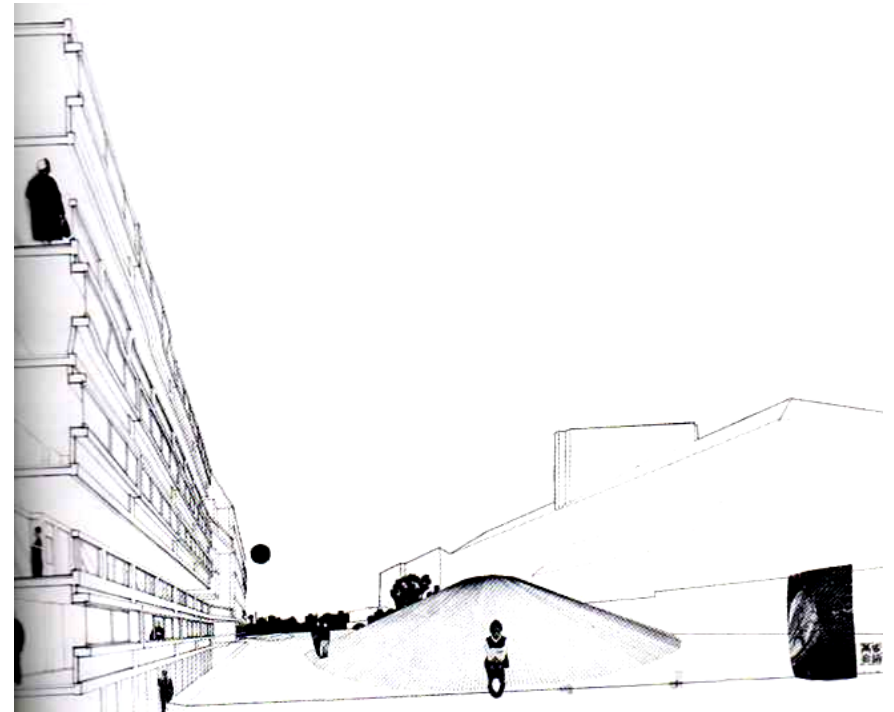


Figura 85 - Imagem da proposta dos Smithsons para o primeiro terreno

As plantas deste projeto ficaram sob consideração até 1965, quando o GLC sucedeu o LCC. O novo conselho, sob uma grande pressão pública, enfim decidiu aumentar a área de demolição para um largo grupo de edificações obsoletas, os Edifícios Grosvenor, em um dos terrenos adjacentes ao do projeto original.⁹⁷ Os Grosvenor Buildings compreendiam sete blocos com quatro e cinco pavimentos, e tinham capacidade para 1392 pessoas. O conjunto de edifícios continha 542 apartamentos, e terminou de ser ocupado em 1897. Nos anos 60 os ocupantes reclamavam do edifício não possuir saneamento, e houve muito debate até o GLC comprar a área em 1965 e em seguida demolir o conjunto.

Desta maneira, em abril de 1965 o GLC adquiriu uma área de mais de cinco acres limitado pela Robin Hood Lane, East India Dock Road, Cotton Street e Poplar High Street. Esta aquisição gerou um terreno maior e mais consolidado que o sítio do primeiro estudo. A proposta inicial foi então repensada, e na primavera de 1966 foi passado para os Smithsons o novo terreno alargado. Em função do projeto para a área, as ruas Lidgett, Mackrow e Manistry



Figura 86 - Imagem das Docas de Poplar nos anos 60

⁹⁷ ARCHITECTURAL DESIGN. London, Número 10, outubro de 1968.

foram abolidas pelo GLC, e as partes adjacentes da Rua Cotton e da Poplar High Street foram alargadas.⁹⁸

O terreno da proposta final tem dois hectares de área, nas proximidades do rio Tamisa. Neste intervalo de tempo surgiu também um desenho mais claro da futura rede viária em torno do terreno, que juntamente com o aumento da área de solo levou a uma nova proposta de projeto, com duas barras sem ligação entre si, conformando a periferia do terreno.⁹⁹

O primeiro estágio de desenvolvimento corresponde ao bloco mais alto, com quatro deques e onze pavimentos. Possui 210 apartamentos, com uma população de 700 moradores e a densidade populacional atingida é de 345 pessoas por hectare. O segundo estágio de desenvolvimento, o bloco mais baixo, tem três

deques e oito pavimentos e uma densidade populacional mais baixa, para chegar à densidade final estabelecida pela municipalidade. Este bloco se localiza ao longo da Robin Hood Lane, mais próxima da zona mais ruidosa, de forma que há menos moradores mais próximos ao barulho.¹⁰⁰



Figura 87 - Imagem dos edifícios Grosvenor e Foto-montagem com o Robin Hood Gardens no mesmo sítio

⁹⁸ SURVEY OF LONDON. *Between Poplar High Street and East India Dock Road: Bazely, Wells, Woolmore, Cotton and Ashton Streets*. Volumes 43 e 44. London, 1994. Disponível em

<<http://www.british.history.ac.uk/report.aspx?compid=46486>>

⁹⁹ L'ARCHITECTURE D'AUJOURD HUI. *Team 10+20*. Paris, Número 1, Janeiro/ Fevereiro de 1975.

¹⁰⁰ SMITHSON, Alison e Peter. *Ordinariness and Light* Urban Theories 1952-1960 and Their Application in a Building Project 1963-1970. The MIT Press: Cambridge, Massachusetts, 1970.

4.2. SÍTIO – o distrito de tower hamlets

O local de construção do conjunto Robin Hood Gardens se constitui de três 'ilhas' no East End, em uma zona de renovação das docas londrinas. Na época do projeto, esta zona urbana possuía características operárias e sofria uma carência de definição. Os eixos rodoviários do entorno são fontes de ruído e poluição, e representam rupturas para a malha urbana da área. Os programas de habitação existentes se justapõem uns aos outros sem uma característica unificadora.¹⁰¹

O distrito de Tower Hamlets fica no East End Londrino, e o terreno onde Robin Hood Gardens foi implantado fica quase às margens do rio Tâmisa. Ao leste deste terreno está a London Motorway Box, correndo num corte ao emergir do rio Tamisa, pelos túneis Blackwall. A oeste do terreno está a Cotton Street, com sua maior superfície para a Isle of Dogs, e ao norte fica a East India

¹⁰¹ L'ARCHITECTURE D'AUJOURD HUI. Team 10+20. Paris, Número 1, Janeiro/ Fevereiro de 1975.



Figura 88 - Mapa de Londres, mostrando a localização do Robin Hood Gardens, do bairro de Bethnal Green e do Golden Lane



Figura 89 - Imagem de Bethnal Green

Dock Road, que na época da construção do conjunto havia sido alargada em seis faixas de circulação. É uma região com tráfego intenso de veículos, que passam pelo terreno em alta velocidade pelas vias expressas do entorno.¹⁰²

O conjunto habitacional Robin Hood Gardens se situa não muito longe do East End, local onde desenvolveram seus estudos sobre a vida na comunidade e de atuação freqüente dos Smithsons. Alison e Peter organizaram os edifícios do complexo de uma maneira que pode ser interpretada como uma reação contra o bloco independente. O projeto se compõe de duas linhas edificadas ondulantes, que demarcam uma área verde protegida do tráfego e da cidade, completada por uma pequena colina artificial em sua área central.

¹⁰² SMITHSON, Alison e Peter. *Ordinariness and Light* Urban Theories 1952-1960 and Their Application in a Building Project 1963-1970. The MIT Press: Cambridge, Massachusetts, 1970.

4.3. ROBIN HOOD GARDENS: Edifícios como muros

O tema do Robin Hood Gardens é a proteção. Para atingir um centro calmo, as pressões do entorno devem ser absorvidas pelos edifícios. Há uma primeira camada de proteção, um muro que circunda o complexo. Os ruídos que penetram esta camada até os deques de acesso ficam difusos ao transpassar o edifício, convertendo-se em ruídos mais domésticos.¹⁰³

Os edifícios construídos na Robin Hood Lane são expostos ao tráfego em três de seus lados. Os Smithsons organizaram a implantação do conjunto de maneira a criar uma zona central 'stress-free', protegida do barulho e das pressões exercidas pelo tráfego pelas edificações propostas. Nesta área livre e verde central não há circulação de veículos, pois se trata de um espaço pensado como o coração do complexo, para onde todas as habitações se

¹⁰³ SMITHSON, Alison e Peter. *The Charged Void: Architecture*. New York: The Monacelli Press, 2001.

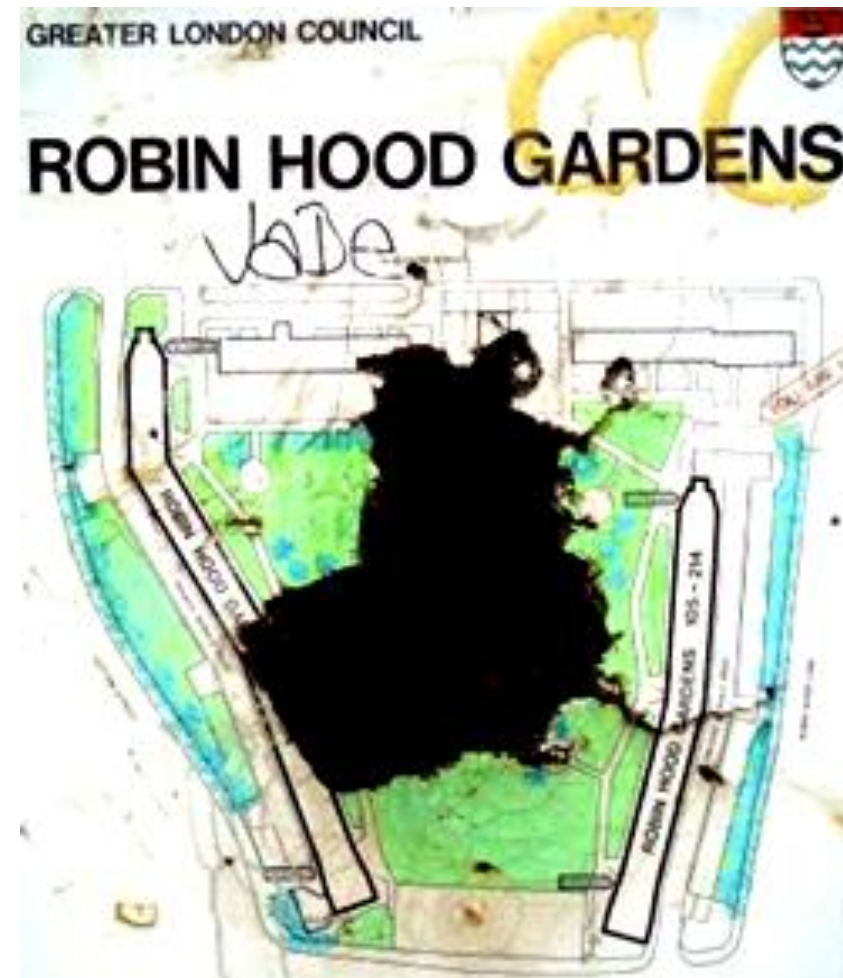


Figura 90 - Implantação do Robin Hood Gardens

voltam. No quarto lado do quarteirão, fica a Poplar High Street, que não possui um intenso tráfego de veículos, e na época do projeto o desenvolvimento de construções para o lado sul era baixo. Desta maneira, o layout de implantação dos edifícios foi aberto para este lado, o que possibilita belas visuais para fora do conjunto e permite uma maior incidência solar nos apartamentos.¹⁰⁴

Para este esquema, onde os edifícios se organizam como ‘muros’, os Smithsons desenvolveram um tipo de habitação diferenciada da unidade básica trabalhada em Golden Lane, na qual os deques de acesso e as salas de estar estão do lado de ‘fora’, mais próximos das zonas ruidosas, e os dormitórios e as cozinhas-comedor ‘dentro’, longe do barulho das rodovias, e voltados para a área verde central. O projeto se constitui de duas barras paralelas à malha viária que circunda o terreno, ocupando a periferia do quarteirão onde se implanta o conjunto.



Figura 91 - Imagem de satélite da implantação do conjunto

¹⁰⁴ SMITHSON, Alison e Peter. *Ordinariness and Light* Urban Theories 1952-1960 and Their Application in a Building Project 1963-1970. The MIT Press: Cambridge, Massachusetts, 1970.

Os edifícios se implantam, desta maneira, espelhados um em relação ao outro. O espaço central tem muito mais significado que o espaço aberto requerido no programa, trata-se de um espaço arquitetônico. A colina que se localiza na zona central do terreno liga os dois blocos de edifícios e traz continuidade ao conjunto. É o vazio que dá mais força ao perímetro edificado. O esquema consiste de dois blocos lineares, bastante similares entre si no seu desenho. O mais comprido, com oito pavimentos, serpenteia ao longo da Cotton Street, enquanto o mais alto, com onze pavimentos, é um pouco angulado em relação ao Túnel Blackwall.

Orientados para o lado ‘externo’ do conjunto, os deques definem a escala urbana, e compõem a relação entre o espaço semi-privativo e o espaço público. É um lugar urbano, e os deques do conjunto são apropriados como espaços comunitários.

Estes deques pedestres não são pensados para serem meros balcões de acesso. É mantida no complexo Robin Hood Gardens a idéia da rua aérea desenvolvida na proposta para Golden Lane. Os deques acontecem de três em três pavimentos, como em Golden Lane e Park Hill, e a *rue interieur* da Unité, com



Figura 92 - Foto a partir da Robin Hood Lane

cada deque acessando apartamentos acima e baixo do seu nível. A barra mais alta tem quatro deques e onze pavimentos, e a mais baixa têm três deques e oito pavimentos.¹⁰⁵ A intenção dos Smithsons desde o princípio era fornecer tanta área verde quanto fosse possível para a área livre central, na forma de uma zona protegida. Os materiais da demolição dos edifícios existentes e da escavação do terreno não foram removidos do terreno, foram depositados nesta zona central, conformando a colina, 'que ficou tão grande como ficou'. Os Smithsons afirmam que naquele

momento, talvez pela primeira vez na cidade de Londres, os moradores nas habitações podiam olhar das suas janelas e ver uma colina verde.¹⁰⁶

O core natural atua como ponto central da proposta, com os edifícios se organizando ao seu redor na periferia do terreno. Na

maneira como foi implantando o Robin Hood Gardens, as salas de estar têm belas visuais das docas londrinas, do Rio Tâmisa e das famosas igrejas de East London.

A configuração dos deques, conforme apresentado em *Ordinariness and Light*, se configura com o primeiro estágio de projeto, que corresponde ao bloco de onze pavimentos, com uma população de 698 pessoas, distribuída da seguinte forma:

HABITAÇÕES						
	IDOSOS	DUAS PESSOAS	TRÊS PESSOAS	QUATRO PESSOAS	CINCO PESSOAS	SEIS PESSOAS
NÚMERO	38	26	26	60	54	10
%	18	12	12	28	25	5

¹⁰⁵ EISENMAN, P. Robin Hood Gardens E14. ARCHITECTURAL DESIGN. London, Número 9, setembro de 1972.

¹⁰⁶ SMITHSON, Alison e Peter. *The Charged Void: Urbanism*. New York: The Monacelli Press, 2005.

No conjunto Robin Hood Gardens existem 214 apartamentos ao todo, produzindo uma densidade de 142 ppa. O tamanho dos apartamentos varia de duas a seis pessoas, e há 38 apartamentos no térreo para pessoas de idade.¹⁰⁷

O projeto foi redesenhado e analisado a partir das plantas que se encontram em *Ordinariness and Light*, de 1970, dois anos antes da finalização da obra do conjunto; e no periódico *Architecture d'Aujourd'hui*, na edição de janeiro e fevereiro de 1975.

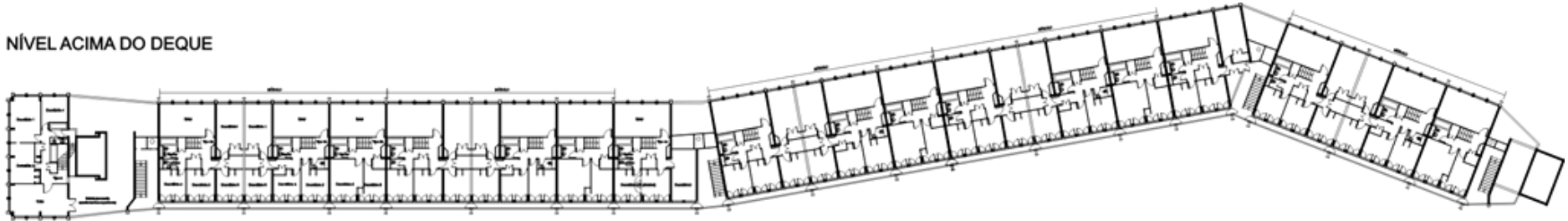


Figura 93 - Robin Hood Gardens na época da construção

¹⁰⁷ SURVEY OF LONDON. *Between Poplar High Street and East India Dock Road: Bazely, Wells, Woolmore, Cotton and Ashton Streets*. Volumes 43 e 44. London, 1994. Disponível em

<<http://www.british.history.ac.uk/report.aspx?compid=46486>>

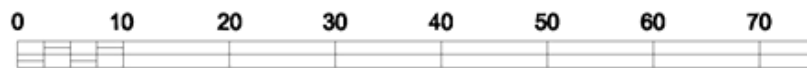
NÍVEL ACIMA DO DEQUE



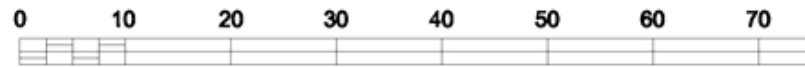
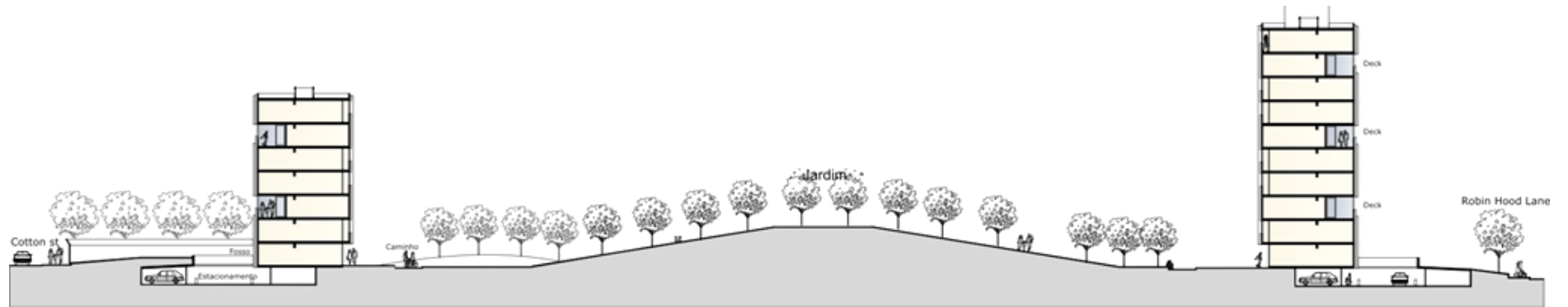
NÍVEL DO DEQUE



NÍVEL ABAIXO DO DEQUE

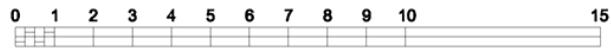
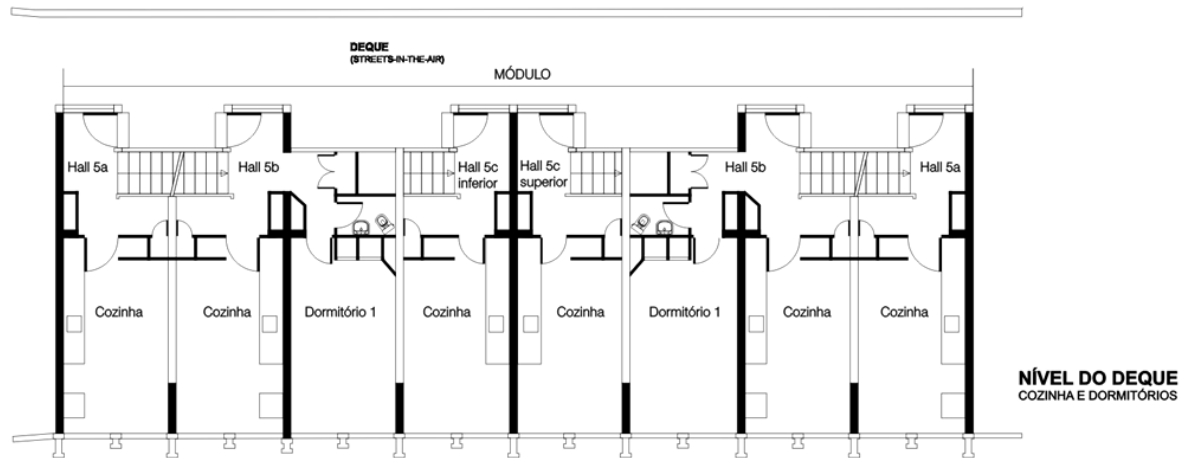
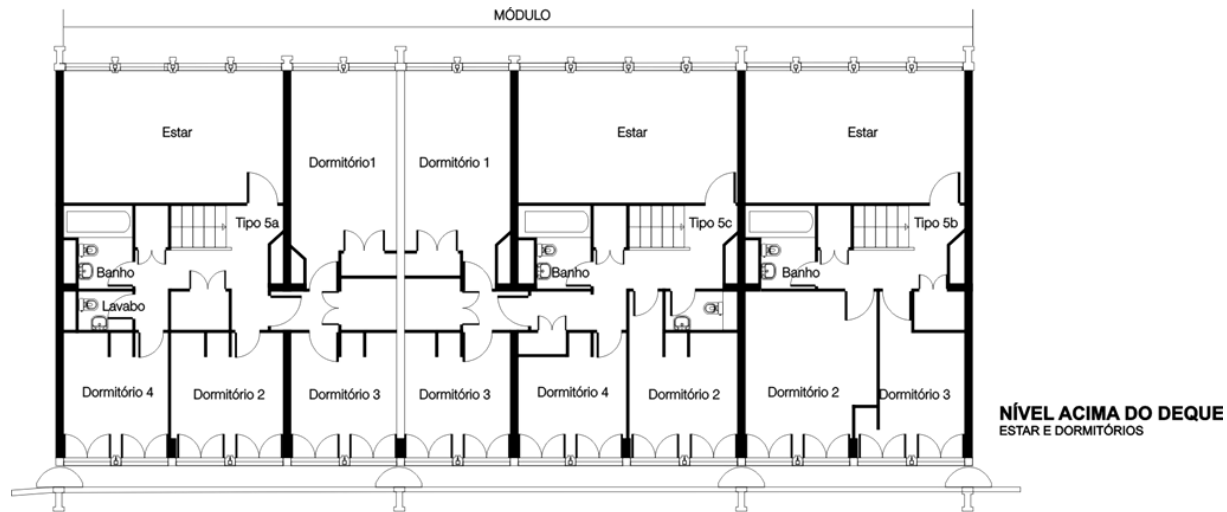


ESCALA 1:750



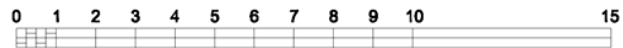
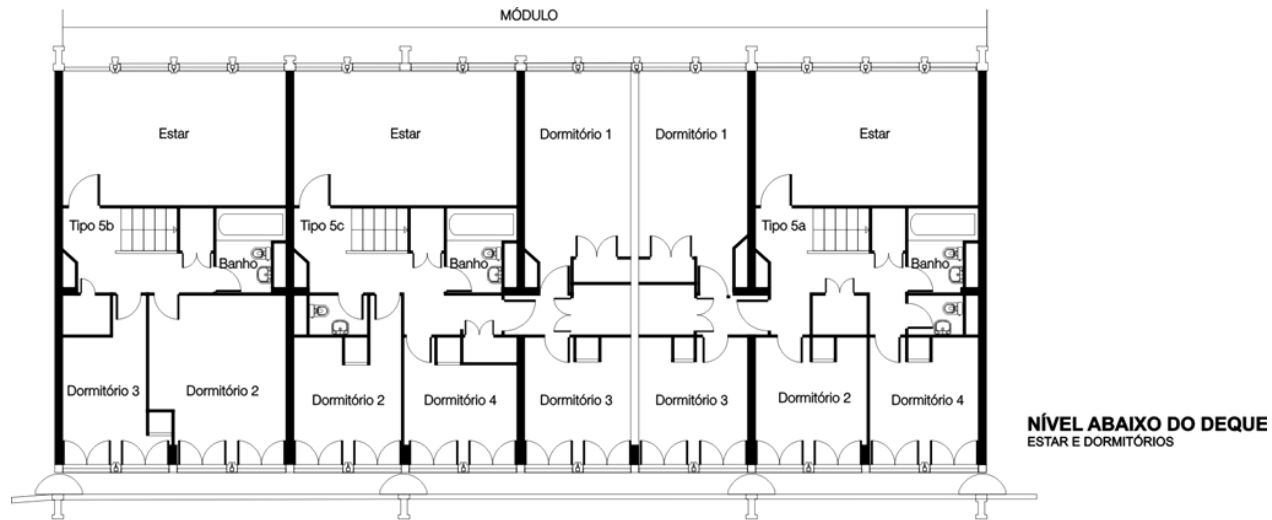
ESCALA 1:750

Figura 94 - Redesenho plantas baixas e corte transversal



ESCALA 1:150

Figura 95 - Redesenho Unidades Ampliadas



ESCALA 1:150

Figura 96 - Redesenho Unidades Ampliadas



Figura 97 - Foto do core central

No esquema de distribuição dos apartamentos do Robin Hood, todas as habitações para idosos se encontram no térreo, e não constituem apartamentos dúplex. Aproximadamente 70% dos apartamentos têm garagem, e todo o estacionamento, depósitos e zonas de serviços ficam em uma depressão, abaixo do jardim, mais ainda a céu aberto, com ventilação natural, usando uma idéia primeiramente desenvolvida no projeto para a Mehringplatz, em Berlim, 1962.¹⁰⁸

Uma exploração mais profunda de camadas horizontais aparece neste projeto dos Smithsons para a Mehringplatz, onde há uma diminuição progressiva dos pavimentos a medida que aumenta sua altura, criando um bloco escalonado com plataformas horizontais em cada um dos dois edifícios paralelos da proposta. Segundo os Smithsons, é justamente sua disposição em paralelo que resolve a transição de escala da auto-estrada para o escritório individual: a provisão de espaços de transição adequados entre as

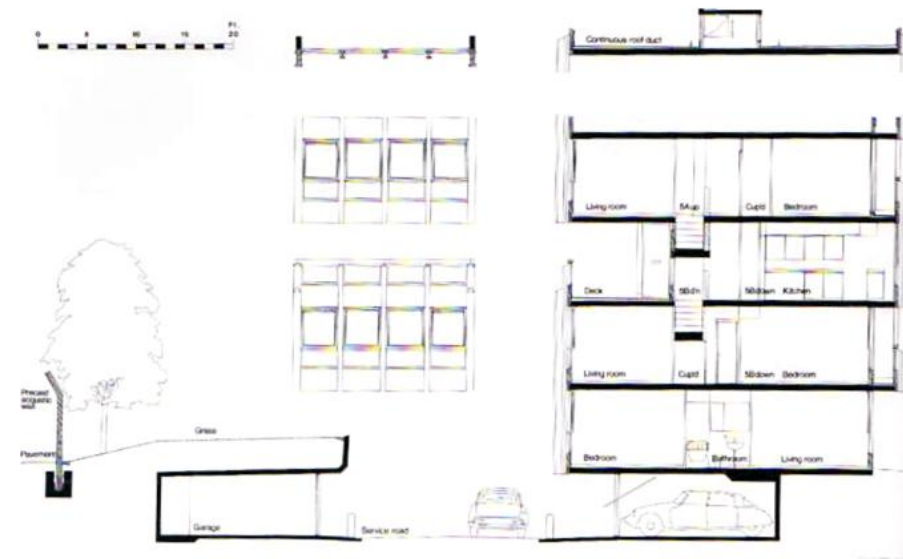


Figura 98 - corte mostrando a circulação de veículos em um nível abaixo do nível térreo, em um vão aberto

¹⁰⁸ SMITHSON, Alison e Peter. *Ordinariness and Light* Urban Theories 1952-1960 and Their Application in a Building Project 1963-1970. The MIT Press: Cambridge, Massachusetts, 1970.

jornadas é o tema principal da proposta para Mehringplatz. Da proposta para Mehringplatz também se derivou a idéia de periferia utilizada no Robin Hood Gardens, onde o estacionamento de veículos e serviços formavam uma 'colina' em torno de cada bloco.¹⁰⁹

O esquema estrutural do conjunto foi pensado pelos Smithsons em concreto armado com estrutura independente, sem o pilotis corbusiano no pavimento térreo. A repetição modular permitiu o uso de técnicas de pré-fabricação na construção do conjunto. A integração com o espaço aberto se dá nos deques, que acontecem de três em três pavimentos, e abrem-se para as visuais do Tâmisia.¹¹⁰ A estrutura é de concreto aparente, com pilares destacados marcando o ritmo das unidades nas fachadas. Os deques de circulação pedestre estendem-se até as fachadas e formam uma composição de cheios e vazios, indicando os espaços

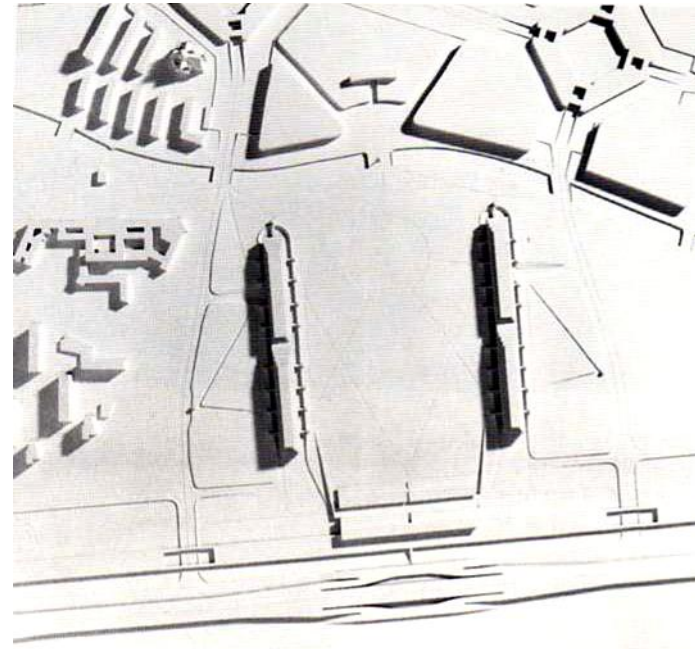


Figura 99 - Imagem de maquete para o projeto da Mehringplatz

¹⁰⁹ SMITHSON, Alison e Peter. *The Charged Void: Architecture*. New York: The Monacelli Press, 2001.

¹¹⁰ L'ARCHITECTURE D'AUJOURD HUI. *Team 10+20*. Paris, Número 1, Janeiro/ Fevereiro de 1975.

coletivos, as articulações e as aberturas para o exterior do conjunto.

O Robin Hood Gardens foi projetado em concreto reforçado ‘*box-frame*’, utilizando as paredes transversais para as vigas em balanço sobre os deques, com blocos de concreto leves fazendo as divisões internas das unidades, rebocados pelos dois lados.¹¹¹

Os Smithsons optaram por uma construção que cruzava a estrutura pelas paredes das unidades, em função da idéia de construir os deques pedestres sem a necessidade de colunas periféricas de sustentação para estas ruas-aéreas. O sistema Sueco Sundh foi utilizado em virtude de uma preferência por um sistema de construção pré-fabricado para o conjunto. A utilização deste sistema levou a pré-fabricação até os acabamentos interiores. O Robin Hood Gardens foi projetado originalmente em fôrma-túnel, mas durante a construção foi escolhido o sistema SUNDH. Este sistema levou à substituição das paredes de blocos na parte interna dos apartamentos por divisórias leves em *dry-wall*

¹¹¹ EISENMAN, P. Robin Hood Gardens E14. ARCHITECTURAL DESIGN. London, Número 9, setembro de 1972.

nestas subdivisões internas. Os arquitetos concordaram com esta alteração, embora isto tenha causado uma completa revisão dos desenhos dos layouts internos das unidades, em função da redução de espessura das paredes que esta troca causou.¹¹²

As habitações do Robin Hood Gardens se constituem de uma unidade básica, subindo ou descendo do nível do deque. As unidades habitacionais são dúplex, com o acesso ao nível do deque, com acesso a cozinha, e os dormitórios e o estar no nível superior ou inferior ao deque, da mesma maneira que ocorria na seção de Golden Lane, apenas com alteração da função em cada zona. Os Smithsons posicionaram os deques de acesso e as salas de estar no lado mais agitado, e desta maneira inverteram a posição da cozinha com os dormitórios em relação ao que havia sido proposto no conjunto para Golden Lane. A exceção são os apartamentos situados no deque do pavimento térreo, pensados para as pessoas de idade, que possuem um só nível. A unidade

¹¹² L'ARCHITECTURE D'AUJOURD HUI. *Team 10+20*. Paris, Número 1, Janeiro/ Fevereiro de 1975.

básica ocupa o módulo transversal da lâmina, e as unidades são sobrepostas, de maneira que as residências se encaixam como um jogo de montar, numa analogia com a Unidade de Habitação de Marselha.

Na Unité a rua se interioriza, dando acesso às unidades dúplex a partir de seu nível. Robin Hood usa parte do mesmo esquema já apresentado pelos Smithsons para o Golden Lane (1952) onde uma mesma circulação horizontal pedestre acessa um maior número de unidades, numa intenção de proporcionar uma sociabilidade intensa entre os moradores vizinhos.

No nível do acesso, encontra-se uma escada, que leva ao nível superior ou inferior ao deque, e a cozinha, espaço familiar e de natureza privada. A sala de estar, lugar da representação da família, está no outro nível, acima ou abaixo, juntamente com os dormitórios. Esta inversão na relação do mais público com o mais privado torna ambíguo o papel do deque, que seria o espaço

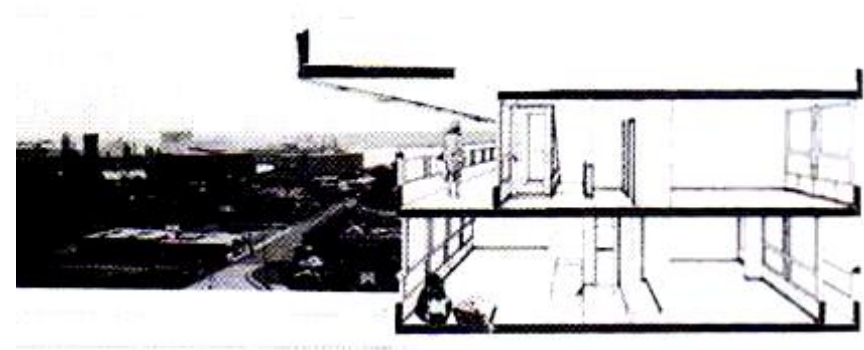
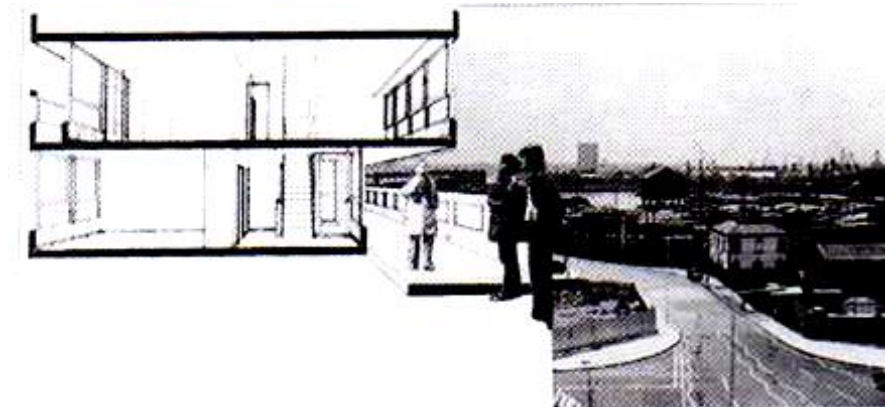


Figura 100 - cortes das unidades e a relação do deque pedestre com o entorno do conjunto

público, do acesso à moradia, mas também é o espaço privado para secar as roupas e para as brincadeiras das crianças.¹¹³

As janelas triangulares do deque são pensadas para proporcionarem a identificação individual entre os habitantes e seus apartamentos. São os equivalentes, neste projeto, aos pátios-jardins individuais (*yard-gardens*) do projeto para o Golden Lane. Os Smithsons afirmavam que a aproximação a uma casa é a ligação que seus ocupantes têm com a sociedade como um todo. No seu projeto para o Robin Hood Gardens, pensaram em proporcionar estas ligações do homem com a sociedade, concretizadas nas vistas com que ele olha o seu mundo, enquadrando a sua perspectiva. Segundo os Smithsons, para qualquer interior poderia ser feito um lar, sem importar a área mínima para cada quarto, cômodo, alturas e etc.¹¹⁴

¹¹³ L'ARCHITECTURE D'AUJOURD HUI. *Team 10+20*. Paris, Número 1, Janeiro/ Fevereiro de 1975.

¹¹⁴ EISENMAN, P. Robin Hood Gardens E14. ARCHITECTURAL DESIGN. London, Número 9, setembro de 1972.



Figura 101 - Playgroud localizado na área gramada entre os dois blocos



Figura 102 - Detalhe da fachada

Existem no complexo habitacional diversos equipamentos comunitários, como playgrounds para as crianças, lojas para locação, incineradores para toalhas sanitárias e vestimentas cirúrgicas e lavanderias comunitárias. Neste projeto para Robin Hood Gardens, diferentemente da proposta para Golden Lane, foram oferecidas um total de 143 garagens para aluguel dos moradores.

As janelas externas poderiam ser limpas pelos balcões de acesso e escape (incêndio), ou pela reversão das esquadrias, possibilitando a limpeza dos vidros pelo interior das unidades.¹¹⁵

As fachadas são em concreto aparente e uma grelha determina a distribuição das unidades nos módulos das fachadas. Os brises-soleil sobrepostos à estrutura têm como principal função o bloqueio acústico. Este esqueleto estrutural aparente tem relevância compositiva na conformação da grande escala, dando uma unidade ao desenho das fachadas.



Figura 103 - Foto do deque no bloco mais alto

¹¹⁵ EISENMAN, P. Robin Hood Gardens E14. ARCHITECTURAL DESIGN. London, Número 9, setembro de 1972.

Os Smithsons desenvolveram, para este projeto, juntamente com o *GLC Scientific Officer*, um absorvente acústico revestindo o topo das janelas, um parapeito projetante para evitar que o som entrasse pelas esquadrias de pivôs centrais horizontais quando elas estivessem na posição totalmente aberta, além de um sistema de quadros projetantes nestas mesmas esquadrias, para proteger as laterais e para evitar que o som atravessasse as fachadas e passasse de apartamento para apartamento. Na parte externa há um muro acústico de 3,05 m de altura, inclinado no topo para refletir o ruído de volta para o tráfego, que corre no lado oeste, da Rua Cotton, e o mais próximo possível do túnel Blackwall no lado leste, uma vez que o nível de ruído apurado no entorno ficaria acima do permitido nestas zonas de estar.¹¹⁶

No Blackwall Tunnel South Building, o bloco com quatro deques, há um detalhe diferenciando as fachadas do jardim. Elas são multi-coloridas, e à cada nível principal é dada uma cor chave.



Figura 104 - Foto do deque do bloco menor, no nível com portas laranjas

¹¹⁶ SMITHSON, Alison e Peter. *Ordinariness and Light* Urban Theories 1952-1960 and Their Application in a Building Project 1963-1970. The MIT Press: Cambridge, Massachusetts, 1970.

São utilizadas as cores cinza, para o nível do jardim; amarelo, para o primeiro nível do deque; laranja, para o segundo nível de deque e azul, para o terceiro nível de deque. Esta cor-chave é utilizada nos lobbies de elevadores e nas placas de sinalização, e variações na cor são utilizadas nas portas de entrada e nas janelas triangulares de cada um destes deques correspondentes.¹¹⁷

O Robin Hood Gardens foi aberto para os moradores em 1971, e as obras foram totalmente finalizadas em 1972. O material presente em todo o conjunto Robin Hood é o concreto aparente. A grelha da malha estrutural se estende às fachadas, e é acrescida de outra grelha, com função de proteção acústica e solar. Nos espaços entre as grelhas se encaixam as esquadrias das unidades, por um lado, e são totalmente livres, pelo outro, onde ficam os deques de circulação.

Os revestimentos internos das unidades entregues faziam parte do projeto acústico conduzido pelos Smithsons para

¹¹⁷ EISENMAN, P. Robin Hood Gardens E14. ARCHITECTURAL DESIGN. London, Número 9, setembro de 1972.

minimizar os ruídos externos dentro dos apartamentos, especialmente do tráfego. As unidades foram recebidas pelos moradores com revestimento vinílico no piso, que era parte do tratamento acústico para evitar a passagem de som de apartamento para apartamento. Carpetes poderiam ser colocados sobre este revestimento, mas ele não deveria ser retirado. Os forros internos também haviam recebido tratamento especial.¹¹⁸

O sistema de circulação do conjunto tem solução semelhante à utilizada em Golden Lane. A circulação horizontal se dá por meio das ruas-aéreas que acessam as unidades dúplex e é contínua em cada um dos blocos. Ao contrário do que ocorria na proposta para o Golden Lane, aqui os Smithsons optaram pela similaridade de orientação nas unidades, voltando as zonas mais públicas para a cidade e as mais íntimas para a área verde central, o core do projeto. As circulações verticais se localizam nas ponteiras e nos pontos de articulação do edifício.

¹¹⁸ EISENMAN, P. Robin Hood Gardens E14. ARCHITECTURAL DESIGN. London, Número 9, setembro de 1972.

No projeto para o Robin Hood Gardens não há conexão horizontal entre os deques de pedestres, ao contrário do que ocorria na proposta para Golden Lane. Isto, conjuntamente com a provisão de garagem para cada unidade habitacional, confirma a realidade de uma sociedade de consumo na qual é esperado que os trabalhadores dividam a afluência e a mobilidade da classe média, com a possibilidade de aquisição de um automóvel para uso da família.

As diferenças na circulação entre o Robin Hood Gardens e o Golden Lane devem ser vistas no contexto da reavaliação do papel do automóvel na cidade. Esta diferença foi primeiramente apresentada no projeto para o Berlim Hauptstadt, em 1958. Os 'edifício como ruas', e a conectividade entre deques pedestres haviam desaparecido. A primeira conexão pedestre é agora vertical à circulação veicular, e a circulação horizontal é principalmente motorizada.¹¹⁹



Figura 105 - Implantação da proposta para o Hauptstadt, em Berlim

¹¹⁹ EISENMAN, P. Robin Hood Gardens E14. ARCHITECTURAL DESIGN. London, Número 9, setembro de 1972.

Em 1957 o senado de Berlim organizou um concurso internacional de idéias para a reconstrução do centro da cidade que a guerra havia destruído. A convocatória ignorava os limites sob o controle da união soviética e considerava a totalidade do centro berlinês. Os Smithsons receberam um dos terceiros lugares dados pelos membros do júri, composto por arquitetos como Aalto, van Eesteren e Hebebrand, apresentando um projeto cuja idéia dominante era dar aos pedestres e aos veículos igualdade de direitos, a liberdade de movimento e liberdade de acesso.

A solução em planta vem determinada por dois modelos de circulação superpostos que se organizam em dois níveis interrelacionados. A arquitetura urbana proposta combina uma plataforma pedestre irregular é superposta à retícula das ruas existentes, reservadas para o tráfego de veículos: o resultado final são duas tramas que se justapõem. Vê-se aqui a proposta de cluster

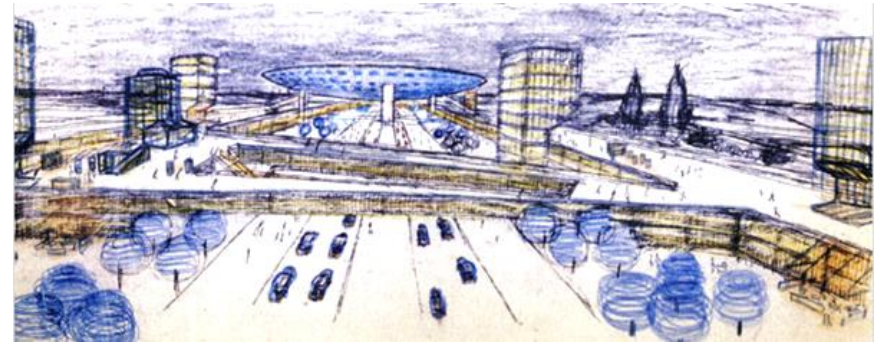


Figura 106 - Croqui apresentado no Concurso onde aparece a sobreposição da malha de circulação pedestre sobre a malha viária existente

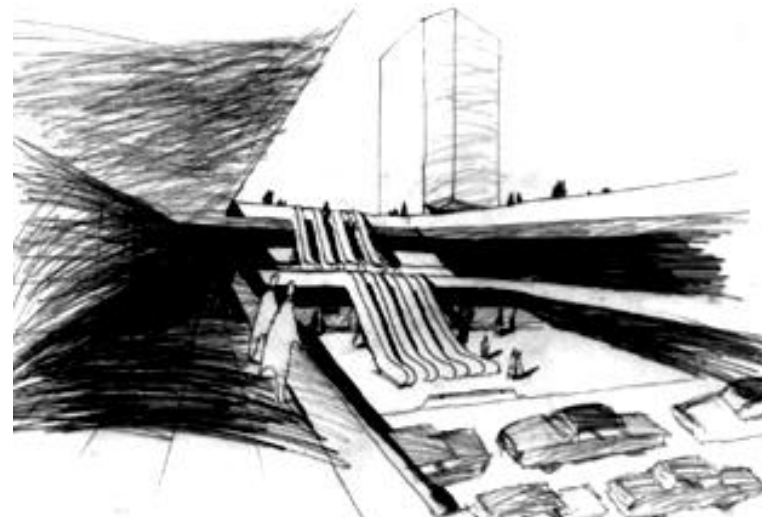


Figura 107 - Ligação entre os dois níveis

de cidade, onde o 'cacho' permite a criação de espaços de passagem e encontro.¹²⁰

No projeto para o Berlim Hauptstadt, a idéia predominante é dar aos motoristas e aos pedestres direitos iguais e igualdade de movimentação e liberdade de acesso. Há dois sistemas de movimentação inter-relacionados e duas geometrias inter-relacionadas: a plataforma elevada para pedestres e a rede de ruas no nível baixo para os veículos.

As formas urbanas de Berlim Hauptstadt tem na sua base a idéia de mobilidade, atingida por um padrão de movimento em camadas que separa os vários meios de movimentação e dá a cada um deles sua própria geometria, e, nas palavras dos Smithsons, sua própria expressão formal. Esta combinação específica dá a cada parte da cidade sua textura de identificação,

tentando fazer com que a cidade seja legível através da ordem de movimento e das formas urbanas concomitantes.¹²¹

¹²⁰ VIDOTTO, Marco. *Alison and Peter Smithson: Work and Projects*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1997.

¹²¹ SMITHSON, ALISON E PETER. *The Charged Void: Urbanism*. New York: The Monacelli Press, 2005.

4.4. A CONEXÃO QUE PERMITE A DISPERSÃO

Os Smithsons compreendiam que os esforços em prover habitações estavam sofrendo de uma interpretação errônea dos fatos. Edifícios com altas densidades populacionais e próximos a área central das grandes cidades foram inicialmente propostos em função de uma necessidade urgente de dar novas moradias às populações que tiveram suas casas destruídas por decorrência da Segunda Guerra. Uma situação específica, que na opinião de Alison e Peter não deveria ter perdurado. Suas pesquisas são no sentido de compreender e sugerir um novo modelo de habitação coletiva baseada mais na necessidade real de espaço e bem-estar das famílias, e menos no número de habitações que o conjunto deveria prover.¹²²

“Infelizmente, quase todas as soluções conhecidas de desenvolvimento com baixas densidades populacionais são

¹²² SMITHSON, Alison e Peter. Scatter. **Architectural Design**. London, número 4, abril de 1959.

*inadequadas, na sua forma, no seu sistema construtivo, e no seu sistema de acesso. E, mais sério ainda, são ‘culturalmente obsoletos’. A obsolência cultural não é apenas um problema de encontrar a melhor maneira, ou a maneira certa para viver para o nosso modo de vida de hoje, mas é também o problema de encontrarmos os símbolos corretos que satisfazem as nossas atuais aspirações culturais.”*¹²³

Em *Scatter*, artigo publicado na revista *Architectural Design* em abril de 1959, Alison e Peter se dedicam a propor uma definição

¹²³ SMITHSON, Alison e Peter. Scatter. **Architectural Design**. London, número 4, abril de 1959.

“Unfortunately, almost all known sorts of low-density development are inadequate, in their form, in their system of construction, and in their system of access. And, most serious of all, they are ‘culturally obsolete’. For it is not only a question of finding the right living pattern for our present way of life, and the equipment that serves it, but also a question of finding the correct symbols to satisfy our present cultural aspirations.”

para dois temas bastante importantes em sua obra: qual seria a densidade ideal para edificações coletivas e qual função melhor ocuparia o centro da cidade. Nessa avaliação também são postos em discussão pontos como garagem e acesso a elas, espaços abertos como extensão das moradias, e principalmente, a relação deste espaço necessário com a densidade habitacional em um determinado terreno ou área. O problema do espaço real para o desenvolvimento da vida em família. Este é um artigo representativo em relação à obra escrita dos Smithsons. Com a linguagem extremamente coloquial e poética usual nos escritos do casal, Alison expõe o porquê de considerar seus estudos e análises com relação a este tema da habitação tão importantes:

“... Nenhum desses requerimentos (fala sobre as necessidades de espaços abertos para as crianças nas diversas etapas de seu crescimento) pode ser atendido simplesmente, e agradavelmente, em densidades muito altas... Edifícios onde o acesso é secreto e completamente enclausurado e onde as janelas olham para espaços anônimos. Esses edifícios, geralmente situados nas proximidades dos centros das grandes cidades, dão o

*máximo de conveniência para estudantes, casais sem filhos e famílias nas quais os filhos já estão crescidos... Infelizmente, a maioria do nosso esforço em prover habitações no pós-guerra foi no sentido de prover edifícios de apartamentos altos, que servem bem a um estilo de vida (hotel-type living), mas eles foram dados para uso por casais com filhos. Continuarmos fazendo isso seria uma ridícula submissão a uma teoria que foi utilizada em razão das circunstâncias”.*¹²⁴

¹²⁴ SMITHSON, Alison e Peter. Scatter. **Architectural Design**. London, número 4, abril de 1959.

“... None of these requirements can be met simply and pleasurably at densities much above 70 ppa¹²⁴...conventional forms of high building for which Mies Van der Rohe's Lake Shore Drive apartments are the model, or Swedish point blocks, where the access is swift, secret and completely enclosed, and the windows look out into anonymous space. Such buildings situated near city centres give a maximum of convenience for students, single people, childless couples, and grown-up families... Much of our post-war housing effort has gone into providing high-flat buildings very suitable for hotel-type living, but unfortunately they had been provided for the use of families with children. To go on doing this would be ridiculous.”

O principal que estava sendo posto em discussão neste artigo, é que para uma aglomeração humana ser uma comunidade no Século XX há a necessidade de reagrupar as densidades. A textura geral da comunidade ideal dos Smithsons seria de Clusters de densidades variadas, não sendo necessário para isto que as casas de baixas densidades populacionais fossem excluídas dos grandes centros urbanos.

O dispersamento – *scatter* - é proposto de maneira que seja disciplinado, para que o desenvolvimento urbano não se torne totalmente sem estrutura. A segunda questão que resulta da dispersão da cidade diz respeito ao que vai acontecer com o centro histórico das grandes cidades. Os Smithsons afirmam que não há mais necessidade de ir ao centro para fazer as compras, pois a produção em massa levou a oferta de produtos para as zonas mais afastadas. Por outro lado, consideram que ir a cidade é um gesto social, uma associação voluntária que identifica o indivíduo com o

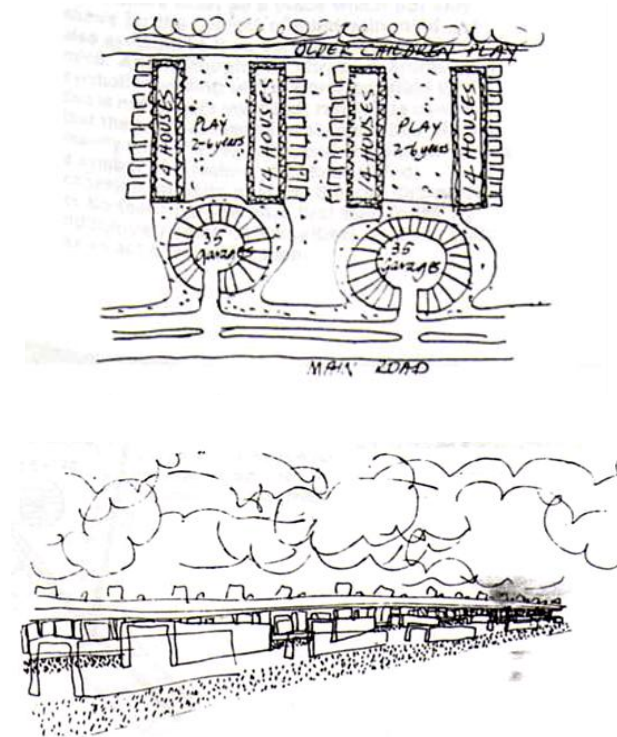


Figura 108 - Imagens de agrupamentos de casas, que representariam este dispersamento

seu grupo, e que torna a existência de um centro social necessária.¹²⁵

A solução escolhida pelos Smithsons para o desenvolvimento do projeto para o Robin Hood Gardens tem tantos lugares, espaços verdes, e fica clara a vontade de criar um elemento reprodutivo na estrutura urbana, um gesto heróico que se inscreve na linhagem da Ville Radieuse, de Le Corbusier, algo distante da tradição da habitação na Grã-bretanha. Robin Hood gardens se vê como um substituto á habitação individual. O discurso dos Smithsons sobre a vida coletiva é um discurso ideológico, e no estado atual das coisas, estes modelos não oferecem um novo modelo de vida, mas uma maneira de preservar na célula familiar seu papel social.¹²⁶

Os principais conjuntos habitacionais modernos foram construídos nos arredores das cidades, em áreas não densamente

¹²⁵ SMITHSON, Alison e Peter. Scatter. *Architectural Design*. London, número 4, abril de 1959.

¹²⁶ L'ARCHITECTURE D'AUJOURD HUI. Paris, Número 1, Janeiro/ Fevereiro de 1975.

urbanizadas, como as Unités de Le Corbusier e o Conjunto Pedregulho do Reidy, no Brasil. O Robin Hood Gardens, e antes dele o Golden Lane, pretendiam uma conexão entre o edifício novo proposto e a cidade antiga. Uma repetição de um mesmo protótipo, ligado por sua circulação vertical, criaria uma estrutura quase única, mas sem prever a substituição da cidade existente por essa nova cidade.

Dirk van den Heuvel afirma que o Robin Hood Gardens ficou na história como uma grande falha. Foi vandalizado por seus moradores, e significou o fim do status internacional de Alison e Peter Smithson como 'Star Architects'. O grande erro dos Smithsons, afirma van den Heuvel, pode ter sido sua confiança exagerada, e talvez ingênua, na capacidade da arquitetura de solucionar os problemas sociais. Mas lhe parece injusto que a queda social do projeto seja usado como pretexto para diminuir toda a Arquitetura Moderna. Para Heuvel é um projeto heróico, não importando o grimness do concreto, os danos produzidos pelos residentes ou as renovações a que o edifício foi submetido ao longo destes anos. Os dois imensos blocos de concreto ainda são robustos. A arquitetura do concreto, com as suas características

marcações verticais repetidas em modulações, é monumental ainda que abstrata. Forma um pano de fundo estável para as mudanças do dia a dia, capaz de absorver estas mudanças justamente por sua natureza impessoal. Sua dimensão utópica é o componente realmente heróico neste projeto.¹²⁷

¹²⁷ HEUVEL, DIRK VAN DEN. *Recolonising the Modern: Robin Hood Gardens Today*. In: JOHNSTON, PAMELA (Ed.). ***Architecture is not made of the Brain*** The labor of Alison and Peter Smithson. England: Dexter Graphics, 2005.

4.5. PARK HILL ESTATE

O Park Hill Estate indica um precedente parcial para o Robin Hood Gardens. Inspirado pelos Smithsons e por Le Corbusier antes deles, foi construído em 1961, em uma área degradada na área central da cidade de Sheffield conhecida como 'Little Chicago' nos anos 30. O conjunto se beneficia de sua localização, bastante próxima à área central da cidade de Sheffield.

O projeto para o conjunto Park Hill é de 1955, de autoria de Jack Lynn e Ivor Smith, e sua construção foi finalizada em 1961, em Sheffield, Inglaterra. O elemento mais marcante do projeto são os corredores-deques aéreos de 3,56m de largura, a cada três pavimentos, todos interligados entre si por torres de articulação entre os blocos laminares.¹²⁸



Figura 109 - Vista aérea e acesso ao Conjunto Park Hill

¹²⁸ ARCHITECTURAL DESIGN. London, Número 6, junho de 1955.

Park Hill é composto de 995 habitações, e possui em torno de dois mil habitantes, o conjunto ocupa toda uma colina, na área central da cidade de Sheffield. O edifício se compõe de enormes blocos serpenteantes, com apartamentos dúplex e circulações horizontais largas, configurando as ruas-aéreas. O conjunto Park Hill é posterior ao projeto do concurso para Golden Lane, dos Smithsons, de 1952, podendo-se afirmar que foi uma tentativa de Lynn e Smith de apresentarem uma tentativa de dar sua contribuição ao tema de estudo de Alison e Peter Smithson. Ivor Smith e Jack Lynn foram diplomados do Architectural Association e fortemente influenciados pelo trabalho dos Smithsons.¹²⁹

As obras do complexo foram concluídas em 1961. O Park Hill Estate foi destinado a proporcionar habitação social para milhares de pessoas. Quando da sua construção, se esperava que Park Hill sinalizasse o rejuvenescimento da cidade de Sheffield e proporcionasse habitação de qualidade em uma área degradada. A disposição dos blocos em desnível permitia o

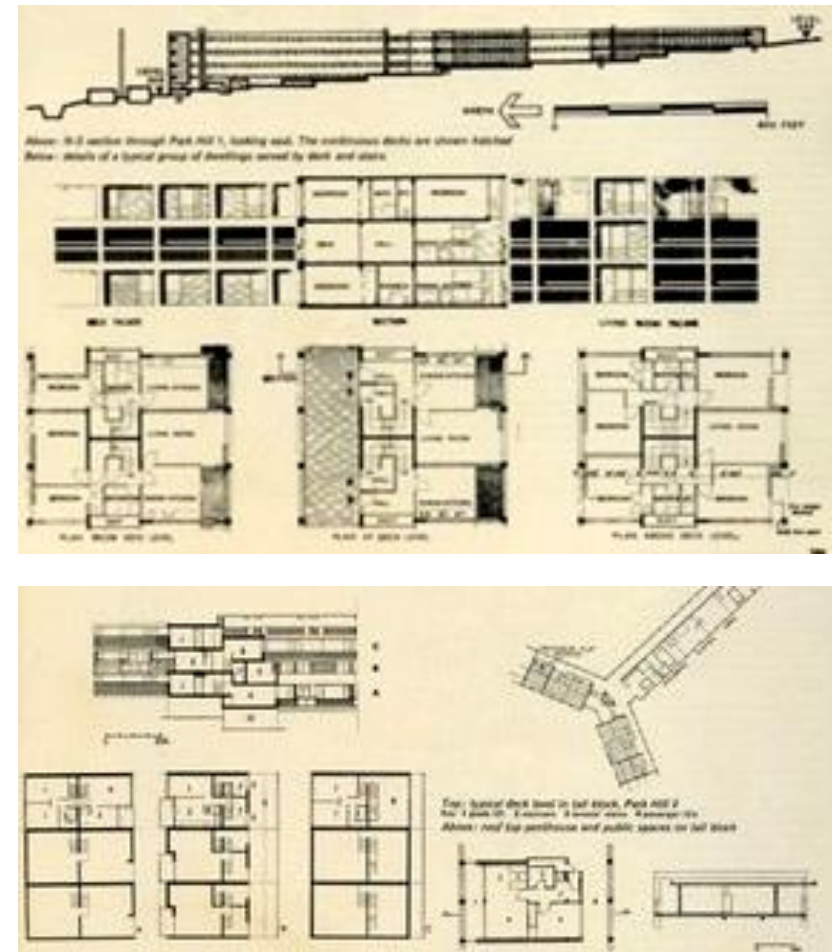


Figura 110 - Plantas baixas e cortes das unidades de Park Hill

¹²⁹ ARCHITECTURAL DESIGN. London, Número 9, setembro de 1961.

acesso direto dos corredores-deques à rua. Pontes ligam as ruas elevadas ao longo de todo o esquema, permitindo uma ligação e uma circulação pedestre total em todo o complexo.¹³⁰ Estas idéias estavam presentes na proposta dos Smithsons para o Conjunto Golden Lane, de 1952. O projeto inclui lojas, uma escola e um pub, a fim de criar uma comunidade dentro do conjunto. Na Unité d'Habitation, em Marselha, Le Corbusier havia fechado suas ruas no interior do edifício: em Sheffield elas foram deixadas abertas para as fachadas, da mesma maneira que na proposta para o Golden Lane.

O conjunto Park Hill foi tombado em 1998. Se não tivesse sido listado em 1998, Park Hill certamente teria sido demolido, ameaça que agora atinge o Robin Hood Gardens.



¹³⁰ ARCHITECTURAL DESIGN. London, Número 9, setembro de 1961.

Figura 111 - Fotos externas do conjunto

5

CONCLUSÃO



Há uma busca moderna por uma racionalidade no tema da habitação em larga escala. As Imeuble-villas e o Redent corbusianos, e a proposta dos anos 50 de Alison e Peter Smithson, o conjunto habitacional Golden Lane, foram parte desta busca.¹³¹ A questão da habitação aparece também em Robin Hood Gardens, e em todo o trabalho e idéias desenvolvidos pelos Smithsons.

Um par de metáforas, “a torre no parque” e o “edifício como rua”, articulou as duas maiores contribuições do movimento moderno ao urbanismo do século 20. Ambos os modelos são alternativas para a rua corredor do século 19. Ambos sugeriam uma diferença nas relações do edifício com a rua e ambos apresentavam imagens que estavam em conflito com o *status quo* que embrace um aspecto utópico. Enquanto a “torre no parque” teve maior significância nos projetos apresentados por Le Corbusier em 1920 e 1922, a Ville Tours e a Ville Contemporaine, onde as torres de escritórios transformaram a relação edifício-rua de uma fachada contínua que conformava o espaço da rua para um

¹³¹ CABRAL, CLÁUDIA P.C. *A Cidade Vertical: Conjunto Habitacional Rioja, Buenos Aires, 1968-1973*. In: ARQTEXTO número 12. Porto Alegre. 2009.

esquema onde a rua é meramente uma entidade bidimensional no grande espaço aberto verde. A segunda destas metáforas, o “edifício como rua”, afeta muito do desenvolvimento das propostas dos Smithsons, aparentemente uma tentativa de personificar os blocos redent de Le Corbusier. Em 1952 a concepção de edifício como rua foi desenvolvida por Alison e Peter Smithson a partir das idéias de Le Corbusier em uma noção de edifício como uma contínua e elevada rede de ruas. A Cidade Golden Lane, uma elaboração do esquema habitacional Golden Lane do mesmo ano, é uma das significantes contribuições ao urbanismo da metade do século 20.¹³²

As propostas habitacionais dos Smithsons são relevantes para o estudo do desenvolvimento da arquitetura no século 20. Apesar de trazer novas idéias aos estudos que haviam sido desenvolvidos pela Arquitetura Moderna, como as propostas de Le Corbusier e de Reidy, aqui no Brasil, as proposições de Alison e Peter Smithson não representavam realmente uma ruptura com um

¹³² EISENMAN, P. Robin Hood Gardens E14. ARCHITECTURAL DESIGN. London, Número 9, setembro de 1972.

modo de projetar. Em seus textos demonstravam uma preocupação com as relações entre as pessoas, as pessoas e sua moradia, e essas relações com a cidade, em projeto isso se corporifica nos deques pensados como ruas-aéreas, e a rua é pensada como o lugar da relação social. Em relação ao urbanismo, pode-se sim ver grandes diferenciações em relação às propostas urbanas do CIAM. Na idéia de cidade presente nos estudos dos Smithsons, há uma clara pretensão de romper com o funcionalismo pregado pela Carta de Atenas, propondo ao invés da distribuição funcional uma cidade multi-nivelada, onde as funções de moradia e trabalho fundem-se nos diferentes agrupamentos. O megaestruturalismo é sentido nesta proposta dos Smithsons, mas que não chegou a ser construída.

A contribuição dos Smithsons em relação ao tema do urbanismo é significativa. O seu projeto para o Golden Lane é, inevitavelmente, um referente para qualquer discussão sobre o esquema habitacional do Robin Hood Gardens. Isto ocorre porque ambos os projetos enfrentam um problema da cidade moderna: a relação da habitação com a rua subsequente a introdução do automóvel, e em um sentido mais geral, a relação entre o público e o privado.

Há uma idéia de cidade presente nos seus projetos habitacionais, que é uma busca da modernidade, a habitação em série pensada como hipótese, numa tentativa de lançar sobre a cidade uma solução a ser repetida de forma prototípica. Os Smithsons, desde suas primeiras idéias publicadas sobre habitação em série, propuseram mega-complexos conectados com a cidade e a malha urbana. Na proposta de cidade existente por trás de seus projetos de habitação, há uma tentativa constante de estabelecer vínculos entre o existente e o proposto.

Esta seria a materialização de toda a teoria desenvolvida pelos Smithsons. O deque convertido em rua aérea, edifícios em barras que possibilitassem ligações futuras entre todas as edificações que viessem a formar o complexo, com a circulação vertical ponteando as barras edificadas. De maneira que, assim como na proposta de cidade presente nos estudos para o Golden Lane, a partir desta circulação vertical se dessem as ligações com os outros edifícios que fossem construídos mais tarde, convertendo os deques propostos na rua elevada como equipamento público pensado pelos Smithsons no início dos anos 50.

Através dos projetos e dos discursos que os acompanhavam, os Smithsons colocam o problema do papel do arquiteto em nossa sociedade. Eles tentam encontrar com Golden

Lane e Robin Hood Gardens uma solução à habitação social, tema controverso e que foi desafiador para a arquitetura do séc. 20.

No projeto para o Golden Lane os edifícios eles próprios podiam ser considerados como fragmentos de um esquema maior. Na proposta para o Robin Hood Gardens a proposição é virtualmente inversa. A forma do edifício nega a idéia de um processo empírico contínuo, e aceita o contexto presente.

Neste sentido, Robin Hood Gardens pode ser visto tanto como o fim de período como talvez como o início de algo novo. O conjunto contém uma modificação do conceito de Rua dos Smithsons, pois o edifício habitacional não mais sustentava a mesma relação ideológica com a rua como acontecia no projeto para o Golden Lane.¹³³

O conjunto Robin Hood Gardens retoma uma idéia de quarteirão, define um alinhamento e uma certa unidade de conjunto, delimitando o espaço verde central e contribuindo para que o conjunto edificado seja uma unidade com certa autonomia. Por outro lado, a unidade repetível de Golden Lane tem uma forma que

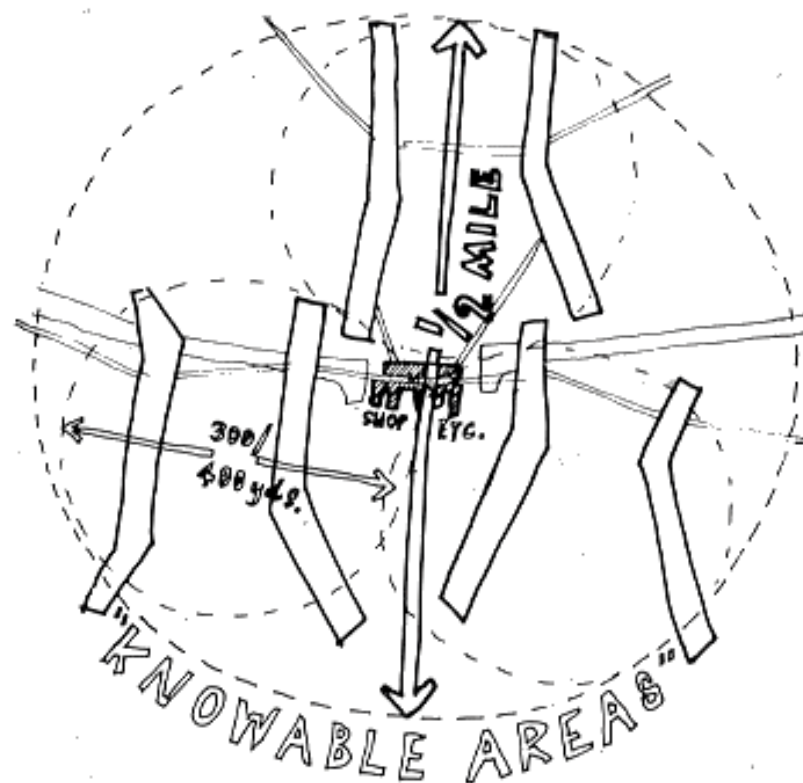


Figura 112 - Idéia de repetição de "conjuntos Robin Hood"

¹³³ L'ARCHITECTURE D'AUJOURD HUI. Paris, Número 1, Janeiro/ Fevereiro de 1975.

se organiza de maneira a propiciar a conexão entre as unidades, conformando não quarteirões onde cada elemento pode ser reconhecido, mas um complexo, em uma forma de estrutura única.

As propostas habitacionais dos Smithsons são modernas no sentido de pensar a cidade como problema não resolvido, mas há uma diferença entre as estas propostas e Modernistas. Robin Hood Gardens se utiliza da grande escala, obtida a partir de grandes massas construídas e de uma idéia de continuidade e ligação entre elas, mas troca a idéia da natureza como fundo, presente em Le Corbusier, pela idéia de que a cidade existente pode constituir um pano de fundo para o projeto moderno.¹³⁴

“O conjunto dessas alternativas, a que não poucas vezes se atribui o veredicto de fracasso arquitetônico, representa talvez o último momento de confiança na pretensão moderna de repensar a cidade a partir da habitação. Ao longo dos anos setenta, á medida que a cidade do Movimento Moderno é levada ao banco dos réus, estas soluções são identificadas como exemplos acabados de

¹³⁴ CABRAL, CLÁUDIA P.C. *A Cidade Vertical: Conjunto Habitacional Rioja, Buenos Aires, 1968-1973*. In: ARQTEXTO número 12. Porto Alegre. 2009.

totalitarismo e desumanização. Mas a tese implícita no “small is beautiful” dos setenta, da volta a pequena escala e a individualização dos problemas, é também a tese da privatização das suas soluções. Desacreditar a grande escala é também liberar a sociedade de seu dever. Talvez seja nosso papel rever essas alternativas, não tanto como modelos, senão como parte de grande e tentativo processo de clarificação dos componentes da cidade moderna, tarefa que ainda está em aberto.”¹³⁵

No cerne deste assunto está o reconhecimento, pelos Smithsons, de uma sensibilidade requerida para se produzir arquitetura. Os Smithsons definiram o Novo Brutalismo como a arquitetura que respondia a maneira como as pessoas viviam e construía, e as discussões e debates sobre as escalas de associação humana decorrentes, resultaram no conseqüente desenvolvimento de estratégias baseadas no modo de vida do homem para a criação de soluções arquitetônicas. Pode-se afirmar

¹³⁵ CABRAL, CLÁUDIA P.C. *Anatomía de La Calle Elevada*. In: *Patrimonio Moderno y Ciudad*. 3er Seminario Docomomo Chile, Valparaíso, Pontificia Universidad Católica de Chile, 2009.

que Alison e Peter Smithson, desta maneira, questionavam a razão da arquitetura e o papel do arquiteto na sociedade.

As estratégias de desenho e projeto que foram desenvolvidas a partir deste processo pretendiam resolver um problema que encontra-se sem solução até os dias de hoje. O conjunto Robin Hood Gardens está hoje em vias de demolição. Uma grande discussão se iniciou em 2008, quando a prefeitura de Londres anunciou que pretendia demolir o Robin Hood Gardens e em seu lugar construir um conjunto residencial mais densificado, parte porque a zona das docas hoje encontra-se em uma região mais central da cidade, em parte porque o grande espaço central gramado que é o centro da proposta dos Smithsons é visto como área desperdiçada. Um grande abaixo-assinado foi organizado pleiteando o tombamento do conjunto edificado, mas os órgãos responsáveis pelo tombamento não aprovaram. Em abril de 2009 foi anunciado que o Robin Hood Gardens não seria listado, e até agora ainda não está definido o seu futuro.

6

REFERÊNCIAS



6.1. FONTES DAS FIGURAS

Figura 1 - SMITHSON, Alison e Peter. *The Charged Void: Urbanism*. New York: The Monacelli Press, 2005.

Figura 2 - SMITHSON, Alison e Peter. *The Charged Void: Architecture*. New York: The Monacelli Press, 2001..... 19

Figura 3 - SMITHSON, Alison e Peter. *The Charged Void: Architecture*. New York: The Monacelli Press, 2001..... 20

Figura 4 – SMITHSON, Alison e Peter. *The Charged Void: Architecture*. New York: The Monacelli Press, 2001..... 21

Figura 5 - SMITHSON, Alison e Peter. *The Charged Void: Architecture*. New York: The Monacelli Press, 2001..... 21

Figura 6 - SMITHSON, Alison e Peter. *The Charged Void: Architecture*. New York: The Monacelli Press, 2001..... 24

Figura 7 - SMITHSON, Alison e Peter. *The Charged Void: Urbanism*. New York: The Monacelli Press, 2005..... 24

Figura 8 - SMITHSON, Alison e Peter. *The Charged Void: Urbanism*. New York: The Monacelli Press, 2005..... 25

Figura 9 - VAN DEN HEUVEL, Dirk e RISSELADA, Max. *Team 10 1953-1981*, In *Search of a Utopia of the Present*. Rotterdam: Nai Publishers, 2005.....27

Figura 10 - VAN DEN HEUVEL, Dirk e RISSELADA, Max. *Team 10 1953-1981*, In *Search of a Utopia of the Present*. Rotterdam: Nai Publishers, 2005.....29

Figura 11 - VAN DEN HEUVEL, Dirk e RISSELADA, Max. *Team 10 1953-1981*, In *Search of a Utopia of the Present*. Rotterdam: Nai Publishers, 2005.....31

Figura 12 – SMITHSON, Alison e Peter. *The Charged Void: Urbanism*. New York: The Monacelli Press, 200533

Figura 13 - SMITHSON, Alison e Peter. *The Charged Void: Urbanism*. New York: The Monacelli Press, 200533

Figura 14 - SMITHSON, Alison e Peter. *The Charged Void: Urbanism*. New York: The Monacelli Press, 200534

Figura 15 - SMITHSON, Alison e Peter. *The Charged Void: Urbanism*. New York: The Monacelli Press, 200534

Figura 16 - SMITHSON, Alison e Peter. *The Charged Void: Urbanism*. New York: The Monacelli Press, 200535

Figura 17 - SMITHSON, Alison e Peter. *The Charged Void: Urbanism*. New York: The Monacelli Press, 2005.36

Figura 18 - SMITHSON, Alison e Peter. The Charged Void: Architecture. New York: The Monacelli Press, 2001.....	37
Figura 19 - SMITHSON, Alison e Peter. The Charged Void: Architecture. New York: The Monacelli Press, 2001.....	38
Figura 20 - SMITHSON, Alison e Peter. The Charged Void: Architecture. New York: The Monacelli Press, 2001.....	39
Figura 21 - SMITHSON, Alison e Peter. The Charged Void: Architecture. New York: The Monacelli Press, 2001.....	41
Figura 22 – SMITHSON, Alison e Peter. The Charged Void: Architecture. New York: The Monacelli Press, 2001.....	42
Figura 23 - SMITHSON, Alison e Peter. The Charged Void: Architecture. New York: The Monacelli Press, 2001.....	43
Figura 24 - VAN DEN HEUVEL, Dirk e RISSELADA, Max. Team 10 1953-1981, In Search of a Utopia of the Present. Rotterdam: Nai Publishers, 2005	44
Figura 25 – GOOGLE EARTH.51Figura 26 - < http://www.british.history.ac.uk/report.aspx?compid=46486 >	52
Figura 27 - SMITHSON, Alison e Peter. The Charged Void: Architecture. New York: The Monacelli Press, 2001.....	53
Figura 28 - SMITHSON, Alison e Peter. The Charged Void: Architecture. New York: The Monacelli Press, 2001.....	54

Figura 29 - SMITHSON, Alison e Peter. The Charged Void: Architecture. New York: The Monacelli Press, 2001	55
Figura 30 - SMITHSON, Alison e Peter. The Charged Void: Architecture. New York: The Monacelli Press, 2001	56
Figura 31 - SMITHSON, Alison e Peter. The Charged Void: Architecture. New York: The Monacelli Press, 2001	57
Figura 32 - SMITHSON, Alison e Peter. The Charged Void: Architecture. New York: The Monacelli Press, 2001	58
Figura 33 - SMITHSON, Alison e Peter. The Charged Void: Architecture. New York: The Monacelli Press, 2001	60
Figura 34 - SMITHSON, Alison e Peter. The Charged Void: Architecture. New York: The Monacelli Press, 2001	61
Figura 35 – Desenho da autora	62
Figura 36 - Desenho da autora	63
Figura 37 - Desenho da autora	64
Figura 38 - Desenho da autora	65
Figura 39 - Desenho da autora	66
Figura 40 - Desenho da autora	67
Figura 41 - Desenho da autora	68
Figura 42 - Desenho da autora	69

Figura 43- SMITHSON, Alison e Peter. *The Charged Void: Architecture*. New York: The Monacelli Press, 2001..... 70

Figura 44 - SMITHSON, Alison e Peter. *The Charged Void: Architecture*. New York: The Monacelli Press, 2001..... 71

Figura 45 - SMITHSON, Alison e Peter. *The Charged Void: Architecture*. New York: The Monacelli Press, 2001..... 72

Figura 46 - SMITHSON, Alison e Peter. *The Charged Void: Architecture*. New York: The Monacelli Press, 2001..... 74

Figura 47 – SMITHSON, Alison e Peter. *The Charged Void: Architecture*. New York: The Monacelli Press, 2001..... 75

Figura 48 – SMITHSON, Alison e Peter. *The Charged Void: Architecture*. New York: The Monacelli Press, 2001..... 75

Figura 49 - SMITHSON, Alison e Peter. *The Charged Void: Urbanism*. New York: The Monacelli Press, 2005..... 77

Figura 50 - SMITHSON, Alison e Peter. *The Charged Void: Urbanism*. New York: The Monacelli Press, 2005..... 77

Figura 51 - SMITHSON, Alison e Peter. *The Charged Void: Urbanism*. New York: The Monacelli Press, 2005..... 78

Figura 52 – SMITHSON, Alison e Peter. *The Charged Void: Urbanism*. New York: The Monacelli Press, 2005..... 78

Figura 53 - SMITHSON, Alison e Peter. *The Charged Void: Urbanism*. New York: The Monacelli Press, 2005 79

Figura 54 - SMITHSON, Alison e Peter. *The Charged Void: Urbanism*. New York: The Monacelli Press, 2005 81

Figura 55 - SMITHSON, Alison e Peter. *The Charged Void: Urbanism*. New York: The Monacelli Press, 2005 81

Figura 56 - SMITHSON, Alison e Peter. *The Charged Void: Urbanism*. New York: The Monacelli Press, 2005 84

Figura 57 - SMITHSON, Alison e Peter. *The Charged Void: Urbanism*. New York: The Monacelli Press, 2005 85

Figura 58 - SMITHSON, Alison e Peter. *The Charged Void: Urbanism*. New York: The Monacelli Press, 2005 86

Figura 59 - LEWIS, John. *Urban Structuring Studies of Alison & Peter Smithson*. London : Studio Vista, 1987. 87

Figura 60 – LEWIS, John. *Urban Structuring Studies of Alison & Peter Smithson*. London : Studio Vista, 1987. 87

Figura 61 - LEWIS, John. *Urban Structuring Studies of Alison & Peter Smithson*. London : Studio Vista, 1987. 87

Figura 62 – LEWIS, John. *Urban Structuring Studies of Alison & Peter Smithson*. London : Studio Vista, 1987. 87

Figura 63 - MONTEYES, Xavier. <i>Le Corbusier Obras e Projectos</i> . Barcelona: Gustavo Gilli, 2005.	90	Figura 76 - MONTEYES, Xavier. <i>Le Corbusier Obras e Projectos</i> . Barcelona: Gustavo Gilli, 2005.	102
Figura 64 - < http://housingprototypes.org/project?File_No=GB008 >	91	Figura 77 - Fotos da autora.	104
Figura 65 -< http://housingprototypes.org/project?File_No=GB008 >	92	Figura 78 - BONDUKI, Nabil (Ed.). <i>Affonso Eduardo Reidy</i> . Instituto Lina Bo e P. M. Bardi. Lisboa: Blau, 2000	105
Figura 66 - < http://housingprototypes.org/project?File_No=GB008 >	93	Figura 79 - BONDUKI, Nabil (Ed.). <i>Affonso Eduardo Reidy</i> . Instituto Lina Bo e P. M. Bardi. Lisboa: Blau, 2000	105
Figura 67 - < http://housingprototypes.org/project?File_No=GB008 >	93	Figura 80 - BONDUKI, Nabil (Ed.). <i>Affonso Eduardo Reidy</i> . Instituto Lina Bo e P. M. Bardi. Lisboa: Blau, 2000	106
Figura 68 - < http://housingprototypes.org/project?File_No=GB008 >	93	Figura 81 - BONDUKI, Nabil (Ed.). <i>Affonso Eduardo Reidy</i> . Instituto Lina Bo e P. M. Bardi. Lisboa: Blau, 2000	106
Figura 69 - < http://housingprototypes.org/project?File_No=GB008 >.	94	Figura 82 - < bdonline.com.uk >	107
Figura 70 - CORBUSIER, Le. <i>The City of Tomorrow and Its Planning</i> . London: The Architectural Press, 1947.	97	Figura 83 - SMITHSON, Alison e Peter. <i>The Charged Void: Architecture</i> . New York: The Monacelli Press, 2001	111
Figura 71 - CORBUSIER, Le. <i>The City of Tomorrow and Its Planning</i> . London: The Architectural Press, 1947.	98	Figura 84 - < http://www.british.history.ac.uk/report.aspx?compid=46486 >.	112
Figura 72 - CORBUSIER, Le. <i>The City of Tomorrow and Its Planning</i> . London: The Architectural Press, 1947.	100	Figura 85 - SMITHSON, Alison e Peter. <i>The Charged Void: Architecture</i> . New York: The Monacelli Press, 2001	113
Figura 73 - Implantação da Unidade de Habitação de Marselha.	101	Figura 86 - < http://www.british.history.ac.uk/report.aspx?compid=46486 >	114
Figura 74 - MONTEYES, Xavier. <i>Le Corbusier Obras e Projectos</i> . Barcelona: Gustavo Gilli, 2005.	102		
Figura 75 - MONTEYES, Xavier. <i>Le Corbusier Obras e Projectos</i> . Barcelona: Gustavo Gilli, 2005.	102		

Figura 87 - L'ARCHITECTURE D'AUJOURD HUI. Paris, Número 1, Janeiro/ Fevereiro de 1975.....	115	Figura 100 - SMITHSON, Alison e Peter. The Charged Void: Architecture. New York: The Monacelli Press, 2001	130
Figura 88 – GOOGLE MAPS.....	116	Figura 101 - <bdonline.com.uk>	131
Figura 89 - <http://www.british.history.ac.uk/report.aspx?compid=46486>	116	Figura 102 - <bdonline.com.uk>	131
Figura 90 - SMITHSON, Alison e Peter. The Charged Void: Architecture. New York: The Monacelli Press, 2001.....	118	Figura 103 - <bdonline.com.uk>	132
Figura 91 – GOOGLE EARTH.....	119	Figura 104 –<bdonline.com.uk>.....	133
Figura 92 - <bdonline.com.uk>.....	120	Figura 105 - SMITHSON, Alison e Peter. The Charged Void: Architecture. New York: The Monacelli Press, 2001	136
Figura 93 - <bdonline.com.uk>.....	122	Figura 106 - SMITHSON, Alison e Peter. The Charged Void: Architecture. New York: The Monacelli Press, 2001	136
Figura 94 - Redesenho Renata Santiago Ramos.....	124	Figura 107 - SMITHSON, Alison e Peter. <i>Scatter</i> . ARCHITECTURAL DESIGN. Número 4, abril de 1959.....	140
Figura 95 - Redesenho Renata Santiago Ramos.....	125	Figura 108 - <bdonline.com.uk>	143
Figura 96 - Redesenho Renata Santiago Ramos.....	126	Figura 109 - ARCHITECTURAL DESIGN. London, Número 9, setembro de 1961	144
Figura 97 - <bdonline.com.uk>.....	126	Figura 110 - <bdonline.com.uk>	145
Figura 98 - SMITHSON, Alison e Peter. The Charged Void: Architecture. New York: The Monacelli Press, 2001.....	127	Figura 111 - SMITHSON, Alison e Peter. The Charged Void: Architecture. New York: The Monacelli Press, 2001	149

6.2. BIBLIOGRAFIA

PUBLICAÇÕES DE ALISON E PETER SMITHSON

- SMITHSON, Alison e Peter. ***The Charged Void: Urbanism.*** New York: The Monacelli Press, 2005.
- SMITHSON, Alison e Peter. ***The Charged Void: Architecture.*** New York: The Monacelli Press, 2001.
- LEWIS, John. ***Urban Structuring*** Studies of Alison & Peter Smithson. London : Studio Vista, 1987.
- SMITHSON, Alison e Peter, ***Ordinariness and Light: Urban Theories 1952-1960 and Their Application in a Building Project 1963-1970.*** The MIT Press: Cambridge, Massachusetts, 1970.
- SMITHSON, Alison e Peter. ***Without Rhetoric; an Architectural Aesthetic 1955-1972.*** The MIT Press: London/ Cambridge: Mass, 1973.
- SMITHSON, Alison (ed). ***Team 10 Primer.*** London: Studio Vista, 1968.
- SMITHSON, Alison (ed). ***Team 10 Meetings: 1953-1984.*** Delft:New York, 1991.

DEMAIS PUBLICAÇÕES

- MARTÍ ARÍS, Carlos (ed.) ***Las Formas de la Residência en la Ciudad: Vivienda y Ciudad em la Europa de Entreguerras.*** Barcelona: Upc, 2000.
- CURTIS, William J.R. ***Arquitetura Moderna Desde 1900.*** Tradução: Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2008.
- FRAMPTON, Keneth. ***História Crítica da Arquitetura Moderna.*** São Paulo: Martins Fontes, 1997
- MUMFORD, Eric. ***The Ciam Discourse on Urbanism, 1928-1960.*** Cambridge, Mass.: Mit Press, 2002.
- JENKS, Charles e KOPF, Karl (ed.). ***Theories and Manifestoes of Contemporary Architecture.*** Great Britain: Academy editions, 1997.
- MONTANER, Josep Maria. ***Después del Movimiento Moderno: Arquitectura de la Segunda Mitad del Siglo XX.*** Barcelona: Gustavo Gili, 1993.

- BANHAM, Reyner. ***El Brutalismo en Arquitectura***. Barcelona: Gustavo Gilli, 1967.
- BAKEMA, Jacob. ***Thoughts About Architecture***. London/New York, 1981.
- VIDOTTO, Marco. ***Alison and Peter Smithson: Work and Projects***. Barcelona, 1997.
- WEBSTER, Helena. ***Modernism Without Rhetoric: Essays on the Work of Alison and Peter Smithson***. London, 1997.
- JOHNSTON, Pamela. ***Architecture Is Not Made with the Brain: The Labour of Alison and Peter Smithson***. London, 2005.
- BARONE, Ana Cláudia Castilho. ***Team 10 Arquitetura como Crítica***. São Paulo: Fapesp, 2002
- CABRAL, Cláudia P.C. ***Grupo Archigram, 1967-1974: Uma Fábula da Técnica***. 2001. Tese (Doutorado em Arquitetura). Escola Tècnica Superior d'Arquitectura de Barcelona, Universitat Politècnica de Catalunya, Barcelona. 2001.
- VAN DEN HEUVEL, Dirk e RISSELADA, Max. ***Team 10 1953-1981, In Search of a Utopia of the Present***. Rotterdam: Nai Publishers, 2005. Disponível em: <www.team10online.org>
- MONTEYES, Xavier. ***Le Corbusier Obras e Projectos***. Barcelona: Gustavo Gilli, 2005.
- BOESINGER, W. e GIRSBERGER, H. ***Le Corbusier 1910-65***. Barcelona: Gustavo Gilli, 1995.
- BONDUKI, Nabil (Ed.). ***Affonso Eduardo Reidy***. Instituto Lina Bo e P. M. Bardi. Lisboa: Blau, 2000.
- DA SILVA, Rafael S.. O Conjunto Pedregulho e algumas Relações Compositivas. ***Cadernos de Arquitetura e Urbanismo***. Belo Horizonte, V. 12 nº 13, 2005.
- CORBUSIER, Le. ***Por Uma Arquitetura***. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- CORBUSIER, Le. ***The City of Tomorrow and Its Planning***. London: The Architectural Press, 1947.

ARTIGOS EM PERIÓDICOS POR ALISON E PETER SMITHSON

- SMITHSON, Alison e Peter. **Thoughts in Progress: the New Brutalism**. ARCHITECTURAL DESIGN. Número 4, abril de 1957.
- SMITHSON, Alison e Peter. **Letter to America**. ARCHITECTURAL DESIGN. Número 3, março de 1958.
- SMITHSON, Alison e Peter. **Scatter**. ARCHITECTURAL DESIGN. Número 4, abril de 1959.
- SMITHSON, Alison e Peter. **Signs of Occupancy**. ARCHITECTURAL DESIGN. Número 2, fevereiro de 1972.
- SMITHSON, Alison e Peter. **Collective Design: Reappraisal of Concepts in Urbanism**. ARCHITECTURAL DESIGN. Número 7, julho de 1974.
- SMITHSON, Alison e Peter. **The New Brutalism**. ARCHITECTURAL REVIEW. Abril de 1954.

DEMAIS ARTIGOS

- SORIANO, Federico. **Alison & Peter Smithson**. ARQUITECTURA. Número 292, julho de 1992.

- L 'ARCHITECTURE D 'AUJOURD HUI. **Team 10 + 20**. Edição especial. Número 177, janeiro/ fevereiro de 1975.
- EISENMAN, P. **Robin Hood Gardens, London E 14**. ARCHITECTURAL DESIGN. Número 9, setembro de 1972.
- FUÃO, Fernando F. **Brutalismo, a última trincheira do movimento moderno**. In: *Portal Vitruvius, arqutextos 007, 2001*. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/arqutextos/arq000/esp036.asp>>
- CABRAL, Cláudia P.C. **A Cidade Vertical: Conjunto Habitacional Rioja, Buenos Aires, 1968-1973**. In: ARQTEXTO número 12. Porto Alegre, 2009.
- CABRAL, Cláudia P.C. **Anatomía de La Calle Elevada**. In: *Patrimonio Moderno y Ciudad. 3er Seminario Docomomo Chile, Valparaíso, Pontificia Universidad Católica de Chile, 2009*.
- ARCHITECTURAL DESIGN. London, Número 6, junho de 1955.
- ARCHITECTURAL DESIGN. London, Número 9, setembro de 1961.